



U N I V E R S I D A D E   E S T A D U A L   P A U L I S T A

# PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**JOHNNY LUCAS BORGES ARAUJO**

A CIDADE DE OURINHOS, SUAS MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES HISTÓRICO-CARTOGRÁFICAS: OS KAINGANGS (SÉCULO XIX); A FERROVIA (A PARTIR DE 1908) E A MALHA URBANA (ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 E 1940)

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

**RIO CLARO  
2021**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE –**  
**Campus de Rio Claro**

JOHNNY LUCAS BORGES ARAUJO

**A CIDADE DE OURINHOS, SUAS MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES**  
**HISTÓRICO-CARTOGRÁFICAS: os Kaingangs (século XIX); a Ferrovia (a**  
**partir de 1908) e a malha urbana (entre as décadas de 1930 a 1940).**

Orientadora:

Profa. Dra. Andréa Aparecida Zacharias

*Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia.*

Rio Claro – SP  
2021

|       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A663c | <p>Araujo, Johnny Lucas Borges</p> <p>A cidade de Ourinhos, suas memórias e representações histórico-cartográficas : os Kaingangs (século XIX); a ferrovia (a partir de 1908) e a malha urbana (entre as décadas de 1930 a 1940). / Johnny Lucas Borges Araujo. -- Rio Claro, 2021</p> <p>155 p.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro</p> <p>Orientadora: Andréa Aparecida Zacharias</p> <p>1. Atlas Escolares Municipais. 2. Educação e Cartografia Escolar. 3. Memória. 4. Estudo do Lugar. I. Título.</p> |
|-------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JOHNNY LUCAS BORGES ARAUJO

**A CIDADE DE OURINHOS, SUAS MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES  
HISTÓRICO-CARTOGRÁFICAS: os Kaingangs (século XIX); a Ferrovia (a  
partir de 1908) e a malha urbana (entre as décadas de 1930 a 1940).**

*Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de  
Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro, da  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como  
parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em  
Geografia.*

Comissão Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Aparecida Zacharias (orientadora) – UNESP/Ourinhos

Prof. Dr.<sup>a</sup> Fabiana Lopes da Cunha - UNESP/Ourinhos

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciene Cristina Risso – UNESP/Ourinhos

Conceito: **Aprovado.**

Rio Claro, 18 de Junho de 2021.

O mundo em si não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui identidade, sem o nosso pensamento que lhe confere alguma ordem.

Viver, como talvez morrer, é recriar-se a cada momento. Arte e artifício, exercício e invenção no espelho posto à nossa frente ao nascermos. Algumas visões serão miragens: ilhas de algas flutuantes que nos farão afundar. Outras pendem em galhos altos demais para a nossa tímida esperança. Outras ainda rebrilham, mas a gente não percebe – ou não acredita. A vida não está aí apenas para ser suportada ou vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada.

Conscientemente executada. Não é preciso realizar nada de espetacular. Mas que o mínimo seja o máximo que a gente conseguiu fazer consigo mesmo.

(Lya Luft, **Perdas e ganhos**, 2004, p. 155)

Aos meus queridos pais, Lina e José, e a Diego, grande amigo,  
Agradeço e dedico.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais pelo apoio e suporte. Sei que inúmeros sacrifícios foram feitos ao longo de toda a minha formação, nunca os perco de vista. Obrigado por me ensinarem que mesmo sem estudos, pais são capazes de criar bem seus filhos e ensinar-lhes os valores de acordo com a retidão moral. Desejo que possam sentir orgulho de mim como sinto de vocês.

Em segundo lugar, agradeço minha orientadora, a Profa. Dra. Andréa Aparecida Zacharias, por ter me guiado ao longo da pesquisa e dado o suporte necessário e pela orientação, confiança e amizade, pois, para muito além das discussões teóricas e leituras críticas do texto. Os últimos dois anos foram de imensos desafios e exaustão, temperados com muitos problemas de saúde, que em muitos momentos me fizeram desacreditar da conclusão da pesquisa. Você incentivou-me em todos os momentos de dificuldade, compreendendo minhas limitações e acreditando em meu trabalho.

À Fabiana Lopes da Cunha, que me inspirou durante tantos anos e nutriu esperanças na possibilidade de vida acadêmica, quando isso era algo tão alheio às minhas vivências. O trabalho contigo no Centro de Documentação e Memória foi uma das razões de ter permanecido em Ourinhos durante a graduação, e ter descoberto o valor das memórias para a vida cotidiana.

Às professoras Luciene Cristina Risso e Amélia Regina Batista Nogueira, pelas contribuições na banca de qualificação do mestrado.

A Diego Azorli, devotado amigo, que me apoiou em todos os momentos da construção desse trabalho mesmo com centenas de quilômetros de distância, nossas conversas diárias me ajudaram a organizar ideias e a diminuir a ansiedade diante de tantas intempéries que surgiram. Essa pesquisa não teria sido concretizada sem você.

A Alusk Maciel, amigo que me acompanhou nos últimos nove anos em transformações e descobertas, apoiando-me sempre. Obrigado por tantas histórias!

Aos colegas da Escola Estadual Profa. Dora Maria Maciel de Castro Kanso, que me incentivaram a superar os desafios da sala de aula, e a construir uma prática pedagógica pautada no olhar, sensibilidade e acolhimento. Lilian Itaya, Erika Teixeira, Lidia Ramos, Thiago Conti, Cerise de Jesus, Natalia Quadrino e Magda dos Santos, serei eternamente grato pelo que fizeram por mim. Agradeço às gestoras Maria de Fátima Trevisani Moreira e Gláucia Teixeira pela ajuda em diversos momentos desde que

ingressei no mestrado, seja pelo apoio moral ou por auxiliar na obtenção dos afastamentos que me permitiram escrever esse trabalho.

À Maria Eleosina Rivogatti Malacrida, minha coordenadora pedagógica, que compartilhou sua experiência de quase cinquenta anos em escolas e me instruiu pacientemente desde o meu primeiro dia como docente.

Aos amigos da família Foglio, em especial a Marcelo, Mary Ann e Raquel, pelas longas conversas, risadas, companhia, apoio e preocupação ao longo dos últimos anos em que estive tão debilitado.

A Fernando Ramos e Yenny Agudelo, estimados amigos, por compartilharem tantos momentos e me ofertarem leituras de mundo tão ricas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Esta pesquisa é um desdobramento do Projeto “*Diferentes Linguagens no Estudo do Lugar: propostas e diálogos para Atlas Municipais Escolares*”, desenvolvido, no âmbito da Pós-Graduação em Geografia, pelo Grupo de Pesquisa em Geotecnologias e Cartografia – GEOCART, da Universidade Estadual Paulista – UNESP e pelos Professores Permanentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP/Rio Claro, credenciados na Linha de Ensino de Geografia, Cartografia e Cartografia Escolar, além de Professores convidados do Curso de Graduação em Geografia da UNESP/Ourinhos. Assim, seu objetivo agrega a prerrogativa de desenvolver uma análise sobre as geograficidades e historicidades que versam sobre a memória e a cidade como propostas para estudo temporal-espacial do lugar, por meio de Atlas Municipal Escolar, para os escolares do II Ciclo do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). E para isto, por meio do Eixo Temático 2 “Formação Territorial, Cultura e Memória”, do Atlas Escolar Municipal, esta dissertação de mestrado busca: a) recontar a história de Ourinhos/SP e seu processo de desenvolvimento até a década de 1940; b) resgatar as memórias do município por meio da análise de documentos históricos do Centro de Documentação e Memória (CEDOM) da UNESP/Ourinhos e do Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos; c) elaborar, organizar e agrupar os mapas históricos para fomentar discussões acerca da localização, memória, identidade, processos sociais e históricos do município, viabilizando, assim, conteúdos que possibilitem o estudo da localidade.

**Palavras-chaves:** Atlas Escolares Municipais; Educação e Cartografia Escolar; Memória; Estudo do Lugar.

## ABSTRACT

This research is an offshoot of the project “Different Languages in the Study of the Place: proposals and dialogues for School Municipal Atlas”, developed within the Postgraduate Program in Geography, by the Geotechnology and Cartography Research Group - GEOCART, from Universidade Estadual Paulista - UNESP and the Permanent Professors of the Graduate Program in Geography at UNESP / Rio Claro, accredited in the Geography, Cartography and School Cartography Teaching Line, as well as invited professors of the Undergraduate Course in Geography at UNESP / Ourinhos. Thus, its objective adds the prerogative of developing an analysis of the geographies and historicities that relate to time, memory, culture and the city, as proposals for temporal-spatial study of the place, through the Municipal School Atlas, for the students of the 2nd Cycle of Elementary School (6th to 9th grade). And for this, through the Thematic Axis 2 “Territorial Formation, Culture and Memory”, of the Municipal School Atlas, this master's dissertation seeks to: a) recount the history of Ourinhos / SP and its development process as a territory; b) retrieve the memories of the municipality by analyzing historical documents from the Documentation and Memory Center (CEDOM) of UNESP/Ourinhos and the Ourinhos Historical and Pedagogical Museum; c) besides elaborating, organizing and grouping the historical maps in possible didactic sequences, fomenting discussions about the location, memory, identity, social and historical processes of the municipality, thus enabling contents that allow the study of the locality.

**Keywords:** Municipal School Atlas; School Education and Cartography; Memory; Place Study.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                           |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 1.</b> Jornal <i>A Voz do Povo</i> .....                                        | 48  |
| <b>Figura 2.</b> Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus, na década de 1920.....                | 59  |
| <b>Figura 3.</b> Nova estação de trens de Ourinhos, na década de 1920.....                | 61  |
| <b>Figura 4:</b> Hotel Comercial, no final da década de 1930.....                         | 66  |
| <b>Figura 5:</b> Grupo Escolar em 1938.....                                               | 67  |
| <b>Figura 6:</b> Avenida Jacinto Sá nos anos 1940, após o nivelamento.....                | 70  |
| <b>Figura 7:</b> Lançamento da pedra fundamental da Santa Casa, em 1940.....              | 71  |
| <b>Figura 8:</b> Casa de Saúde – Dr. Hermelino de Leão, em 1937.....                      | 71  |
| <b>Figura 9:</b> Vista aérea de parte do centro de Ourinhos, em 1940.....                 | 72  |
| <b>Figura 10:</b> Vista aérea de parte do centro de Ourinhos, no final dos anos 1940..... | 72  |
| <b>Figura 11:</b> Cine Casino, na década de 1920.....                                     | 74  |
| <b>Figura 12:</b> Cine Theatro Casino em 1940.....                                        | 75  |
| <b>Figura 13:</b> Cine Ourinhos, logo após sua inauguração, em 1944.....                  | 78  |
| <b>Figura 14:</b> Avenida Jacinto Sá, na década de 1930.....                              | 80  |
| <b>Figura 15:</b> Rua 9 de julho, em 1933.....                                            | 80  |
| <b>Figura 16:</b> Rua 9 de Julho, em 1941.....                                            | 83  |
| <b>Figura 17:</b> Rua Paraná, em 1940.....                                                | 85  |
| <b>Figura 18:</b> Praça Mello Peixoto no início da década de 1930.....                    | 98  |
| <b>Figura 19:</b> Praça Mello Peixoto no final da década de 1930.....                     | 99  |
| <b>Figura 20:</b> Praça Mello Peixoto no final da década de 1930, sob dois ângulos.....   | 100 |
| <b>Figura 20:</b> Protótipo do Layout das Páginas do Atlas Municipal Escolar.....         | 113 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                          |    |
|----------------------------------------------------------|----|
| <b>Gráfico 1:</b> Despesas com a educação no Brasil..... | 16 |
|----------------------------------------------------------|----|

## **LISTA DE QUADROS**

|                                                                                                 |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1:</b> Proposta de Eixos Temáticos para o Atlas Escolar Municipal de Ourinhos/SP..... | 25 |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

## **LISTA DE FLUXOGRAMAS**

|                                             |    |
|---------------------------------------------|----|
| <b>Fluxograma 1:</b> Fases da pesquisa..... | 44 |
|---------------------------------------------|----|

## **LISTA DE TABELAS**

|                                                         |    |
|---------------------------------------------------------|----|
| <b>Tabela 1:</b> Prefeitos de Ourinhos (1919-1944)..... | 58 |
|---------------------------------------------------------|----|

## **LISTA DE MAPAS**

|                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Mapa 1:</b> Ocupação Kaingang até o século XIX.....               | 115 |
| <b>Mapa 2:</b> A Ferrovia (a partir de 1908) – Ourinhos/SP.....      | 117 |
| <b>Mapa 3:</b> A malha urbana (entre as décadas de 1930 a 1940)..... | 118 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| CAPÍTULO 1                                                                                                   |     |
| 1.1 INTRODUÇÃO.....                                                                                          | 14  |
| 1.2. Objetivos.....                                                                                          | 21  |
| 1.3 Justificativas do tema de pesquisa.....                                                                  | 22  |
| <br>CAPÍTULO 2: MEMÓRIA E LUGAR.....                                                                         | 26  |
| MÉTODOS E TÉCNICAS.....                                                                                      | 39  |
| 2.1. Cartografando os lugares.....                                                                           | 39  |
| 2.2 Procedimentos metodológicos.....                                                                         | 43  |
| 2.2.1 Fase I – Análise documental.....                                                                       | 45  |
| 2.2.2 Fase II - Interpretação dos relatos e construção de uma narrativa histórica da cidade de Ourinhos..... | 51  |
| <br>CAPÍTULO 3: CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA SOBRE A CIDADE DE OURINHOS ENTRE 1918 E 1944.....                    | 55  |
| 3.1 Útero do progresso.....                                                                                  | 55  |
| 3.1.2 Uma cidade pitoresca.....                                                                              | 78  |
| 3.1.3 A moral e os bons costumes.....                                                                        | 101 |
| 3.1.4 As pranchas do Atlas Municipal de Ourinhos .....                                                       | 113 |
| <br>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                                | 120 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                                                              | 122 |
| <br>ANEXOS.....                                                                                              | 138 |

## **CAPÍTULO 1**

### **1.1 Introdução**

No ano de 2008 desembarquei em Ourinhos trazendo na bagagem sonhos adolescentes e uma expectativa imensa de criar novas experiências. Eu havia completado dezoito anos a pouco, e concluído o ensino médio meses antes. Sentia esperanças em mudança de vida e possibilidade de ascensão social por meio dos estudos, algo muito veiculado naquele período do governo Lula, devido a prosperidade econômica que o país atravessava.

Aos pobres, como eu, que estudaram a vida toda na escola pública da periferia a universidade parecia algo mágico. Ao passar no vestibular um misto de incredulidade e satisfação tomaram conta de mim. Trajei-me de coragem e migrei a uma terra desconhecida. Nos meses subsequentes novas pessoas, cores, cheiros, lugares, vivências e laços foram criados. Por intermédio da professora Fabiana Lopes da Cunha, que me acolheu ternamente, tive contato pela primeira vez com um Centro de Documentação e temas que se tornaram paixões, como museus, patrimônio e memória. Esta última palavra adquiriu um novo sentido para mim. Tornou-se um passaporte para lidar com as adversidades materiais e emocionais que se levantaram ao longo de cinco anos de graduação. Tornei-me membro do Centro de Documentação e Memória da UNESP Ourinhos (CEDOM) e atuei em três projetos de extensão voltados à preservação da memória da cidade, entre eles um sobre memórias escolares, até desenvolver minha pesquisa de iniciação científica, contemplada com uma bolsa pela FAPESP. Incontáveis madrugadas passei na sala de nosso grupo trabalhando.

O tempo dedicado ao CEDOM/MEMPHIS me trouxe muitos frutos, sejam eles acadêmicos ou de vivências. Tecer memórias não é fácil, como já dizia Ecléa Bosi: “memória não é sonho, é trabalho”. Debrucei-me durante anos nos exemplares do jornal *A Voz do Povo*, descobrindo personagens, ouvindo vozes de um passado distante. A miscelânea de impressões que tive gerou um quadro sobre Ourinhos que está exposto neste trabalho. Esta cidade tornou-se familiar a mim, assim como personagens que hoje não mais existem fisicamente. Agradeço a todos aqueles, que emprestaram suas vozes para que este cenário fosse descrito. Inquietações foram instigadas por indícios que explicitavam as contradições existentes na urbe, para além do verniz e floreios que os sujeitos que recontavam a história da cidade faziam.

Após me formar retornei à Campinas e fui aprovado no concurso para professores da rede pública do Estado de São Paulo. Alguns meses depois iniciei minha carreira docente, na qual permaneço. Contudo, não sou uma pessoa que aplica camadas de maquiagem aos problemas para ignorar uma realidade árida. Estar em uma escola pública diariamente exige persistência e muita adaptação. A precarização é a regra. As adversidades são peças do cotidiano, muitas vezes naturalizadas. Desde a má remuneração<sup>1</sup>, a falta de estrutura, como passar um ano trabalhando com apenas um computador funcionando no que somente com muita ironia poderia ser chamado “laboratório de informática”, a falta de materiais para higienização, os problemas no prédio que apenas com doações da comunidade eram sanados, às violências que marcavam as relações entre os alunos, e entre eles e os professores<sup>2</sup>.

Bullying, agressões físicas e verbais não são casos isolados e alheios às vivências dos professores. De acordo com a *Folha de São Paulo*<sup>3</sup>, em média, dois professores são agredidos na rede estadual de educação em São Paulo diariamente. Neste mesmo estado, cerca de 334 professores pedem exoneração a cada mês<sup>4</sup> e a ausência dos profissionais chega a 30 dias por ano<sup>5</sup>. Temos de lidar e aprender a contornar todos esses problemas diariamente, o que gera desgaste<sup>6</sup> e desistência de muitos profissionais. O déficit chegou a 150 mil profissionais em 2015, segundo matéria do G1<sup>7</sup>. O descaso do poder público com a educação é revoltante, apesar do marketing que diz haver investimento e valorização do magistério. Como exemplo, o MEC fez um corte de R\$ 4,2 bilhões no orçamento das despesas discricionárias (não obrigatórias) para 2021, uma redução de 18,2% em relação ao orçamento aprovado para 2020<sup>8</sup>. Contudo, não se trata de uma

---

<sup>1</sup> Sobre a relação entre salário docente e educação, ler: BARBOSA, A. **Salários docentes, financiamento e qualidade da educação no Brasil**. In: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362014000200009](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000200009); e <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1649541-quatro-em-dez-professores-fazem-jornada-extra-para-compor-renda.shtml>.

<sup>2</sup> Para saber mais sobre o assunto da violência contra os professores, ler: <https://medium.com/@mmoregula/viol%C3%Aancia-contra-professores-%C3%A9-reflexo-da-desvaloriza%C3%A7%C3%A3o-da-profiss%C3%A3o-49ea7a2f04f4>.

<sup>3</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/09/1919146-sp-tem-quase-2-professores-agredidos-ao-dia-ataque-vai-de-soco-a-cadeirada.shtml>, acesso em 20 abr. 2021.

<sup>4</sup> <http://www.apoeesp.org.br/noticias/noticias-2017/cerca-de-334-professores-exoneram-a-cada-mes-em-sp/>, acesso em 20 abr. 2021.

<sup>5</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/07/19/03769-ausencia-de-professor-da-rede-publica-chega-a-30-dias-no-ano-no-estado-de-sp.shtml>, acesso em 20 abr. 2021.

<sup>6</sup> Ler mais em: BASTOS. **O mal estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG**.

<sup>7</sup> <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/02/aumenta-o-numero-de-professores-que-abandonam-salas-de-aula.html>.

<sup>8</sup> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/08/10/orcamento-do-mec-preve-corte-de-r-42-bilhoes-para-2021.ghtml>.

situação deste ano. Desde 2016 os cortes na verba para educação estão cada vez maiores. Segundo dados do Tesouro Nacional os valores (corrigidos pela inflação) ultrapassaram de R\$ 100 bilhões em 2016. Todavia, em 2019, já haviam retrocedido<sup>9</sup> para R\$ 92,37 bilhões. No gráfico abaixo podemos averiguar tal situação:

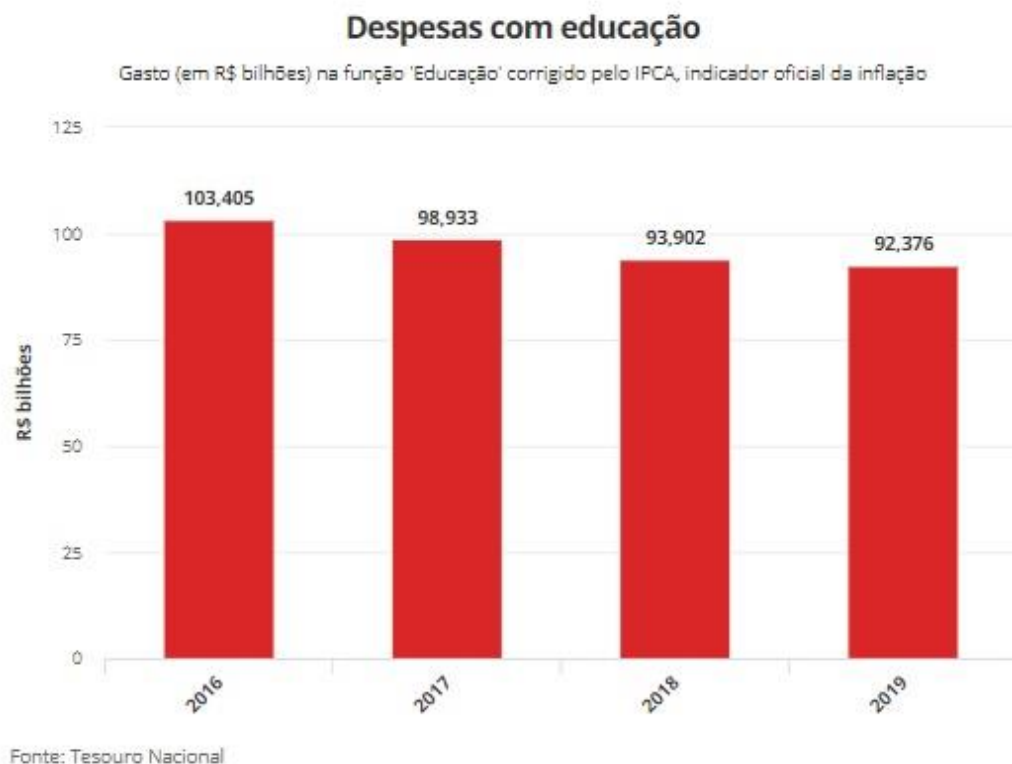


**Gráfico 1:** Despesas com a educação no Brasil.

Desde o início da pandemia mais cortes<sup>10</sup> foram implementados, e a única ação federal efetiva relacionada à Covid-19 voltada às escolas de educação básica foi a transferência de R\$ 672 milhões para um programa que envia dinheiro às unidades educacionais, o chamado PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola). Como comparação, esse montante não chega 15% do recurso que a educação básica perdeu no ano passado na comparação com o ano anterior. Em 2020, o governo retirou R\$ 1,4 bilhão do MEC para financiar obras federais gerenciadas por outras pastas. Em 2010, por exemplo, a pasta pagou R\$ 36 bilhões em despesas com educação básica; e, em 2020,

<sup>9</sup> De acordo com um estudo realizado pela ONG Todos Pela Educação, o Ministério da Educação (MEC) na gestão Bolsonaro repassou cerca de R\$ 42,8 bilhões a estados e municípios para a educação básica, sendo R\$ 32,5 bilhões em despesas pagas – o que resulta em cerca de R\$ 17 por aluno no ano. É o menor orçamento desde 2011. O valor ainda é 10,2% menor que em 2019. Ler mais em: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro/r-17-por-aluno-com-bolsonaro-mec-tem-menor-investimento-na-educacao-basica-em-10-anos/>.

<sup>10</sup> <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/pais/na-pandemia-mec-registra-o-menor-gasto-para-educacao-basica-da-decada-1.3050417>, acesso em 20 abr. 2021.

apenas R\$ 32,5 bilhões foram de fato gastos. Além disso, o presidente vetou<sup>11</sup> um projeto que visava distribuir internet gratuitamente aos alunos e professores da rede pública para minimizar a desigualdade de acesso à informação, o que gerou muito protesto.

Darcy Ribeiro em 1977, numa palestra que ele chamou de “*Sobre o Óbvio*”, num Congresso da SBPC proferiu a seguinte frase “a crise da educação no Brasil não é uma crise, é um projeto”. A alienação do povo sempre foi uma tática das elites dominantes do Brasil, e essa estratégia é tão eficaz que ela foi retomada com veemência pelo governo militar visando a manutenção do poder das elites, e com o neoliberalismo forçando entrada nos países na atual década, ela é amplamente praticada. É um projeto e tem uma base ideológica forte, travestida de inovadora, inclusiva e “empreendedora”.

Nesse contexto, com tantas intempéries, ousar dizer que a educação em nosso país é um milagre, pois está em pé graças a união dos trabalhadores que atuam nas escolas e desenvolvem estratégias para resolver problemas de toda ordem com muito improviso, desde a venda de rifas e festas para arrecadação de fundos, mutirões para ordenar o espaço escolar, aos auxílios às famílias carentes com doações de cestas básicas, sem deixar de ofertar apoio emocional aos alunos, motivando-os e cultivando neles alguma esperança de mudança. Concordo com a reflexão de Fernando Sabino:

de tudo ficaram três coisas: a certeza de que estamos começando, a certeza de que é preciso continuar e a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar; fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura um encontro. (SABINO, 1967, p. 154).

A escola torna-se significativa na vida da comunidade em que está inserida à medida que constrói laços afetivos e de pertencimento. É preciso tornar aqueles prédios em lugares. As experiências vivenciadas pelos sujeitos nestes espaços marcam profundamente suas vidas. Memórias são criadas. Escolas são lugares de memória por excelência.

Adentrei o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP em 2018, após o diálogo com a minha querida orientadora Andréa Aparecida Zacharias, visando a construção de parte do Atlas Municipal de Ourinhos que estava em aberto. Para tanto, eu teria de fazer a análise dos documentos históricos do início da cidade e extrair informações, visando suprir a lacuna existente nos mapeamentos realizados por colegas

---

<sup>11</sup> <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/03/19/bolsonaro-veta-projeto-que-daria-internet-gratis-a-alunos-e-professores.htm>, acesso em 20 abr. 2021.

do mesmo projeto no período anterior a 1944. Com isso, voltei aos materiais do CEDOM e me enveredei na busca de vestígios da história de Ourinhos.

Tive de conciliar o trabalho na escola com os meus estudos, algo extremamente desafiador e desgastante. Revezei-me entre a preparação de aulas e atividades, da correção de todo o material de sala de aula, e as leituras dos textos da pós-graduação. Um incômodo muito grande veio por atestar a diferença entre a geografia acadêmica e a escolar, e o quanto a universidade se encerrava dentro de seus muros e privilégios, ignorando a realidade das massas, a despeito de dizer estudar sobre e para ela. Externalizei isso em várias situações, não sem gerar mal estar nos ouvintes. É muito simples criar soluções mirabolantes para a educação, desconhecendo ou ignorando as vivências da escola pública. O dia a dia no “chão da fábrica” convivendo com a precariedade nos deixa desconfiados de qualquer verniz. Começamos a valorizar ações simples, mas de efetiva aplicação.

Deste modo, refletir sobre escola, ensino e conteúdo curricular concerne em reconhecer que a configuração do mundo atual na sociedade da informação apresenta novas formas de compreender os tempos e os espaços. Portanto, devem-se ter novas formas de considerar o ensino de Geografia.

Tal reflexão nos leva a pensar que as políticas públicas de educação voltadas para o ensino específico de Geografia têm sua proposição mais forte nos documentos dos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, que servem de referência para os demais documentos, inclusive para os livros didáticos e para os exames nacionais de avaliação. O primeiro destes documentos, com data de 1997, destaca:

o ensino de geografia pode levar os alunos a compreenderem de forma mais ampla a realidade, possibilitando que nele interfiram de maneira mais consciente e propositiva. Para tanto, porém, é preciso que eles adquiram conhecimentos, dominem categorias, conceitos e procedimentos básicos com os quais este campo do conhecimento opera e constitui suas teorias e explicações, de modo a poder não apenas compreender as relações socioculturais e o funcionamento da natureza às quais historicamente pertence, mas também conhecer e saber utilizar uma forma singular de pensar sobre a realidade: o conhecimento geográfico (BRASIL, 1997, p. 108).

Segundo Yves Lacoste (1988), a geografia escolar, a “geografia dos professores”, está pautada no ensino mnemônico, decorativo, sendo a única disciplina escolar sem aplicação prática fora do ensino. Com a renovação da Geografia, na década de 1980, o ensino tradicional, considerado obsoleto, experimentou novas perspectivas. No Brasil,

estas críticas, provenientes de segmentos da sociedade engajados na democratização do país, fundamentam-se na necessidade de se estabelecer a dimensão de tempo na investigação do espaço geográfico, de forma a desvendar as origens e os processos de evolução dos diferentes fenômenos geográficos.

A contestação e intenso debate ao ensino de Geografia ocasionaram num processo de discussão e reformulação curricular no âmbito do Estado, desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo em 1996, sinalizando novos rumos para o ensino de Geografia.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997) ainda levam em consideração estas transformações, valorizando o modo como o aluno apreende o mundo em que vive e introduzindo novos temas no currículo da disciplina, tais como a **alfabetização cartográfica**, que consiste no processo de ensino/aprendizagem para que o estudante consiga compreender todas as informações contidas no mapa. Segundo Simielli (1999, p. 98), essa alfabetização supõe o desenvolvimento de noções de:

- visão oblíqua e visão vertical;
- imagem tridimensional, imagem bidimensional;
- alfabeto cartográfico: ponto, linha e área;
- construção da noção de legenda;
- proporção e escala;
- lateralidade / referências, orientação.

Ao assimilar esses conceitos, o estudante se sentirá confortável perante um mapa, conseguindo extrair informações ou compor, por si só, outro mapa, fundamentado nestas e/ou outras informações. O estudante terá consciência do quanto a Cartografia faz parte da sua vida diariamente e não a verá mais como algo abstrato e preso aos livros e falas de seus professores.

Deste modo, aos objetivos estabelecidos para o ensino-aprendizagem da Geografia na educação básica, deve-se considerar as seguintes finalidades PCN's (1997):

desenvolver no aluno os domínios de espacialidade e deslocar-se com autonomia; reconhecer princípios e leis que regem os tempos da natureza e o tempo social do espaço geográfico; diferenciar e estabelecer relações dos eventos geográficos em diferentes escalas; elaborar, ler e interpretar mapas e cartas; distinguir os diferentes aspectos que caracterizam a paisagem; estabelecer múltiplas interações entre os conceitos de paisagem, lugar e território; reconhecer-se, de forma crítica, como elementos pertencentes e transformados do espaço geográfico, utilizar os conhecimentos geográficos para agir de forma ética e solidária, promovendo a consciência ambiental e o respeito à

igualdade e diversidade entre todos os povos, todas as culturas e todos os indivíduos (BRASIL, 1997. p. 98-99).

Desde então, o ensino de Geografia na educação básica deve priorizar o estudo do território, da paisagem e do lugar em suas diferentes escalas, rompendo com uma visão estática, na qual a natureza segue o seu curso imutável e irreal enquanto a humanidade é vista como uma entidade a ser estudada à parte, como se não interagisse com o meio.

Para que o rótulo que Lacoste (1988) aponta, o de “disciplina decorativa” seja perdido, é preciso que seja ensinado aos alunos a leitura de mundo, em que o sujeito se entenda como pertencente a um território, com identidade, laços afetivos ao espaço vivido, buscando interpretar formas e significados da paisagem, pois

saber ler uma informação do espaço vivido significa saber explorar os elementos naturais e construídos presentes na paisagem, não se atendo apenas à percepção das formas, mas sim chegando ao seu significado. A leitura do lugar de vivência está relacionada, entre outros conceitos, com os que estruturam o conhecimento geográfico, como, por exemplo, localização, orientação, território, região, paisagem, espaço e tempo (CASTELLAR, 2005, p. 215).

Mesmo com todos os obstáculos, os alunos das escolas públicas têm direito a um ensino com qualidade. Merecem uma formação ampla e sólida que faça sentido em suas vidas para compreenderem, por exemplo, as contradições sociais que permeiam seus cotidianos. Faz-se necessário incentivar o olhar com apreço pelos lugares onde desenvolvem suas existências e constituem suas identidades, e que isso possa servir como fonte de luta por melhorias. Este trabalho não tem a ambição de ser uma solução mágica para a educação, mas de trazer uma ferramenta de trabalho que possa auxiliar o estudo da localidade. “Por meio do estudo dos lugares, feito com os mapas de suas cidades, os alunos apropriam-se de um instrumento de exploração de territórios existenciais e cognitivos” (AGUIAR, 2003, p.198).

Nesta perspectiva, o intuito de pesquisar sobre a história de Ourinhos e elaborar os mapeamentos que retratam a dinâmica espacial através do tempo advieram da necessidade de suprir lacunas existentes nos documentos oficiais no período inicial da cidade, que compreendem os anos de 1918 a 1944. Através da parceria com o CEDOM/MHPO<sup>12</sup> tivemos acesso a exemplares de um jornal (*A Voz do Povo*) que possibilitaram construir uma narrativa histórica, e organizar as pranchas com mapas

---

<sup>12</sup> Centro de Documentação e Memória da UNESP Ourinhos (CEDOM) e Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos (MHPO).

mentais que compoem as páginas do Eixo 2 – “Formação Territorial, Cultura e Memória” do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos.

Sendo um material (para) didático, surgiu ante nós o desafio de criar uma narrativa histórica que não mantivesse o silenciamento e exclusão de grupos que viveram em Ourinhos no início do século XX e criar um material que servisse à formação dos professores que atuarão na rede, além de futuramente transpor tais dados de maneira didática para alunos de 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental num material posterior.

Justifica-se primeiro pela importância do tema e, segundo por agregar metodologias que potencializam a relação de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Neste sentido, um Atlas Municipal Escolar se apresenta como um material (para) didático e científico, importante no desenvolvimento do pensamento espacial e nos raciocínios histórico-geográfico-ambiental-cartográfico, em sala de aula, que pode ser utilizado tanto por professores quanto por alunos, no qual se espera conseguir uma contribuição para o desenvolvimento da ciência geográfica na temática.

## **1.2 OBJETIVOS**

Esta pesquisa tem como **objetivo geral** desenvolver análises sobre as historicidades do Município de Ourinhos/SP que versam sobre a memória, a cultura e a cidade, como propostas para o estudo espacial e temporal do lugar por meio de Atlas Municipal Escolar, voltados para os escolares do II ciclo do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano).

E para obter a proposta maior, este projeto tem como **objetivos específicos**:

- a) resgatar as memórias do município de Ourinhos por meio da representação cartográfica;
- b) analisar documentos históricos do CEDOM/MHPO entre os anos de 1918 e 1944 e as transcrições das entrevistas com antigos moradores realizadas por ROMERO, F. S; MORAES, R. R (2004);
- c) apresentar a memória coletiva, como possibilidade para o estudo sobre o lugar;
- d) elaborar, organizar e agrupar mapas que fomentem discussões acerca da memória, identidades sociais e históricas do município, propondo, assim, conteúdos que possibilitem o estudo da localidade de Ourinhos/SP com base no Eixo 2.

### **1.3 JUSTIFICATIVAS DO TEMA DE PESQUISA E OS DIFERENTES UNIVERSOS**

#### **1.3.1 O Projeto Regular- Atlas Municipal Escolar de Ourinhos/SP**

Como dito anteriormente, esta dissertação de mestrado é um desdobramento do Projeto “*Diferentes Linguagens no Estudo do Lugar: propostas e diálogos para Atlas Municipais Escolares*”. Desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Geotecnologias e Cartografia - GEOCART da Universidade Estadual Paulista – UNESP, conta com a participação de Professores permanentes do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP/Rio Claro e será desenvolvido nos Laboratórios de “Educação Continuada e Produção de Material Didático” e de “Análise Espacial Aplicada às Políticas Públicas”, ambos do Centro de Análise e Planejamento Ambiental – CEAPLA, que é uma Unidade Auxiliar do IGCE/RC. Assim, explicita uma proposta metodológica para a elaboração de um material (para) didático que viabiliza o estudo do lugar, por meio de Atlas Municipal Escolar, para os alunos de 6º ao 9º ano (II Ciclo) do Ensino Fundamental.

Apresentando-se dentro de quatro recortes interdisciplinares - **o Geográfico, o Histórico, o Ambiental e o Cartográfico** - a proposta se torna inovadora, das publicadas no meio científico, por trazer novos diálogos para os Atlas Municipais Escolares, a partir do uso de linguagens diferenciadas entre si, compostas por quatro versões de Atlas: a **versão Analógica** (*linguagem analógica*), a **versão Digital Interativa** (*linguagem digital*), a **versão Cinematográfica** (*linguagem audiovisual*) e a **versão Tátil** (*linguagem tátil*), voltadas para a mediação do ensino-aprendizagem em sala de aula e que convergem para o estudo do lugar, por meio do espaço vivido, percebido e concebido pelos escolares – o município. E para esta primeira aplicação, a área piloto, para desenvolvimento desta metodologia será o Município de Ourinhos/SP. (ZACHARIAS, 2017).

Nesta lógica, um atlas escolar municipal<sup>13</sup> oferece a vantagem de estimular o estudo da localidade ao apresentar aspectos que abordam as dimensões geográfica, histórica, ambiental, social, cartográfica, entre outras, revelando as características que tornam o município em estudo único.

No sentido de responder às perguntas “onde”, “em que época”, “porque nesse lugar” e “quais as transformações socioambientais” demonstram a importância do Atlas

---

<sup>13</sup> Vale destacar que, no Projeto definimos um Atlas Municipal Escolar como uma coleção de mapas a respeito do espaço local, cuja finalidade é reunir informações gráficas, iconográficas e textuais que levem o estudante à leitura espacial do lugar que, neste caso, é representado pelo município.

Municipal Escolar, que numa tentativa de ir além da simples localização e representação, visa buscar um resgate da geograficidade e historicidade do município em estudo. (ZACHARIAS et al., 2012, p. 130).

E para isto, a autora aponta que “[...] a proposta de apresentar seus conteúdos organizados em eixos temáticos amplia a possibilidade de um lado dos temas dialogarem entre si e, de outro a mediação do professor ao conhecimento pedagógico de acordo com a série (o ano) e o conteúdo abordado” (ZACHARIAS et al., 2012, p. 130).

Segundo Zacharias (2012) as contribuições dos Recortes Temáticos no Atlas Municipal Escolar são:

[...] **GEOGRAFIA:** No estudo da Geografia são fundamentais os destaques para o ensino-aprendizagem da dinâmica espacial. Explicitar que a Geografia estuda as relações sociedade-natureza na busca de explicações para a organização do espaço, a qual tem raízes nas relações sociais de trabalho. Assim os conceitos de lugar, espaços (natural e construído), paisagens, diferentes territórios (urbano e rural), imigração, expansão urbana, indústria e agroindústria, transportes, serviços e infraestrutura urbana, escalas e as várias formas de representação (mapa, imagens e fotografias aéreas), relevo, bacias hidrográficas tornam-se seu foco de análise. **HISTÓRIA:** Já o estudo da História permite reviver o clima de uma época, a saudade de um tempo. Desta forma desperta nos alunos a toponímia, o interesse pela história de sua cidade, o resgate de sua identidade e a busca de sua cidadania. A reconstrução da história de um local é trabalho amplo, desencadeia um conjunto de forças no imaginário individual e coletivo de todos. **AMBIENTAL:** Quanto aos aspectos ambientais, e Meio Ambiente, atualmente o compromisso pela sua preservação vem ganhando destaque nos diversos segmentos da sociedade devido às transformações oferecidas pelo mundo contemporâneo. A própria Constituição Brasileira em seu art. 255 - parágrafo 1º do Capítulo VI do Meio Ambiente/Lei 6.939 de 31/08/81 - prevê que “todos têm direito a um ambiente ecologicamente equilibrado, uma vez que se trata de um bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”. Assim, promover a educação ambiental, em prol do município, respeitando-se as ciências naturais, em todos os níveis de ensino bem como a conscientização pública para a preservação ambiental torna-se ato de cidadania. **LINGUAGEM CARTOGRÁFICA:** Por outro lado, em relação à elaboração da linguagem cartográfica não se pode perder de vista sua função social em Atlas Escolares. Compreender e utilizar a representação cartográfica, sem dúvida alguma, amplia as possibilidades dos alunos extrair, comunicar e analisar informações em vários campos do conhecimento geográfico, além de contribuir para uma melhor interação com a espacialidade dos fenômenos estudados (ZACHARIAS, 2017, pp. 13-14, grifo nosso.)

Deste modo, as quatro versões, que constam no projeto, devem ser elaboradas e analisadas, tendo como base os seis eixos compostos de temas envolvendo questões acerca da:

1) Localização e Identidade – Em que se situa o município nas diversas escalas geográficas, além de apresentar os elementos que tornam Ourinhos/SP único;

2) Formação Territorial, Cultura e Memória – Revela a história de Ourinhos/SP e seu processo de desenvolvimento enquanto território, resgatando as memórias através de documentos históricos;

3) Cidade, Sociedade e Natureza – Apresenta caracterizações da sociedade ourinhense bem como os aspectos físicos e naturais de seu território, sendo, portanto, amplamente geográfico;

4) Áreas Verdes, Lazer e Potencialidades Turísticas – Enfatiza os recursos naturais que Ourinhos/SP possui e, apresenta todo um desdobramento das potencialidades desta característica;

5) Serviços e Infraestrutura – Descreve a cidade e atea discussões sobre os problemas urbanos de Ourinhos/SP; e

6) Política, Planejamento e Sustentabilidade – Complementa o fecho trazendo discussões acerca da importância do planejamento, plano diretor nas políticas municipais com possíveis soluções para os problemas elencados.

O Quadro 1 apresenta as propostas dos eixos temáticos que compõem o Atlas Municipal Escolar de Ourinhos/SP, Figura 1, em sua versão final.

| Eixo 1: Localização e identidade                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1º Sub-tema: Onde estamos na Terra                                                                                                                                                                                                                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O município de Ourinhos;</li> <li>• Ourinhos na região de governo;</li> <li>• Ourinhos na região administrativa;</li> <li>• A região administrativa no estado de São Paulo;</li> <li>• O estado de São Paulo no Brasil;</li> <li>• O Brasil na América;</li> <li>• A América no mundo.</li> </ul>                                                   |
| 2º Sub-tema: Nossa localização nas bacias hidrográficas                                                                                                                                                                                                              | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ourinhos na bacia hidrográfica do médio Paranapanema;</li> <li>• A vertente paulista da bacia hidrográfica do Paranapanema;</li> <li>• A bacia do Paranapanema no estado de SP;</li> <li>• A bacia do Paranapanema no Brasil;</li> <li>• Divisão política administrativa (urbano x rural);</li> <li>• Divisão regional (urbano x rural).</li> </ul> |
| Eixo 2: Formação territorial, cultura e memória                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sítios arqueológicos e os primeiros habitantes;</li> <li>• A ocupação do território e os nativos;</li> <li>• O início do povoamento e a origem de Ourinhos;</li> </ul>                                                      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• A ferrovia e as fazendas de café;</li> <li>• Imigração e cultura.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Eixo 3: Cidade, Sociedade e natureza                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• A Evolução Geológica</li> <li>• O relevo e a declividade;</li> <li>• O Clima e o regime pluviométrico</li> <li>• Os solos, a fertilidade e os problemas de erosão</li> <li>• A cana de açúcar e a agroindústria;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso e ocupação da terra;</li> <li>• Os Recursos hídricos e a extração de argila;</li> <li>• Formação e expansão urbana;</li> <li>• Ferrovia e espaço urbano;</li> <li>• Os córregos urbanos;</li> <li>• Indicadores sociais e a Qualidade de Vida</li> </ul>                                                                                        |
| Eixo 4: Áreas verdes, lazer e Potencialidades Turísticas                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mata ciliar (urbana e rural);</li> <li>• Áreas verdes urbanas;</li> </ul>                                                                                                                                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• O parque ecológico;</li> <li>• Áreas de Lazer e potencialidades turísticas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Eixo 5: Serviços e infra estrutura                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Serviços (órgãos federais, estaduais, municipais e particulares);</li> <li>• Serviços de Saúde; Segurança pública e Sistema educacional;</li> <li>• A rede viária e Transportes públicos;</li> <li>• Aeroporto;</li> </ul>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comércio;</li> <li>• Indústrias e o distrito industrial;</li> <li>• O saneamento básico (captação, tratamento e distribuição de água);</li> <li>• As caixas d'água;</li> <li>• Resíduos sólidos;</li> <li>• Coletas de lixo.</li> </ul>                                                                                                             |
| Eixo 6: Planejamento e Sustentabilidade Ambiental                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• O Plano Diretor Municipal;</li> <li>• As Propostas de Zoneamento;</li> <li>a) Padre Lebrez da década de 1950</li> </ul>                                                                                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>b) Funcionalista da década de 1980</li> <li>c) Participativa da década de 2006</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                             |

**Quadro 1:** Proposta de Eixos Temáticos para o Atlas Escolar Municipal de Ourinhos/SP. Elaboração: ZACHARIAS, 2012.

Havia sido pensado inicialmente na aplicação com os estudantes da escola parceira de Ourinhos<sup>14</sup>, visando a avaliação constante do material e reflexão das práticas pedagógicas. Contudo, num contexto de pandemia de COVID-19 e ensino remoto, essa ideia se tornou inviável. O isolamento social tornou-se necessário para mantermos a integridade de nossas vidas e evitarmos contaminações. Nossos mapas (analógicos) foram pensados para a aplicação presencial. Não havendo essa possibilidade finalizamos a pesquisa na etapa de elaboração das pranchas do Atlas Escolar.

<sup>14</sup> A escola parceira é a EMEF Adelaide Pedroso Racanello.

## CAPÍTULO 2: MEMÓRIA E LUGAR

Nosso trabalho discute aproximações entre representações espaciais e memória. Não se trata de algo novo, mas é pouco abordado na literatura da memória. Alguns autores que debatem a relação espaço e memória, ainda que em diferentes perspectivas são Jacques Le Goff (1990), Maurice Halbwachs (1990), Pierre Nora (1993), e Paul Ricœur (1993).

Como outra forma para se compreender o passado temos a memória coletiva, vinculada então a um novo conceito dentro da História, o das “mentalidades”<sup>15</sup>. A memória coletiva, baseada na história das mentalidades, reúne os saberes, as experiências, as emoções vividas e que, por alguma razão, as elegemos para serem guardadas em nossas memórias, estabelecendo o que a Geografia, especificamente, pela Cartografia Escolar nos chama a atenção, como espaço vivido, onde temos a relação de pertencimento, transforma-se no espaço percebido e concebido por já estarem guardados em nossa memória.

Nesta perspectiva, compartilhando textualmente com as reflexões de Ecléa Bosi (1994):

qual a função da memória? Não reconstrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. (BOSI, 1994, p. 89).

Maurice Halbwachs nas décadas de 1920 e 1930, já havia dito que a memória não deve ser entendida apenas como um fenômeno individual, mas sim, social ou coletivo, ou seja, como algo construído coletivamente e suscetível a transformações e mudanças espaciais-temporais constantes. O sentido de memória coletiva foi trabalhado por ele em seu livro “*Os quadros sociais da memória*” (1925) em que discute as teorias do filósofo Henri Bergson sobre a dupla memória. Esta se divide em: memória como esforço de devolução do passado e a memória pura, que surge por acaso, sem que possamos forçá-la, mas que nos restitui o passado na sua integralidade com seus ambientes. Ecléa Bosi explica o conceito de Bergson da seguinte forma: “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência

---

<sup>15</sup> O conceito de mentalidades foi desenvolvido principalmente por Michel Vovelle, durante a publicação do livro **Ideologias e Mentalidades**, publicado pela Editora Brasiliense, no ano de 1987.

na forma de imagens-lembrança. A memória pura seria a imagem presente nos sonhos” (BOSI, 1994, p. 53).

Diante desta visão da memória, especificamente individual, Maurice Halbwachs, em 1925, propõe a existência de outra memória, a coletiva - memória de um grupo, de uma comunidade. Esta memória coletiva é fruto de uma reconstrução racional do passado. Distante de observar nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou de violência simbólica, ele acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a solidariedade, este conceito do sentido durkheimiano, de vínculo entre os indivíduos do corpo social.

Jacques Le Goff (2003) nos explica o processo da seguinte forma:

fenômeno individual e psicológico (*cf. soma/psiche*), a memória liga-se também à vida social (*cf. sociedade*). Esta varia em função da presença ou da ausência de escrita (*cf. oral/escrito*), e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (*passado/presente*), produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever a história (*cf. filologia*), acumular objetos (*coleção/objeto*). A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social (*cf. espaço social*) e político (*cf. política*): trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos (*cf. imaginação social, imagem, texto*), que falam do passado, em suma, de certo modo de apropriação do tempo (*cf. ciclo, gerações, tempo, temporalidade*) (LE GOFF, 2003, p. 419).

Tanto Pollak (1992) quanto Bosi (1994) declararam que memória é trabalho, visto que há um processo de seleção das informações recebidas e que serão conservadas. As imagens armazenadas poderão ser acessadas depois, quando existir necessidade. A rememoração dessas imagens passadas arquiteta a história de vida e permite nos situar no tempo e espaço. No entanto, ao trazer à tona a imagem dos eventos passados não o faremos em sua totalidade, porque ao processarmos informações passadas selecionamos apenas aquelas que nos foram importantes. Um ponto importante a frisar é que o ato de lembrar não é reviver o passado exatamente como ocorreu, mas reconstruí-lo com base no momento atual.

A memória é fundamental a um grupo porque está ligada à construção de sua identidade. Ela é fruto de um trabalho de seleção e organização do que é vital para o sentido de pertencimento, de continuidade, de unidade, assim sendo, de identidade; e “permite a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações” (BOSI, 1994, pp. 46-47). Assim, a experiência de ouvir as histórias de vida das pessoas permite reconstruir o presente, tomando-se por base histórias individuais e visando a caminhar para o entendimento de uma história comum e

fortalecer as identidades coletivas e as relações sociais no presente. Concordamos com a reflexão de Pollak (1992):

ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em relação aos critérios de aceitabilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que a memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou grupo (POLLAK, 1992, p. 5).

Tal identidade está intimamente ligada à cultura, que, segundo Claval (2005, p. 63) “é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas, e em outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte”. Nos diz ainda que, “a escrita faz o tempo e o espaço triunfarem” (idem, p. 67), uma vez que

a invenção de códigos gráficos para traduzir a linguagem traz um progresso decisivo e uma mudança importante na eficácia e na riqueza das culturas. A preservação das experiências do passado não depende apenas da memória dos indivíduos: ela é assegurada pelas inscrições gravadas na pedra ou nas tábuas de argila, os signos traçados em suportes de madeira, pergaminhos, papiros, e mais tarde papel (ibidem).

Com a memória, nomeia-se o que está ausente, o que aconteceu, mas que de alguma forma ainda está presente, pois se dá um sentido ao que uma comunidade ou sociedade vivenciou e para que esse vivido tenha uma continuidade na memória, é preciso praticar. Ao longo do tempo os atores deixam rastros de sua identidade corporificados na história e nos espaços e também fazem parte da memória.

Portanto, pessoas são sujeitos com identidades pessoais e coletivas; “es la autopercepción de un sujeto en relación con los otros, a lo que corresponde a su vez, el reconocimiento y la apropiación de los otros sujetos” (GIMÉNEZ, 1997, p. 4), para a qual emerge e se declara apenas no enfrentamento de outras identidades no processo de interação social.

A identidade não é estática, mas dinâmica, é viva e está sempre em construção. Um mecanismo móvel, continuamente formado e transformado, em relação às formas como os atores se representam ou se atribuem nos sistemas culturais que os rodeiam. Por isso, segundo Marcela Gleizer (1997, p.18), falar em um conceito de identidade é cada vez mais difícil e um estudo sobre ele será determinado por inúmeras variáveis cruzadas, dos mais diversos locais do planeta, além de os locais e regionais, formando uma equação muito complexa e de difícil solução.

Por outro lado, o historiador francês Marc Bloch trabalha na linha das ideias de Halbwachs, afirmando que, em primeiro lugar, a memória não conserva o passado, mas sim, o reconstrói, sempre, com bases no presente. Assim sendo, toda memória é um esforço. Em segundo lugar, ele enfatiza todos os traços sociais existentes nas lembranças individuais, visto que todas as lembranças, por mais ínfimas que sejam, estão relacionadas com um sistema de valores, preceitos e experiências mais amplo. Deste ponto, não podemos considerar memória individual e memória coletiva separadamente. E em terceiro lugar, Bloch insiste na importância da transmissão: para que um grupo social se lembre não basta que seus diversos membros mantenham traços do passado do grupo; é preciso também que estas lembranças sejam transmitidas aos mais jovens.

Por volta dos anos 70, junto ao movimento de renovação da História, a questão da memória coletiva voltou a cair nas graças dos acadêmicos. Na França, no trabalho coletivo iniciado por Pierre Nora<sup>16</sup>, surge a noção de sociedades memoriais, para descrever nossas sociedades contemporâneas, invadidas por memórias múltiplas.

Outros trabalhos foram de grande importância, sobretudo, a memória como enquadramento, o lugar das memórias subterrâneas e a articulação entre esquecimento e memória. O historiador Henry Rousso utiliza o termo de memória “enquadrada”, que considera mais específico do que memória coletiva. Diz-se “enquadrada” pelo “trabalho de enquadramento”. Michael Pollak, por sua vez, teve sua preocupação voltada com as ditas “memórias subterrâneas” em referência às camadas mais pobres da sociedade. Para Pollak, o historiador deveria trazer à superfície memórias daqueles que são condenados ao silêncio, por serem desprovidos de posses e poder. Mais do que isso, o que a emergência destas memórias vem ocasionando, conforme aponta Pollak, é a disputa entre memórias ou a luta entre a memória oficial e as memórias subterrâneas. Esta luta que se trava pela incorporação destas memórias marginalizadas, silenciadas, é uma luta pela afirmação, sobretudo, de uma identidade que, por pertencer a uma minoria, encontra-se marginalizada.

Segundo Halbwachs, a memória reverbera sentimentos, imagens e ideias sobre um lugar, pessoas e fatos. Cada sujeito possui imagens e sentidos preestabelecidos, oriundos de um processo coletivo e, a partir disso, com novas interações entre os lugares e pessoas são construídas e reconstruídas outras imagens, sentimentos e ideias,

---

<sup>16</sup> NORA, P. **Les lieux de Mémoire**, 3 tomes, 1984 – 1992.

elaborando desta forma as memórias individuais. Para que ocorra a formação de uma memória coletiva é preciso que haja dentro de um grupo pontos em comum em seus sentimentos e imagens. Nesse entrosamento, a memória coletiva é “negociada” entre o indivíduo e o grupo.

Não se pode esquecer de que a memória coletiva não é somente uma conquista, mas sim, um objeto de poder. Portanto, ao analisá-la, deve-se atentar aos pequenos detalhes, tudo o que foi ou não dito, tendo em vista que

do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 2003, p. 422).

Diante da possibilidade de reconstrução da memória através de arquivos depara-se também com a necessidade de conceituar esse termo. Nesse contexto, a definição de memória dada por Bosi (1994) confirma o fato de que o arquivo é uma das maiores possibilidades de se trabalhar com a memória. De acordo com essa autora “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações” (idem, p. 46).

Assim, a experiência de ouvir as histórias de vida das pessoas permite reconstruir o presente, tomando-se por base histórias individuais e visando a caminhar para o entendimento de uma história comum e fortalecer as identidades coletivas e as relações sociais no presente. Mais adiante, destaca alguns elementos na construção da memória de um indivíduo, tendo como recurso a história oral: a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (idem, p. 54).

Paul Ricœur expõe em *Tempo e Narrativa*, através de uma leitura cruzada dos escritos sobre o tempo de Santo Agostinho e da *Poética* de Aristóteles, as suas concepções sobre o tempo e a mimese, que constituem os dois conceitos básicos em sua obra. O tempo “humanizado” está relacionado à organização de uma narrativa, que tem seu sentido na possibilidade de representar a experiência temporal, enquanto a mimese - que aparece ao traçar o enredo - é vista como uma estruturação da experiência caótica do tempo por meio do ato de configuração narrativa. A mediação entre o tempo e a narrativa

se constitui a partir da construção de uma relação entre três momentos de mimese. Mimese refere-se ao processo ativo de imitar ou representar a ação. A mimese opera uma síntese do heterogêneo, podendo, nesse sentido, ser considerada como o oponente estruturado da experiência temporal, vista como discordante e caótica.

Segundo Ricœur (2007) o ciclo da memória divide-se em três etapas: a Mimese I, ou prefiguração; a Mimese II, ou configuração; e a Mimese III, ou refiguração. Estas etapas foram vistas tanto na sua relação com o tempo, quanto com o espaço.

A dialética entre a arquitetura, o espaço e a memória ganha novas terminologias, como: habitar/construir para o ato de prefiguração, construir para ato de configuração e habitar para o ato de refiguração. Essa dinâmica do espaço e da arquitetura por meio dos atos faz com que a representação, as interpelações e a disposição do espaço se modifiquem, acompanhando demandas que se surgem do ato de habitar.

O primeiro nível, ou Mimese I, está ligado à “pré-compreensão” da ação humana por meio de sua semântica, seu simbolismo e sua temporalidade. Ricœur fala, portanto, de um prenúncio da experiência temporal de viver. O segundo nível, ou Mimese II, constitui a “configuração” real do enredo, ou a configuração da experiência temporal por meio do ato narrativo. O último nível, ou Mimese III, é o da recepção do enredo ou da história pelo leitor, que o autor chama de “refiguração” da experiência temporal.

Ricœur define primeiro a História em seu sentido mais amplo e abrangente, ou seja, como qualquer ato de falar ou escrever operando uma forma de configuração temporal. Para ele, a História é concomitantemente temporal e lógica, de maneira que nasce com ela a possibilidade de agregar de modo dialético pontos até então incompatíveis: o tempo vivido com base na narrativa, e o tempo lógico ou estrutural advindo da análise historiográfica. Neste momento o autor estava tecendo críticas à Escola dos Annales, que, em uma de suas vertentes, introduziu um jeito diferente de pensar o tempo não de fluxo de acontecimentos, mas em termos de estruturas. Essa concepção esteve em voga entre o período após Segunda Guerra Mundial e a década de 1970, e Ricœur se confrontou com ela, insistindo que o discurso do historiador pertence antes de tudo à ordem das narrativas, conquanto um tipo específico de narrativa, e não a um estilo de discurso analítico que almeja não se nutrir do modelo narrativo. Segundo o autor, não existe algo não-narrativo.

Frisa-se que Ricœur apesar das críticas às análises estruturantes, também se mantinha distante das análises pós-modernas, que ganhavam terreno na década de 1980. Para isso, demonstrou a peculiaridade da narrativa historiográfica perante à narrativa

ficcional, cuja intencionalidade assinalava um indicativo real (ou existente) do passado, de modo a não se confundir esses dois gêneros narrativos.

Pode conter tanto o romance, o teatro, a poesia, o filme, mas também a história e as conversas. Mais especificamente, por outro lado, ele chega a isso, à medida que sua investigação avança para afirmar que a narrativa é indissociável da mimese, que é concebida como um ato de síntese do heterogêneo, e do tempo, que é vista como uma experiência de distensão da alma e concordância discordante. À luz dessa abordagem mais específica, a história constitui, portanto, um ato de narração da experiência temporal vivida do sujeito. Essa narração é realizada por meio do ato de ambientar o enredo, que constitui uma operação de configuração da experiência temporal.

A principal função da narrativa é a configuração da vivência temporal vivida, portanto da experiência do tempo vivido pelo sujeito. A História, segundo Ricœur, não difere da mimese na medida em que constitui um ato de síntese do heterogêneo e, portanto, permite ordenar, dar sentido a esse acontecimento elusivo que é a apreensão do tempo. Este ato de configuração começa com a apreensão do mundo temporal em sua totalidade (prefiguração), encontra seu ponto médio quando o sujeito opera uma configuração narrativa e temporal de sua experiência, e termina quando essa mesma experiência contada, escrita e, portanto configurada, ressoa com um leitor ou receptor potencial. Esta é uma reconfiguração, a partir da qual o ciclo de configuração narrativa pode se repetir novamente.

A possibilidade de identificação do sujeito é o que chamamos de identidade narrativa. Ela ocorre por intermédio do discurso, no momento em que o indivíduo quando é capaz de falar sobre si e mesmo e dos outros como sujeitos capazes de ação, e assim, se identificar. Por conseguinte, narrar, no sentido de Ricœur, versa sobre o processo de discorrer sobre pessoas, fatos e relações, por meio da construção de um enredo, ou seja, tecer um conjunto de significações correlacionadas e ordenadas de atos.

A abordagem recomendada para a teoria da narrativa é baseada na filosofia do acontecimento, ou fenomenologia, em que nunca perde de vista o fato de que o único tempo observado e observável é o do indivíduo, do ser, do sujeito que percebe.

Halbwachs e Ricœur, mesmo discordando em muitos pontos, visto que possuem trajetórias acadêmicas e contextos históricos distintos, concordam que de acordo com as nossas experiências vividas a memória se atualiza e que os grupos sociais ou lugares de que participamos em nossa vida social podem influenciar no processo.

Segundo Corrêa (2018), um dos interesses do geógrafo pelo tempo está na relação entre paisagem e memória:

a paisagem, cara ao geógrafo e parte fundamental de seu interesse, exercita a memória, remetendo anos ao passado recente e remoto, resgatando boas e más lembranças, porém seletivas e com algumas transformações que reconstroem o passado. A memória é seletiva e influenciada por aqueles que observam a paisagem, pois são portadores de experiências distintas do espaço, derivadas dos papéis sociais que desempenham. A memória tem uma dimensão polivocal. (CORRÊA, 2018, p. 41).

Nesse ponto, Corrêa nos remete à compreensão do conceito de memória trabalhado por Maurice Halbwachs. Para este, os fatos são lembrados e narrados de acordo com o vínculo e posição social do sujeito em relação ao grupo, dessa forma, interpretamos o espaço de acordo com tal vínculo.

Imitar, neste sentido, não é duplicar a realidade, mas recompor, refazer, para que a proximidade com a realidade humana, que é o imitado, junta-se à distância imposta pela construção de a trama. A dialética proximidade/distância, que expressa o paradoxo da mimese, nos oferece a melhor perspectiva para entender a proposta ricœuriana, enquanto a proximidade indica a dimensão referencial e a distância do momento da ficção-invenção.

Na composição da trama, a natureza imitada é a ação humana. A relação mimética entre arte e natureza, entre o poema trágico e ação, não abala a autonomia da arte, nem mera cópia, mas estabelece sua dimensão referencial (mimese garante que o *mythos* nos fala sobre a realidade). A referência tem a ser entendido aqui no sentido de pertencer ao mundo: estar no mundo é o horizonte de toda mimese, principalmente em seu significado dinâmico e criativo. Esta mimese revela a capacidade função cognitiva da imaginação e introduz uma forma de verdade na poesia como poder de detecção ontológica, como revelação do que é real, de modo que a visão da afirmação metafórica corresponde um ser-come na ordem extralinguística. A noção de mimese implica portanto, uma teoria da verdade, que é inicialmente posta como verdade metafórica, e se afasta da concepção de adequação pertinente à verdade da noção de representação.

Como partes constituintes da memória há os acontecimentos, os personagens e algo fundamental: os lugares, pois não há memória a-espacial. Tais lugares estão inseridos dentro de determinado espaço.

Para a compreensão do espaço partimos de Massey (2008). Na obra *Pelo Espaço*, a autora constrói três hipóteses que nos fazem repensar acerca do papel do

espaço nas ciências sociais e, para nosso trabalho, no ensino da Geografia e da Cartografia Escolar.

Na primeira hipótese ela afirma que o espaço é um produto histórico, edificado a partir de correlações em todas as escalas espaciais — desde as interações nos lugares até às influências globais. Contudo, para a autora, as relações são entendidas a partir da maneira que o liberalismo considera as identidades formadas ou em formação, surgindo, disso, uma política que considere essas identidades pautadas no jogo político. Para Massey, as relações e as políticas espaciais provenientes delas são como “práticas encaixadas”, pois, mesmo considerando um grau de subjetividade, são reguladas em noções de identidade imutáveis e antiessencialistas.

Não obstante, o espaço/lugar não existe antes das identidades, que por sua vez, são formadas em processos sociais e coletivos vastamente tensionados e constitutivos. Assim sendo, a espacialidade surge entre as relações entre identidade-entidade-espaço. As identidades espaciais são mutáveis, visto que são construídas em relações. Logo, é basilar que a Geografia interfira em políticas espaciais que considerem essas características.

A segunda hipótese postula que, se o espaço é fruto de correlações, por conseguinte ele é múltiplo e sua construção multifacetada. Essa hipótese está alinhada com o discurso político da esquerda, que apoia a heterogeneidade e “diferença” (no sentido de diversidade), ainda que no contexto aqui debatido o espaço seja tomado como multiplicidade, em vez de diferente. Massey (2008) comprova essa ideia:

a forma mais evidente que isso tomou foi a insistência de que a história do mundo não pode ser contada (nem sua geografia elaborada) como a história apenas do ‘Ocidente’, ou a história, por exemplo, daquela figura clássica (irônica e frequentemente, ela própria essencializada) do macho branco, heterossexual e que essas eram histórias particulares, entre muitas outras (e sua compreensão através dos olhos do Ocidente ou do macho heterossexual é ela própria específica). Tais trajetórias foram parte de uma complexidade, e não universais que elas, por tanto tempo, propuseram ser. (MASSEY, 2008, p. 31).

No contexto de heterogeneidade e multiplicidade, as correlações que constituem políticas espaciais mutáveis apresentam uma espacialização da teoria social e da imaginação do espaço, influenciando grupos e indivíduos em suas histórias e percursos. Portanto, a multiplicidade e o espaço são complementares na formação de espacialidades. Todavia, vale advertir que, segundo a autora, o ideário da globalização

como uma sequência histórica não reconhece a coexistência simultânea de outras histórias com atributos diferentes (o que não quer dizer que estejam desconectados).

A terceira hipótese leva em conta que a política espacial é mutável, pela necessidade de acompanhar um espaço que é fruto de correlações e está sempre em construção e transformação. À vista disso, dentro do discurso político, o espaço está sempre aberto para o futuro, sempre em tempo de se (re)formular. Essa característica objeta-se às estruturas do desenvolvimento, do progresso e da modernização e dos modos de produção sucessivos organizados dentro do marxismo, pois todas elas propõem panoramas nos quais as direções da história são conhecidas e esperadas.

As três hipóteses trabalhadas por Massey – um espaço interacional, um espaço múltiplo e um espaço aberto – formam dentro de contextos característicos a política espacial. As “trajetórias” e “estórias” das pessoas e grupos nesse espaço têm sua continuidade, descontinuidade e recontinuidade, e nos possibilitam a compreensão do lugar como

um tecer de estórias em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro de topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada (MASSEY, 2008, p. 191).

Entendido dessa forma, o espaço jamais fará todas as conexões entre os lugares; ele será sempre simultâneo, múltiplo, dinâmico e heterogêneo. Deste modo, as identidades espaciais (espacializações) sempre estarão numa constante atualização e reformulação.

Massey (2008) faz uma explanação a respeito do caráter do lugar:

se o espaço é, sem dúvida, uma simultaneidade de estórias-até-então, lugares são, portanto, coleções dessas estórias, articulações dentro das mais amplas geometrias do poder do espaço. Seu caráter será um produto dessas interseções, dentro desse cenário mais amplo, e aquilo que delas é feito. Mas também dos não-encontros, das conexões, das relações não estabelecidas, das exclusões. Tudo isso contribui para a especificidade do lugar. (MASSEY, 2008, p. 190).

Para a autora, o lugar é formado na perspectiva da coexistência. Assim, o lugar é formado por aquilo que ocorreu e pelo que deixou de ocorrer, caso contrário, ele teria outras características. De tal modo, as relações estabelecidas e as que deixaram de ser, as exclusões e as inclusões compõem o lugar tal como ele é e se apresenta até o momento, podendo ser transformado posteriormente. Trata-se de um processo orgânico e maleável. Massey (2008) discorre sobre quatro características sobre o lugar, sendo elas:

- a) o lugar não é estático;
- b) o lugar não tem fronteira;
- c) o lugar abriga várias identidades, contendo muitos conflitos internos;
- d) o lugar é singular e continuamente construído por histórias originadas em escalas espaciais distintas que atuam sobre si mesmas.

O lugar é constituído de trajetórias e histórias que se relacionam entre si e com o espaço, sendo no processo de acúmulo das histórias no espaço que se origina o lugar. O encontro das trajetórias, muitas vezes, não é previsível por estas terem naturezas distintas ou pelas histórias não serem ligadas a cenários mais amplos. Quando as trajetórias são ligadas a movimentos de uma escala mais ampla é mais fácil se identificar. Todavia, a variedade de identidades, percursos, influências múltiplas e de escalas espaciais é que tornam não estático o lugar.

Segundo Nora (1981, p. 7) “a memória se cristaliza e se refugia” nos lugares, cujas fendas retratam simbolicamente um grupo, reconhecendo-se e identificando-se pois enquanto coletividade que nutre uma ligação afetiva com o entorno geográfico. Suas identidades não são forjadas independentes, visto que estão inseridos numa sociedade, e por essa razão, estão inter-relacionadas e, formam um conjunto comum de lembranças ao grupo, as quais resgatam as conexões no passado estabelecidas e se localizam no espaço e no tempo. O primeiro imprime a imagem da constância enquanto o segundo, a da transformação. No momento em que trazemos à tona as recordações do passado evocam-se juntamente os lugares onde foram vivenciadas essas experiências, visto que ao rememorarmos provocamos a narração dos espaços. Disso deriva a concepção da memória como canal condutor para o presente das experiências do passado. Da mesma maneira, simultânea à condução das experiências, os lugares em que essas vivências se estabeleceram emergem, delineando assim um mapa, ainda que mental, desse espaço físico transitado/vivido em outra ocasião.

Há uma estreita relação entre os lugares e a memória, já que são neles que assentamos as imagens do que foi vivido. Ao concebermos esses lugares em uma espécie de cartografia mental, construiremos então um lugar de memória. Por conseguinte, os lugares são de extrema importância para desencadear as imagens de outrora, porque servem como apoio. São nos lugares que a memória é concretizada. De acordo com isso, o poeta grego Simônides de Ceos foi o precursor no desenvolvimento da mnemotécnica, um recurso de memorização que consistia em colocar sobre alguns lugares um conjunto de imagens a serem recordadas.

Toda narrativa é arquitetada nesse binômio, ainda que simplório, entre memória e lugares. Quando as pessoas evocam as lembranças do passado trazem com essas imagens os lugares. Portanto, os lugares em outro momento percorridos são arquivados na memória suscitando uma espécie de cartografia afetiva da memória.

Os lugares percorridos se tornam um caminho para as recordações do passado, já que ficam presas nele. Dessa forma, recordar desses lugares é recompor o trajeto cartográfico por intermédio de um mapa afetivo da experiência singular ou coletiva, ou seja, à medida que a memória se relaciona a lugares, forma-se a imagem mental deles. Tal cartografia mental Horta (2008) define como sendo correspondente

aos mapas mentais existentes no pensamento, pode explicar o processo operacional de estabelecer conexões entre as diferentes vivências, imagens e memórias gravadas no cérebro, [...] de acordo com a intenção e a emoção do momento em que o processo se inicia (HORTA, 2008, p. 113).

Quando nos deslocamos a algum lugar, de forma física ou mental, conseguimos chegar ao destino porque um mapa mental nos guia. Ele é resultado da construção da experiência do sujeito, através da percepção das paisagens e dos lugares.

Define-se por mapas mentais as imagens espaciais concebidas a partir de lugares conhecidos de maneira indireta ou direta. Assim, um mapa mental é fruto da consciência de um espaço existente na mente humana, derivado das experiências no passado ou presente. Por outro lado, a concepção dessas imagens é também elaborada a partir da interação com outrem, pela leitura, e não exclusivamente da vivência no espaço físico.

Como funções dos mapas mentais há a comunicação e/ou armazenamento de dados do espaço, de lugares e grupos, e também serve como dispositivo de memória. É bastante utilizado na técnica de memória praticada por sociedades orais, servindo como forma de referência para eleger o que deve ser lembrado: inseridos num determinado espaço, pessoas e fatos.

Um desafio que cabe a nós é alinhar a interpretação da memória com as preocupações contemporâneas da Geografia estimadas para o ensino da geografia escolar. Uma memória geográfica que dê sentido aos estudantes para estimulá-los a refletir acerca dos problemas atuais relacionados à globalização, ao mundo do trabalho, dinâmicas ambientais e, sobretudo, a um pensamento crítico dialético.

A Geografia é uma ciência que auxilia na compreensão do mundo, ou seja, na leitura do mundo de acordo com Callai: “ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender

que as paisagens que podemos ver são resultados da vida em sociedade e, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação de suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da Geografia na escola.” (CALLAI, 2005, pp. 228-229). Acerca da prática docente na Geografia como componente curricular escolar, Massey (2017, p. 40) crê que “[...] pensar geograficamente contribui para os/as estudantes compreenderem e interpretarem as suas próprias reações às pessoas e aos lugares e para a reflexão sobre as perspectivas dos outros que podem ser diferentes das suas”.

Para isso, partimos do conceito de lugar baseados no círculo hermenêutico da memória em Paul Ricœur. Somos o que somos porque esquecemos e lembramos, adaptando nossas perspectivas e demandas temporariamente. Assim, o presente é o momento de uma síntese estável que expressa a nossa visão de mundo e dá sentido ao futuro, ao passado e à vida a partir dele. Nessa perspectiva, podemos atrelar as ideias didáticas e pedagógicas de “conteúdos significativos” aos processos operatórios de partir da vivência dos estudantes.

O lugar estabelece-se como um ponto basilar para o ensino da geografia por meio da relação memória-espço. Analogamente com o círculo hermenêutico da memória, o espaço se prefigura, configura e reconfigura desde os atos de habitar/lugar e construir/paisagem. Estes atos estão fundamentados na tradição, na demanda e na expectativa dos grupos para se constituir. Portanto, quanto mais conexões e mais profundas elas sejam, maior repertório para o entendimento da totalidade dos fenômenos, uma vez que:

a memória se configura em um emaranhado de relações a respeito do que se significa, do que se ressignifica e do que se esquece acerca da experiência humana com o mundo. Nada se explica em si só: temos e ampliamos uma visão de mundo a partir das múltiplas conexões que fazemos. No contexto do ensino de geografia, podemos não só utilizar a relação espacial de escala local/global ou global/local para sofisticar nossa visão de mundo, mas também as diferentes opções de relações temporais entre presente/passado/futuro. Assim, quanto mais relações e mais profundas essas relações, maior arcabouço para compreensão da totalidade dos fenômenos. (CALANDRO, 2020, pp. 66-67).

De tal modo, pensar a memória geograficamente a partir do presente (principalmente do lugar) pode ser a chave para o entendimento dos fenômenos espaciais.

## **2.1. MÉTODOS E TÉCNICAS**

### **2.1.1 Cartografando os lugares**

Os geógrafos afirmam que os mapas estão intrinsecamente ligados à geografia e ao espaço, uma vez que são recursos para a realização de estudos, trabalhos de campos e afins. Para Carl Sauer (1956), mapas são “como a língua da geografia”. Seus estudos foram desenvolvidos durante a primeira metade do século XX, época em que a geografia cultural buscava revelar as atividades humanas no espaço físico que tinham causado marcas na paisagem. O mapa, até então, era tido apenas como um meio de representação que provava que a cultura se estruturava espacialmente. No final da década de 1970, segundo Oliveira (2017), muitas críticas entre os geógrafos ascenderam, principalmente, pela falta de discussões sobre a desigualdade social e a luta política. Os debates continuaram até o final da década seguinte, mas com poucos avanços acerca de propostas metodológica, onde é possíveis destacar os trabalhos de Cosgrove (1978)<sup>17</sup>, Blaut (1980)<sup>18</sup> e Duncan (1980)<sup>19</sup>.

Em 1989, com a publicação de Peter Jackson *Maps of meaning*, temos o primeiro livro de introdução à nova geografia cultural, conforme nos diz Seemann (2010). Embora a palavra mapa estivesse contida no título de seu trabalho, Jackson a restringia ao seu uso simbólico e metafórico.

Mediante seus três princípios (escala, projeção e simbologia), a linguagem cartográfica vira um dispositivo linguístico e ferramenta analítica para interpretar a realidade (Santos, 2000; Seemann, 2005).

Nesse bojo, mapas são construções sociais que podem e devem sofrer questionamentos, ser desconstruídas e reformuladas, (Kitchin; Dodge, 2007), uma vez que não são objetos neutros e são frutos de interesses políticos e ideológicos.

Portanto, os “mapas se tornam discursos políticos, servem como símbolos de identidade ou provocam reações, emoções ou memórias” (Seemann, 2010, p.141), ou seja, merecem atenção em sua análise, dados os melindres de suas composições.

---

<sup>17</sup> Denis Cosgrove tentou propor uma nova base para a geografia cultural por meio da combinação do humanismo com o marxismo.

<sup>18</sup> James Blaut criticava o conceito de cultura e difusão cultural, alegando que eram palavras estanques, oriundas de criações do imperialismo etnocêntrico ocidental.

<sup>19</sup> James Duncan criticava a concepção de cultura como um elemento supraorgânico e coisificado.

Para isso, o geógrafo deve estar interessado no “enredo cartográfico”, pois o mapa é o ponto de partida para realizar leituras entre suas linhas e descobrir agendas escondidas, silêncios e visões contrastantes e contestáveis de mundo (Harley, 1989; 1990; 1991).

À luz das filosofias de autores como Gilles Deleuze, Felix Guattari, Jean Baudrillard e Jacques Derrida entre muitos outros, os cartógrafos críticos agora procuram estudar a natureza performativa e dinâmica dos mapas, superando o seu emprego como espelho da realidade e mera representação estática no papel. A cartografia chega a ser entendida como uma disciplina que busca revelar contextos, movimentos e práticas humanas em constante criação (SEEMANN, 2014, p. 87).

Deste modo, mapas são representações do espaço socialmente construídas que trazem características culturais de espaço e tempo particulares. “Para alcançarmos esse nível de leitura, é necessário que, ao fazermos a interpretação de um mapa, conheçamos o contexto do cartógrafo, de outros mapas e da sociedade” (HARLEY, 2005, p. 64). As características sociais, em tempos e lugares específicos, influem na interpretação do espaço e dos fenômenos representados. Assim, o indivíduo sofre influência sobre a forma de pensar em relação ao espaço. Por essa causa há mapas de uma mesma área com representações diferentes entre si.

A Cartografia, sendo utilizada como um meio para estimular o senso crítico e a desvendar jogos de poder, interesses e possibilidades, pode se tornar uma importante aliada para a educação, colaborando com a formação de um cidadão pleno.

Para trabalhar de acordo com o sub conteúdo proposto - Cartografia Social - concebida como uma corrente teórica e metodológica, utilizamos os pressupostos da Geografia Cultural, pois permite elaborar mapas de significados que ampliem as opções da cartografia geográfica, evitando limitar as representações com base em dados estatísticos, podendo incluir também representações gráficas de tudo aquilo que é “lembrado, imaginado e contemplado” (CORRÊA, 2009, p.3).

O mapa pode ser entendido como representação “oficial” do espaço e o “espaço da memória” mediante o registro da carga espacial da memória. Comumente, os acontecimentos exibem uma escala de espaço-tempo, sendo o alcance e a duração variados e entendidos como algo que causam um revés às vezes, modificando o contexto. Um exemplo de escala de espaço-tempo são os acontecimentos que envolvem os grupos sociais como a parentela, os amigos e companheiros do trabalho, que modificam as micro relações e acontecimentos macro, como a Revolução Francesa, a Segunda Guerra Mundial ou a Guerra Fria. Dessa maneira, a coerência narrativa a

partir da inteligibilidade de explicação/compreensão está na maneira de conexão entre o micro e macro. Para Ricœur (2003) a ideia central para se trabalhar a noção de escala na representação/mentalidade “é que não são os mesmos encadeamentos que são visíveis quando mudamos de escala, mas as conexões que passaram despercebidas na escala da macro-história.” (RICŒUR, 2003, p. 221). Introduzindo o tema da micro e da macro história, o autor tece uma conexão com uma de nossas áreas afins, a cartografia:

a noção de escala é um empréstimo da cartografia, da arquitetura e da óptica. Em cartografia, existe um referente externo, o território que o mapa representa; além disso, as distâncias medidas pelos mapas de escalas diferentes são comensuráveis segundo relações homotéticas; o que permite falar em redução de um terreno pela colocação em uma determinada escala. Todavia, observamos de uma escala para outra uma mudança de nível de informação em função do nível de organização. Pensemos na rede rodoviária: em grande escala, vemos grandes eixos de circulação; em escala menor, a distribuição do habitat. De um mapa para outro, o espaço é contínuo, o território é o mesmo, assim a mudança discreta de escala mostra um mesmo terreno; é esse aspecto positivo de uma simples mudança de proporção; não há lugar para oposição entre escalas. Sua contrapartida é certa perda de detalhes, de complexidade, e, portanto, de informação, na passagem a uma escala maior. Esse traço duplo – proporcionalidade das dimensões e heterogeneidade da informação – não pode deixar de afetar a geografia, que deve tanto à cartografia. (RICŒUR, 2003, p. 221).

Por um lado, o mapa pode ser o ponto de partida para lembrar fatos e acontecimentos do passado, por outro lado ele também pode ser o ponto final, quando se torna “narrativa”, “através de mapas mentais que uma pessoa gera para reconstruir o seu passado no tempo e no espaço” (SEEMANN, 2012, p. 44).

O mapas requerem uma leitura “entre as suas linhas”, que vá além da superfície lisa no papel e que estabeleça uma ligação entre produtos e processos e os mapeadores e sua identidade regional (SEEMANN, 2013, p. 73). Para Seemann (2005), é necessário o exercício da crítica à Cartografia Tradicional. Segundo o geógrafo, a Cartografia Tradicional coloca sua técnica acima de qualquer interesse econômico e político e, como crítica, questiona se é possível alguma atividade ser completamente neutra.

Nas últimas décadas, a eclosão de novas discussões na geografia cultural e na cartografia resultaram em uma reflexão mais crítica sobre a natureza dos mapas e os princípios de representação. Tais modos de repensar mapas e mapeamentos têm como ponto central o problema de como apresentar e visualizar informações não convencionais, incompletas, imprecisas e/ou não cartesianas que por muito tempo tinham

sido consideradas como não sendo possíveis de cartografar pelos especialistas da área. Seemann (2014) nos conta que

à luz das filosofias de autores como Gilles Deleuze, Felix Guattari, Jean Baudrillard e Jacques Derrida entre muitos outros, os cartógrafos críticos agora procuram estudar a natureza performativa e dinâmica dos mapas, superando o seu emprego como espelho da realidade e mera representação estática no papel. A cartografia chega a ser entendida como uma disciplina que busca revelar contextos, movimentos e práticas humanas em constante criação [...] Obras literárias e mapas são vistos como eventos ou processos e não como objetos e produto. (SEEMANN, 2014, p. 75).

As novas discussões nas áreas de estudos literários e da cartografia (tida como uma narrativa, sujeita às oscilações de poder e do ponto de vista de quem as pratica) se complementam e quebram os entendimentos tradicionais acerca de textos e imagens. Simultaneamente, essas ideias ajudam a abrir espaço para um debate mais amplo sobre narrativas e os diferentes modos de mapeá-las.

O processo de desenvolvimento mental passa por etapas que se realizam, mais cedo ou mais tarde, em função das experiências e do meio onde o indivíduo adquire informações que refletem diretamente na percepção.

Deste modo, mapas são representações do espaço socialmente construídas que trazem características culturais de espaço e tempo particulares. “Para alcançarmos esse nível de leitura, é necessário que, ao fazermos a interpretação de um mapa, conheçamos o contexto do cartógrafo, de outros mapas e da sociedade” (HARLEY, 2005, p. 64). As características sociais, em tempos e lugares específicos, influem na interpretação do espaço e dos fenômenos representados. Assim, o indivíduo sofre influência sobre a forma de pensar em relação ao espaço. Por essa causa há mapas de uma mesma área com representações diferentes entre si.

Certeau (1998, p. 202), afirma que o “espaço é um lugar praticado”, onde as práticas cotidianas orientam, circunstanciam e temporalizam esses espaços; estão conexas com o espaço por meio de sujeitos históricos (pessoas, monumentos, eventos), o que leva ao apelo à memória. Dessa forma, ele articula os percursos discursivos itinerários de uma cultura ordinária e simbólica com os mapas, fruto do conhecimento científico, com uma visão antropológica e redutora do espaço. Para aquele o autor, o mapa é “um memorando que prescreve ações”, com o objetivo de orientar (também espacialmente) as práticas cotidianas. (idem, p. 206).

Numa perspectiva que leva em conta a identidade e o cotidiano com a Cartografia Escolar, destacamos o trabalho de Holzer H. e Holzer M. (2005), que, utilizando

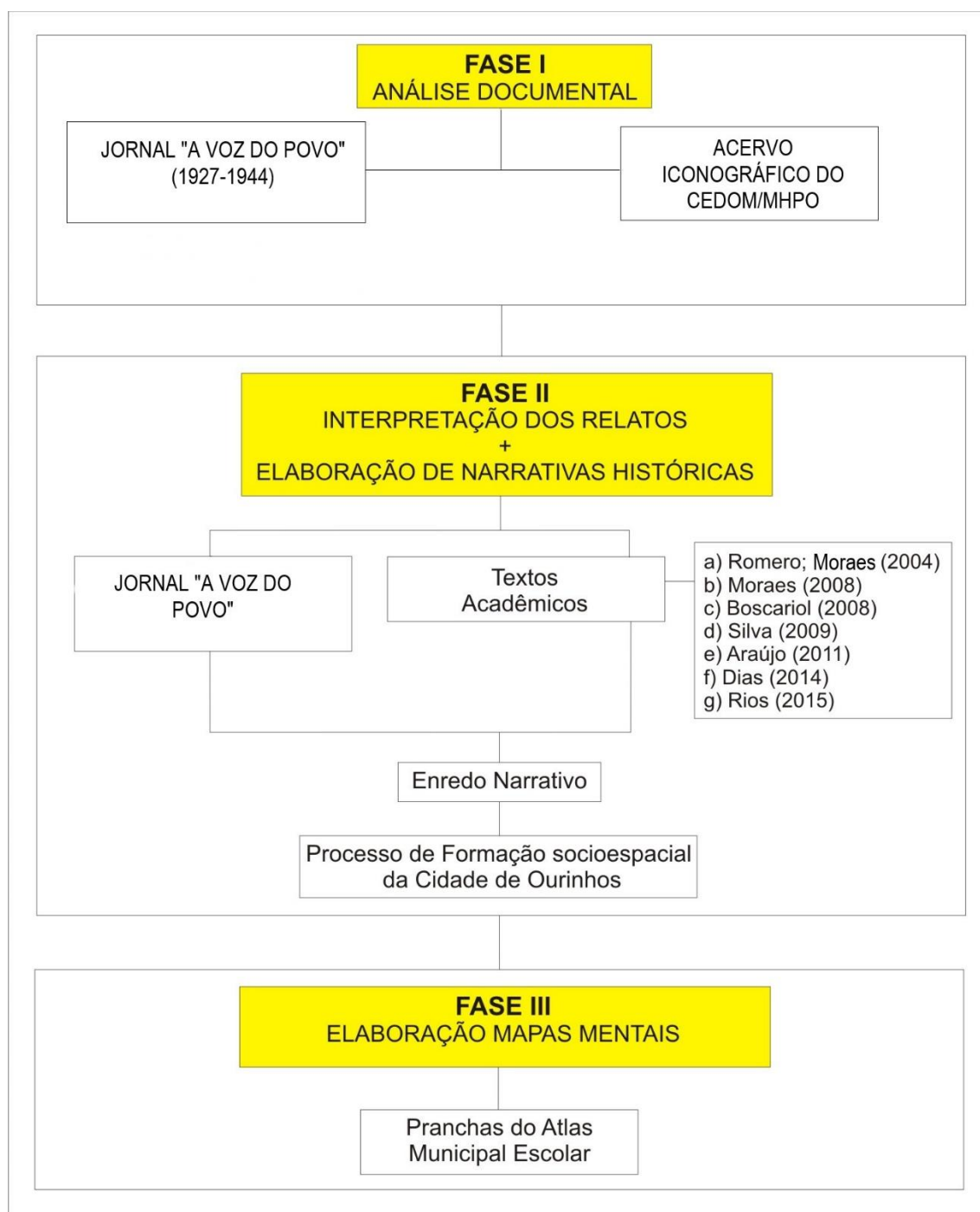
um referencial fenomenológico, mostram atividades com o objetivo de “cartografar” os lugares. Os autores propõem uma Cartografia pensada a partir das considerações das crianças, seus significados, interesses e sentimentos pelos lugares. Para eles, as crianças não seguem escalas espaciais ao atribuírem seus sentimentos pelos lugares, ou seja, apresentam uma macro escala que norteia seu mundo, que pode ser até mesmo uma borboleta que cruza seu caminho, sua rua, seu bairro ou seu município.

Cavalcanti (1998) aponta que o desenvolvimento do mapa mental, no ensino sistematizado, objetiva avaliar o nível da consciência espacial dos alunos; ou seja, entender como compreendem o lugar que vivem. Nesse sentido, a partir de mapas mentais, pode-se conhecer os valores previamente desenvolvidos pelos estudantes e avaliar a imagem que eles têm do seu lugar.

Audigier (1992) nos traz a reflexão de que é necessário o uso de diferentes linguagens para a análise e ensino do espaço geográfico, tamanha a sua complexidade e seu dinamismo. Entretanto, para que o uso dessas linguagens seja efetivo, deve ter como fim a promoção de alguma mudança social.

## **2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para atingir esta proposta os procedimentos metodológicos adotados foram:



**Fluxograma 1:** Fases da pesquisa. Elaborado pelo autor.

Nosso trabalho foi dividido em três fases, sendo elas:

**Fase I:** Análise documental. Momento em que triamos o jornal *A Voz do Povo*, entre os anos de 1927 e 1944, em 670 exemplares disponíveis. Foram criadas tabelas (anexas neste trabalho) para organizar os materiais, com ano, número e data de publicação. Categorias foram elencadas para analisar as notícias, de acordo com os temas mais abordados nas publicações, sendo elas divididas em dois grupos: infraestrutura (água e esgotos, eletricidade, ruas e praças, transporte) e discursos morais (alcoolismo, saúde,

violência urbana, problemas sociais, religião, sexualidade, discursos sobre as mulheres). Construimos fichamentos de cada um dos exemplares e transcrevemos na íntegra as informações obtidas, mantendo a grafia utilizada na época da escrita do jornal. Com isso, um banco de dados foi gerado.

**Fase II:** Interpretação dos relatos e construção da narrativa histórica. Com base nas informações levantadas nas análises do jornal *A Voz do Povo* e das entrevistas realizadas por ROMERO; MORAES (2004), e da contribuição de textos de DEL RIOS (1992), BOSCARIOL (2008), SILVA (2009) e DIAS (2014), construimos uma narrativa sobre o desenvolvimento urbano de Ourinhos entre os anos de 1918, quando foi emancipada e 1944, quando se iniciaram os mapeamentos realizados por Martins (2016) na versão digital do Atlas Municipal de Ourinhos, evidenciando o ideário veiculado de progresso no discurso do jornal e o contrapondo à realidade material da cidade. Buscamos suprir tal lacuna temporal.

**Fase III:** Elaboração dos mapas mentais. De acordo com as informações coletadas e da narrativa criada sobre Ourinhos entre 1918 e 1944, elaboramos três pranchas para o Atlas Escolar Municipal, seguindo as diretrizes do Eixo 2 – Formação Territorial e Cultura, sendo elas:

- a) Primeiros Habitantes, contendo a área de ocupação da tribo Kaingang até o século XIX, antes da formação da cidade.
- b) A cidade de Ourinhos em 1940, contendo a localização das principais casas comerciais, prédios públicos, adaptado de ROMERO; MORAES (2004), e fotografias do período, com base do acervo do CEDOM.
- c) As ferrovias em Ourinhos, destacando a localização da linha férrea na cidade, motivadora da urbanização. Fotografias contrastando o local no passado e no presente foram inseridas.

### 2.2.1 Fase I - Análise documental

Até a década de 1970, no Brasil, havia um pequeno número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história nacional. O pensamento vigente era de que o pesquisador devia valer-se de fontes seguras, objetivas, neutras, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Assim sendo, o

jornal se tornava pouco adequado, visto que continha registros particulares do presente, produzido sob diversos jogos de interesses. “Em vez de captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, subjetivas e distorcidas” (LUCA, 2005, p.116).

Esta imagem foi se transformando após as discussões trazidas pela História Nova, corrente historiográfica em que havia uma preocupação maior com a questão social e cultural. Essa nova concepção de História apontava novos objetos, métodos e abordagens e deixava um pouco de lado as concepções formadas pelo viés marxista mais tradicional (que nesse período, década de 70, também sofreu uma revisão), que via a cultura como sendo parte da superestrutura (forma de dominação no sentido ideológico e institucional, como o direito, religião e Estado Moderno, por exemplo) e ínfimo reflexo da infraestrutura (a base material das relações de produção entre homem e natureza e homem e homem, como a relação proprietário e proletariado), assim sendo, como domínio das elites.

Em meio a esta revisão de paradigmas, a historiografia brasileira também começou a gestar mudanças. Ana Maria de Almeida Camargo (1971), em um texto pioneiro, após reiterar as armadilhas reservadas pela imprensa, defendeu as possibilidades ensejadas pelos jornais que ela mesma se propôs a evidenciar, partindo dos trabalhos que até aquele momento (final dos anos 1960) haviam se valido dessas fontes. Gilberto Freyre (1940; 1963) *apud* Luca (2005), foi o primeiro a usar o jornal como fonte de pesquisa, estudando os diversos aspectos da sociedade brasileira do século XIX através de seus anúncios. Vários pesquisadores também começaram a se valer de informações nos periódicos, como Fernando Henrique Cardoso, Emília Viotti da Costa, entre outros<sup>20</sup>, para obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços), ou demográfica, sempre com uma postura e resultados muito distantes da ingenuidade tão temida.

Neste momento em que o jornal se tornava um objeto da história veio o trabalho de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil* (1966), que abordava a história da imprensa brasileira desde seus primórdios até os anos 1960. Outro trabalho de grande importância é a tese de doutoramento de Arnaldo Contier, *Imprensa e ideologia em São Paulo* (1973), que utilizou semântica e linguística para estudar o vocabulário político-social presente em um conjunto de jornais publicados entre o fim do Primeiro Reinado e o início da Regência (1827-1835) a fim de identificar os matizes da ideologia dominante

---

<sup>20</sup> Apud Luca, op., cit., p. 117

num momento de disputa pelo controle dos quadros políticos e burocráticos na nação há pouco independente.

Partindo de outra perspectiva metodológica, Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado em suas dissertações, fundidas no livro chamado *O bravo matutino* (1980) tiveram suas atenções voltadas para um jornal republicano de grande circulação e firmaram sua abordagem, que procurava entender a imprensa como um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, neste caso a classe dominante paulista e a maleabilidade do liberalismo abraçado por seus responsáveis, reformulado diante dos desafios impostos pela crise de 1929, pelos movimentos de 1930 e 1932 e a implantação do Estado Novo. Maria Helena Capelato continuou a analisar os fundamentos do liberalismo em uma dezena de periódicos compreendidos entre 1920-1945 em um trabalho posterior<sup>21</sup>.

Também na década de 1970 destaca-se o trabalho de Vavy Pacheco Borges, que investigou as relações entre Getúlio Vargas e a oligarquia do estado, desde o momento em que o político assumiu a liderança da bancada gaúcha na Câmara Federal (1926) até as vésperas do movimento de 1932 por intermédio da grande imprensa paulistana – *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano* e *Diário Nacional*<sup>22</sup>.

Havendo lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, esta que pode ser pessoal, quando, por exemplo, um indivíduo se recorda do quintal de seus avós, ou seja, baseado em algo que ele vivenciou, ou lembranças coletivas, sendo um exemplo os lugares de comemoração, como um monumento aos mortos de uma determinada guerra. Podemos afirmar que tais memórias deixam uma marca nos lugares, e para entendê-los é preciso resgatá-las. Poulet (1992, pp. 54-55) diz que: “graças à memória o tempo não está perdido, e, se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado, está o espaço reencontrado”.

É preciso fazer um resgate dentro dos registros produzidos e cruzá-los com outras fontes documentais, tais como as fotografias, para ter uma visão mais ampla. “As imagens têm potencialidades implícitas, histórias dentro de si. O espaço geográfico é a condição de realização dessas histórias e atribui a cada coisa, formas de nossas relações, um lugar” (AGUIAR, 2003, p. 142). Como pontuado por Nora (1993, p. 25), “a memória perdura em lugares, como história em acontecimentos”.

---

<sup>21</sup> CAPELATO, M. H. **Os Arautos do Liberalismo**, 1989.

<sup>22</sup> BORGES, V. P. **Getúlio Vargas e a Oligarquia Paulista**, 1979.

Assim, não há memória coletiva que não aconteça num contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça. (HALBWACHS, 2013, p. 170).

Por se tratar de uma memória de um lugar tem-se que trabalhar o resgate da história do e/no lugar. E, na cidade de Ourinhos, área piloto de nossa proposta metodológica, temos o jornal *A Voz do Povo*, que foi um jornal local da cidade de Ourinhos que esteve em circulação entre os anos de 1927 e 1953, e suas cópias físicas estão preservadas no Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos (MHPO), onde existem apenas exemplares publicados entre 1927 e 1951, que foram parcialmente digitalizados e estão alocados no site <http://www.tertuliana.com.br>, contudo, está disponível entre os anos de 1927 e 1949 e o Centro de Documentação e Memória da UNESP Ourinhos (CEDOM), possui cópias dos periódicos entre os anos de 1927 e 1951.

Outro que circulava no mesmo período da fundação do primeiro é *A Cidade de Ourinhos*, contudo não há nenhum exemplar preservado, fazendo d' *A Voz do Povo* a única fonte escrita daquele período. Há também *O Progresso*, que circulou entre as décadas de 1960 e 1970.

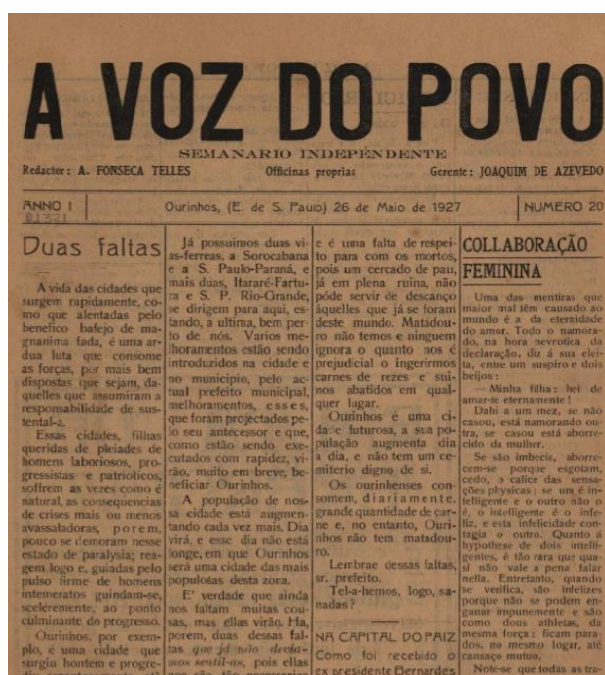


**Figura 1:** Jornal *A Voz do Povo*. Fonte: ARAUJO, J. L. B. 2019.

No período que trabalhamos, de 1927 a 1944, houve a publicação de 676 edições, sendo analisadas 670 analisadas, pois eram os números disponíveis, com base no acervo do site Tertuliana e do Centro de Documentação e Memória da UNESP Ourinhos (CEDOM). Contamos com o apoio da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiana Lopes da Cunha, que gentilmente nos cedeu os exemplares físicos para que analisássemos, e do Prof. Me. Diego Azorli, que dispôs do seu tempo para nos auxiliar a fotografá-los. Para a melhor compreensão do volume de exemplares disponíveis confeccionamos tabelas apontando ao ano, a data de publicação e o número do exemplar.

Na primeira fase do periódico nota-se que não há linearidade na estrutura, havendo mudanças constantes nos anos de 1927 a 1930. O jornal começa a ser sequencial a partir de 1931, quando a publicação se torna semanal, havendo interrupção entre 1932 e 1933, de quase um ano (entre 17/07/1932 e 05/07/1933); e de 1934 e 1935, de quase seis meses (entre 30/12/1934 e 18/05/1935). A partir do primeiro quinquênio, o número de propagandas se avoluma, e o total de páginas também<sup>23</sup>. O tamanho das páginas aumenta a partir do ano de 1934, e após 1938, cresce novamente. O jornal não possui colunas fixas e os assuntos são variados. Constitui-se de artigos de diversos colaboradores, sendo alguns recorrentes, como Dr. M. Pimentel, Prof. Constantino A. Molina, Chereta,

<sup>23</sup> Para mais informações sobre a configuração dos primeiros anos do jornal, vide: ARAUJO, J. L. B. & CUNHA, F. L. 2017.

Beleomar e Jorá de Andy, chegando a imprimir 600 exemplares por semana em 1937<sup>24</sup> e ter trezentos assinantes em 1941<sup>25</sup>. A direção do jornal era de Joaquim de Azevedo, que permaneceu até 1945, e sua propriedade era de M. Gonçalves.

Em nosso trabalho procurou-se compreender e analisar as características de ordem material desses jornais (periodicidade; impressão; papel; uso/ausência de publicidade e iconografia) e sua relação com a comunidade local e com o contexto no qual ele se insere. Busca-se também analisar a forma de organização interna do conteúdo e sua forma estética, procurando, por exemplo, analisar não apenas o conteúdo dos textos e artigos, mas também compreender o grupo responsável pela publicação, os principais colaboradores, o público a quem se destina a ideologia ou ponto de vista que porventura o periódico defende, visto que sabemos que não se trata de uma fonte apolítica, pelo que entendemos que

o jornalismo, via de regra, atua junto com grandes forças econômicas e sociais: um conglomerado jornalístico raramente fala sozinho. Ele é ao mesmo tempo a voz de outros conglomerados econômicos ou grupos políticos que querem dar à suas opiniões subjetivas e particularistas o foro de objetividade. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 11).

Vale ressaltar que são os jornalistas que decidem o que são ou não notícias, diante da magnitude do número de acontecimentos. Esse é um processo que implica em uma seleção de acordo com os próprios critérios jornalísticos, que, por sua vez, são determinados pela ideologia política seguida pela empresa.

Além dessa seleção, existe a angulação ou abordagem que é conferida a cada matéria. Está presente no enfoque da notícia a dimensão que se quer atribuir a um determinado caso. Contudo, também “é em função da maior ou menor previsibilidade que um fato adquire o estatuto de acontecimento. Quanto menos previsível for, mais probabilidade terá de ser notícia. E de um universo vasto, apenas alguns chegam à condição de notícia”. (MIOTTO, 2003, p. 54).

Trabalhar com tais periódicos é decifrar uma teia que compõem as histórias dessa cidade, é analisar os espaços em que elas se encontram. Estes possuem uma relação intrínseca com o homem, visto que são construções sociais. O trabalho com memória fortalece o sentimento de identidade e pertencimento das pessoas através do estímulo à pesquisa da história e memória do objeto (lugar) analisado.

<sup>24</sup> A Voz do Povo. 16 jan. 1937, p. 4.

<sup>25</sup> “ [...] A Voz do Povo póde provar, a quem o deseje, que conta com mais de trezentos assinantes somente na cidade e município, afóra os do interior deste e de outros Estados do Brasil [...]” (QUEM NÃO AJUDA NÃO ESTORVA ..., 1941, p. 6).

Procuramos atentar para os menores detalhes, ou seja, aquilo que é objetivo (o explícito) e aquilo que se encontra nas entrelinhas (o subjetivo). A cidade de Ourinhos estava em plena expansão e as notícias versavam sobre os mais diversos temas: calçamento das ruas, iluminação, programação do cinema, realização de núpcias, aniversários, entre outros. Mas, se nos detivermos atenciosamente, perceberemos que alguns temas eram mais enfatizados que outros, e a tônica do discurso variava de coluna para coluna. Os sonhos e ambições dos sujeitos que escreviam eram marcados pela tônica do progresso. Este estava diretamente atrelado à transformação material do espaço urbano, e ao abandono de qualquer traço tido como colonial. Ao século XX caberia a resolução de problemas estruturais da sociedade brasileira (sem mexer nos privilégios da elite) e deixá-la a par de competir com as nações europeias, vistas como modelo ideal de sociedade.

Esse desejo de progresso também era marcado por contradições e ambiguidades: enquanto por um lado louvava-se a ciência e o domínio da natureza pelo homem, impunha-se a ideia de ordem, que chegava aos lares na figura patriarcal do chefe de família, do preconceito ao trabalho braçal, e às manifestações populares em detrimento de discursos prontos de civilidade, enquanto se enalteciam os bailes, e os hábitos sociais das classes mais abastadas, junto ao embelezamento da cidade e a expulsão da pobreza<sup>26</sup>.

Lembrando que a memória coletiva é um objeto de poder, pontuamos que *A Voz do Povo* acabava por organizar e sedimentar as memórias populares e orais, por ser um veículo impresso e, é claro, preferido para dar veracidade aos fatos (embora, nem sempre, se baseasse em fatos e sim em opiniões de seus colaboradores), num período em que havia apenas o rádio nos lares brasileiros. E, mais tarde, os autores, em sua grande maioria ourinhenses, que perpetuariam a memória dessa cidade em seus livros, operariam também uma construção de memórias, que nem sempre correspondem, de fato, ao que ocorreu, mas são produtos de desejos e sonhos<sup>27</sup>. Portanto, “a memória, na qual nasce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003. p. 437).

### **2.2.2 Fase II - Interpretação dos relatos e construção de uma narrativa histórica da cidade de Ourinhos**

---

<sup>26</sup> COSTA; SCHWARCZ, 2000.

<sup>27</sup> BOSI, 1994, Op. cit. p. 68.

Por meio da literatura acadêmica DEL RIOS (2015[1992]); BOSCARIOL (2008); ARAUJO (2009; 2011); DIAS (2009; 2014); PRADO; PRADO (2014) e de um jornal local (*A Voz do Povo*), buscamos construir um enredo narrativo sobre o processo de surgimento e construção da cidade de Ourinhos. Relatos de antigos moradores, presentes na obra de ROMERO; MORAES (2004) e SILVA (2009) foram cruciais para o contraponto das narrativas oficiais, enriquecendo a análise.

A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa transmitir “em si” o acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma. [...] Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da *sua história*, a de seu nascimento, vida e morte. E a morte sela suas histórias com um elo perdurável. As histórias dos lábios que já não podem recontá-las tornam-se exemplares. (BOSI, 1994, pp. 88-89, grifo nosso).

A narração conta o processo, não só o desfecho da história de determinado lugar, ofertando relações pouco exploradas, ou excluídas, dadas as relações de opressão. Há possibilidade de ligação do passado com o presente.

A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana [...]. O narrador é um mestre do ofício que conhece o seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado o abranger de toda uma vida inteira. Seu talento de narrar vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (BOSI, 1994, pp. 90-91).

As narrativas orais e a escrita são fontes que se complementam mutuamente.

A história oral pode ser entendida como um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52).

A tarefa de organizar o tempo em narrativa é um ato configurante, no sentido ricoueriano, que implica a construção de enredos de sentido organizados em causas e efeitos que possuem uma intenção definida. O relato histórico possui o poder de entregar uma identidade narrativa aos povos e comunidades que se espelham em personagens descritos pela história. “Tal simbolismo é capaz de converter a história narrada na representante do passado; este agora subtraído e transformado em ausente pela história. Nesse movimento, a história narrada substitui a história coletivamente vivida anteriormente”. (SILVA, 2015, p. 29). O passado já não está mais em seu lugar anterior,

visto que há uma quebra, um movimento, porque a história não é de fato o que foi, pois está baseada numa representação.

Jefferson Del Rios (1992), com seu pioneiro trabalho propôs-se a contar com riqueza de detalhes e amplas fontes (entrevistas, fotografias antigas e os jornais *A Cidade de Ourinhos* e *A Voz do Povo*) o processo de formação do município de Ourinhos, e os principais protagonistas dessa trama. Trabalhamos com a edição de 2012, publicada pela Editora UENP.

Fernanda Saraiva Romero e Rosemary Reginato Moraes (2004), na ocasião dos 70 anos de fundação de Ourinhos (1988) e de 80 anos da imigração japonesa para o Brasil, colheram relatos por meio de entrevistas com antigos moradores visando recontar a história da cidade, preservar sua memória e dar voz às narrativas de migrantes de várias partes do país e do mundo que colaboraram para a construção desse lugar. Tiveram como apoio os alunos da EEPG “Virgínia Ramalho”, estabelecimento local, por meio de um projeto que se estendeu ao longo do ano de 1988. Foram 34 entrevistas de valor incalculável e nesse trabalho as usamos para trazer à luz os pormenores do cotidiano e da estrutura urbana ourinhense.

Os entrevistados pelas autoras eram os antigos moradores da cidade de Ourinhos, entre eles, alguns membros das primeiras famílias a residir no local. Vieram de várias partes do Brasil e do mundo. Havia japoneses, italianos, sírios, espanhóis. No ano dos relatos (1988) a maioria era idosa, e cheia de ânsia por compartilhar suas lembranças com os alunos, e assim, perpetuar as experiências vividas. Nesse sentido, converge com o dito por Ecléa Bosi:

há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1994, p. 63).

Foram suporte para o entrecruzamento das informações as seguintes obras:

- Renan Amabile Boscariol (2008), com sua monografia apresentada à UNESP – Campus de Ourinhos trabalhou com o processo de formação do município de Ourinhos.
- Débora Fernandes de Araujo (2009), com sua monografia apresentada à UNESP – Campus de Ourinhos, e em artigo posterior (2011), trabalhou com o processo de aquisição de terras para a formação do município de Ourinhos, no contexto da Frente Pioneira e da expansão cafeeira.

- Franciele Dias (2009), com sua monografia apresentada à UNESP – Campus de Ourinhos trabalhou com o processo de formação do município de Ourinhos, dando enfoque às desigualdades territoriais geradas durante a expansão da área urbana.

- O Blog “Memórias Ourinhenses”, que teve publicações entre os anos de 2006 e 2019, onde se buscava recontar trechos da história de Ourinhos, com base em fotografias antigas (cedidas por acervos pessoais), relatos dos antigos moradores, documentos (entre eles estão recortes d’ *A Voz do Povo*).

Para a construção da narrativa sobre a cidade de Ourinhos, um autor que contribui com a tarefa de geografizar a vida com base na interpretação lugar – habitar e da paisagem – construir - é Carlo Ginzburg (1989) com o seu paradigma indiciário. Em seu livro chamado *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989) ele propõe uma maneira de fazer ciência fundamentado na investigação de indícios e sinais visando reconstruir ou compreender uma realidade pretérita. Com isso manifesta uma necessidade de conhecimento de causa para desnudar a realidade. Nesse sentido, o pesquisador busca seus dados a partir da restauração de uma realidade dos vestígios das práticas que modificaram a paisagem e exprimiram fenômenos geográficos. Nesse sentido, tal como um caçador que busca o animal pelas pegadas, o médico que examina o paciente pelo sintoma ou o detetive a cena do crime pelos indícios, o pesquisador busca seus dados a partir da reconstrução de uma realidade dos vestígios das práticas que transformaram a paisagem e expressaram fenômenos geográficos.

Ginzburg (1989) explana sobre a reconstrução do passado por meio do método:

se as pretensões do conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la. (GINZBURG, 1989, p. 177).

As análises dos jornais e da entrevista realizada com os antigos moradores por ROMERO; MORAES (2004), que demonstraram reconstruções em contextos distintos, foram feitas a partir de indícios e sinais no intuito de perceber os caminhos que suas memórias percorreram até aqui e até agora para que, assim, possamos buscar referências do cotidiano que, em certo grau de escala, permitam-nos interpretar a configuração do lugar.

### **CAPÍTULO 3: CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA SOBRE A CIDADE DE OURINHOS ENTRE 1918 E 1944**

#### **3.1 Útero do progresso**

A região de Ourinhos começou a ser colonizada em meados da década de 1850 por migrantes mineiros, que abandonavam a atividade mineradora que estava decadente em busca de terras férteis para tomarem posse, no mesmo movimento que abrangeu todo o Oeste Paulista, segundo assinala Reinaldo Selani (2005). Tal movimento foi apressado pela eminência de aprovação da lei de terras devolutas, de 1850, e a ideia do “homem desbravador” foi estimulada.

As terras do interior paulista eram consideradas inóspitas e desconhecidas nos mapas da época, assinaladas como “terrenos desconhecidos e habitados por indígenas” (ZOCCHI (2002, p. 27) *apud* SELANI, 2005, p.18).

Nestas terras, encontravam-se índios Kaingang (também conhecidos como Coroados, por causa de seu corte de cabelo, que remetia à uma coroa), e nas vizinhanças, Caiuás e Xavantes.

Em 1880 os Kaingang eram também encontrados nas matas da margem norte do Rio Paranapanema<sup>28</sup>. Nômades, acostumados “às mudanças sazonais de residência no interior de um mesmo território, o seu; viviam principalmente da caça e da coleta e não permaneciam mais de dois anos na mesma área”. (PINHEIROS, 1992, p. 61). Entre os Kaingang paulistas os homens caçavam, pescavam e guerreavam, erguiam as habitações e faziam o fogo que a mulher se encarregava de conservar aceso.

Os trabalhadores rurais procuravam viver próximos uns dos outros “para se protegerem dos ‘ataques’ dos indígenas e acumularem forças, organizarem ‘bandeiras’ ou ‘batidas’ e poderem adentrar o espaço de luta, o local denominado por eles de sertão” (idem, p. 48). Niminon Pinheiros (1992) aponta que os indígenas

foram lembrados principalmente pelo seu atrevimento e pelas mortes que impuseram a alguns civilizados. [...] Os Kaingang preocupavam os colonizadores. Segundo eles, os Kaingang eram arredios aos contatos, apareciam nas residências, nos aldeamentos de

---

<sup>28</sup> COBRA, (1923, pp. 31, 32, 136, 137,138 *apud* PINHEIROS, 1992, p. 53). Em outros momentos, a autora aponta que ao longo do Rio Paranapanema havia aldeamentos Kaingang. Convergindo com essa ideia, o professor Norival Silva em entrevista cedida aos membros do CEDOM em 2009, afirmou que os indígenas ocupavam as áreas do Rio Paranapanema próximas à divisa entre Ourinhos (SP) e Jacarezinho (PR), indo até Salto Grande (SP), e que muitos utensílios dessas tribos foram encontrados nesses locais por antigos moradores de Ourinhos.

índios “mansos” ou nas plantações, onde costumavam roubar milho e utensílios domésticos. Intimidavam os moradores através do cerco de suas casas com buzinas e bordoadas. O índio aldeado, distinto do Kaingang, vivia no meio do colonizador, procurando imitá-lo e produzindo chapéus para comercializar. (PINHEIROS, 1992, p. 48).

Eram tidos como “ferozes” por defenderem seu espaço invadido pelos colonizadores, o que resultou num conflito entre eles e no massacre dos indígenas<sup>29</sup>.

Neste momento, as atividades econômicas dos colonizadores se baseavam na agricultura de subsistência e na criação de animais, principalmente porcos e o cultivo da cana-de-açúcar, fato que predominou até o final da segunda metade do século XIX, num sistema de economia primitiva.

Santa Cruz do Rio Pardo, São João e São Pedro (São Pedro do Turvo) foram os primeiros núcleos urbanos a serem fundados (PRADO; PRADO, 2019). Em 1870, Santa Cruz do Rio Pardo foi elevada à categoria de município. Neste momento, era considerado um dos maiores municípios do Estado de São Paulo em área.

De 1890 em diante, a cafeicultura foi progressivamente introduzida na região (Selani, 2005) e a ferrovia veio para estas terras logo depois, no final daquela década.

Entre as décadas de 1890 e 1930 ocorreu a fundação da maior parte dos municípios da região. Estes se constituíram segundo o traçado ferroviário desenhava seus contornos por suas terras. Os municípios de Bernardino de Campos, Chavantes, Canitar e Salto Grande se constituem como exemplos de cidades surgidas pela influência do transporte ferroviário (Boscariol, 2008).

Relata-se que Jacintho Ferreira de Sá, vindo de Santa Cruz do Rio Pardo, adquiriu de Dona Escolástica Melcheret da Fonseca<sup>30</sup> uma extensa gleba de terras, a Fazenda das Furnas, onde se encontra quase todo o atual município, tendo loteado a parte central da cidade e doado os terrenos para que se fizesse a construção de um grupo escolar e de uma igreja.

---

<sup>29</sup> “Os Kaingang se tornaram incômodos aos civilizados sendo por eles estigmatizados de “ferozes” e “imorais”, daí, serem hostilizados e perseguidos implacavelmente. Este comportamento pôs termo a um incipiente diálogo entre as duas partes em conflito. A guerra entre elas foi o desfecho dos acontecimentos após uma sequência de mal entendidos e desencontros contínuos. Devido à ausência de contatos “pacíficos” e periódicos entre Kaingang e civilizado, no oeste paulista, pouco se sabe sobre a sua forma de vida social antes da “pacificação” levada a cabo pelo Serviço de Proteção aos Índios, em 1912. Grande parte do material etnográfico existente sobre eles, e, analisado, foi coletado nas aldeias abandonadas pela fuga da perseguição de bugreiros ou após os massacres das batidas”, idem, p. 61.

<sup>30</sup> ARAUJO; CUNHA, 2011.

Havia duas outras fazendas de famílias pioneiras: a Lageadinho, de Antônio de A. Leite, o conhecido coronel Tonico Leite, influente político local, e a Fazenda do Jacu, conhecida também como Ourinhos, da família Costa Júnior.

Ourinhos nasceu em 1906, com o início de um pequeno povoado<sup>31</sup>. No ano de 1908, o Posto da Estrada de Ferro foi criado (que anos mais tarde seria incorporado à Estrada de Ferro Sorocabana). Ourinhos foi elevada a distrito em 1915 e a município em 1918<sup>32</sup>. Selani (2005) aponta que o binômio café-ferrovia provocou um dinamismo nestas terras, causando um expressivo crescimento populacional e econômico. Alguns distritos se tornam cidades logo depois de receberem a instalação de estações ferroviárias em suas terras, tais como Chavantes, Salto Grande e Bernardino de Campos. A cafeicultura foi beneficiada pela presença de terras férteis e do terreno suavemente ondulado do planalto paulista.

Os anos subsequentes foram marcados pelo crescimento populacional, dada à chegada de migrantes de diversas partes do Brasil e do mundo, pela transformação da paisagem urbana. Segundo *A Voz do Povo*<sup>33</sup>, quem primeiro fixou residência em Ourinhos foi Heraclito Sandano, imigrante italiano, com sua esposa e filhos.

Em seus primórdios, era uma cidade com poucas casas<sup>34</sup>, feitas em sua maioria de madeira, algo mais tarde criticado em artigos d' *A Voz do Povo*, taxadas de “taperas”, distribuídas entre as Ruas Paraná, Jacintho Sá, Antônio Prado e São Paulo. A má impressão causada pela paisagem urbana marcou as lembranças de seus moradores, que afirmavam: “não era nada, naquele tempo não tinha asfalto nenhum, a cidade era feia, tudo casa de madeira, assim como a minha”<sup>35</sup>; “para baixo da linha [do trem] era tudo mata”<sup>36</sup>. Era pequena e “pobre em luz, era pobre em água, esgoto, pobre em praticamente tudo”<sup>37</sup>.

O primeiro bairro da cidade foi a Barra Funda, onde morava a maior parte da população urbana até aproximadamente 1918, ainda que houvesse um pequeno povoado

<sup>31</sup> Nesse ano o núcleo urbano de Ourinhos contava com 270 casas, segundo informavam os jornais da região.

<sup>32</sup> Romero; Moraes, 2004; Silva, 2009; Del Rios, 2015.

<sup>33</sup> “Vindo da Itália em 1897, esteve em diversas localidades paulistas. Por fim, acompanhando a turma de construção da Empresa José Giorgi, veio dar com os costados em Ourinhos, mais ou menos em 1907. [...] Quando aqui aportou, Heraclito Sandano e d. Herminia Bonetti Sandano, sua dd. esposa, já tinham numerosa prole, constituída por 5 meninas e um menino. Em Ourinhos nasceria mais 4, desta vez, todos homens” (NOMENCLATURA DE RUAS ..., 1949, p. 2)

<sup>34</sup> “Havia poucas casas e eram em péssimo estado, o assoalho tinha frestas enormes e, em volta das casas, havia cafezais” (Relato de Maria Aurora de Leão, contido em: ROMERO ; MORAES, 2004, p. 201).

<sup>35</sup> Relato de Chosho Misato, que chegou ao país em 1918, contido em idem, p. 107.

<sup>36</sup> Relato de Antonia Pascal, idem, p.146.

<sup>37</sup> Relato de Antonio Augusto Saraiva, que chegou a Ourinhos em 1934, idem, p.148.

chamado Vila Odilon. A Barra Funda recebeu posteriormente o nome de Vila Nova, apesar de ser ainda conhecido pelo nome original. A área urbana se limitava às margens da linha do trem e o comércio girava em torno de quase vinte estabelecimentos<sup>38</sup>. A Estrada de Ferro Sorocabana dividia a cidade em duas partes<sup>39</sup>: a norte, ou “abaixo da linha”, com casas de madeira, precárias e com poucos estabelecimentos comerciais; e ao sul, ou “acima da linha”, a área desenvolvida, com o comércio principal, residências de melhor estrutura, bancos e a administração municipal.

Segundo Del Rios (2015), em 1912 as terras urbanas mais valorizadas estavam na área “acima da linha” enquanto a área “abaixo da linha” apresentava valor menor. Expõe também que em 1910, Jacintho Ferreira de Sá comprou a segunda parte da Fazenda das Furnas por 20 contos de réis, três anos depois, com o início da ocupação da cidade, ele vendeu cada 1 alqueire e meio por 5 contos e 500 mil réis, comprovando que houve valorização das terras nesse período em decorrência da chegada da Estrada de Ferro Sorocabana e da expansão cafeeira.

Para melhor compreensão da sequência do governo municipal, organizamos uma tabela com os nomes dos prefeitos e os anos de suas gestões, até o fim do período estudado:

| TABELA 1: PREFEITOS DE OURINHOS (1919-1944) |                   |
|---------------------------------------------|-------------------|
| PREFEITOS                                   | PERÍODO DE GESTÃO |
| Eduardo Salgueiro                           | 1919-1921         |
| Benício do Espírito Santo                   | 1921-1923         |
| Jacintho Ferreira de Sá                     | 1923-1925         |
| José Felipe do Amaral                       | 1925              |
| José Esteves Mano Filho                     | 1926              |
| José Galvão                                 | 1926-1930         |
| Theodoreto Ferreira Gomes                   | 1931              |

<sup>38</sup> “Na época não havia igrejas ou escolas, apenas a estação ferroviária, casas comerciais como a Sapataria Matachana, onde o proprietário fazia calçados por encomendas. O centro era composto por dez casas comerciais e delas poucas residências de materiais situados entre a Rua Paraná e a Av. Jacintho Sá”. (Relato de Toyoo Oda, que chegou a Ourinhos em 1918, contido em idem, p.143). “Ourinhos para baixo da linha tinha apenas uma sapataria e uma farmácia naquela segunda passagem daqui para lá. Aliás, não é na segunda, é na primeira passagem. Lá tinha o Cine Ourinhos, era um cinema pequeno” (Relato de Antonia Pascal, idem, p.146). “Na Rua Paraná tinha o secos e molhados que era o Camargo e, do outro lado da rua, era Antonio Godoi, que por sinal era do meu tio [...]” (Relato de Araceles Ruiz Romero, idem, p. 154). “A cidade possuía três cinemas – Cine Cassino, Cine Peduti [instalado posteriormente] e Cine Central. Os filmes eram mudos e, nos intervalos, era preciso jogar água na tela para não pegar fogo. A banda se fazia presente [...]” (Relato de Francisco Romero Filho, idem, p.184, grifo nosso).

<sup>39</sup> “No passado a divisão de classes era mais nítida, havia os pó de arroz (para cima da linha) e os pés de chinelo, (para baixo da linha). Hoje é normal há uma classe poderosa, uma classe média e a grande maioria, o ‘povão’. Havia dois tipos de moradores: para baixo e para cima da linha; para baixo estavam os pobres e para cima o progresso. Nessa época não havia quase nenhuma infraestrutura nas ruas” (Relato de Eitor Martins, contido em DIAS, 2011, p. 32).

|                             |           |
|-----------------------------|-----------|
| Rodopiano Leonis Pereira    | 1931      |
| José Felipe do Amaral       | 1931-1933 |
| Mário Grandi                | 1933-1934 |
| Benedito Martins de Camargo | 1934-1937 |
| José Esteves Mano Filho     | 1937-1938 |
| Horácio Soares              | 1938-1941 |
| José Felipe do Amaral       | 1941      |
| Hermelino Agnes de Leão     | 1941-1944 |

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

De 1919 a 1923 seguiram-se diversas disputas políticas de coronéis locais, envolvendo assassinatos e julgamentos que absolveram os acusados<sup>40</sup>. A Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus teve sua pedra fundamental lançada em 7 de Junho de 1920, perante uma área que daria origem à principal praça da cidade, a Praça Mello Peixoto. Nesse ano, a população total era de 4.273 habitantes.



**Figura 2:** Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus, na década de 1920. Fonte: <https://ourinhos.blogspot.com/2018/06/ourinhos-100-anos-de-historia-2.html>

A imagem acima foi tirada do meio da Praça Mello Peixoto, antes de sua primeira reforma. Poucas árvores se faziam presentes, não havia calçamento e jardins estruturados.

<sup>40</sup> Para mais detalhes ver capítulos 6 e 7 em Del Rios, 2015.

Em 1923, Jacintho Sá tornou-se prefeito e, por meio de diversas leis e decretos foi o responsável por: transformar a Rua Minas Gerais em uma avenida “alargando-a para o lado de cima”; a reconstrução da Rua Dr. Altino Arantes e embelezamento da cidade; a arborização das Avenidas Jacinto Sá e Minas Gerais e a reparação da estrada da ponte do Rio Pardo.

No ano seguinte, de Ourinhos saiu a primeira locomotiva rumo ao norte do Paraná sobre os trilhos da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, que em 1928 seria comprada por empresários ingleses. Nesse momento, a cidade passou a sediar o escritório central e as oficinas dessa ferrovia.

Em 1926, abriu-se uma concorrência pública para abastecimento de água da cidade e proibiu as construções de madeira no perímetro urbano<sup>41</sup>. No mesmo período, na gestão do prefeito Arlindo Luz, ocorreu a construção da estação de trens da Sorocabana<sup>42</sup> em alvenaria, para substituir a construção de madeira, inaugurada no ano seguinte.

Será solenemente inaugurada, no dia 22 do corrente, a nova estação da Sorocabana, nesta cidade. Ao espírito progressista do exmo. sr. dr. Arlindo Luz, d. d. director dessa importante via férrea, é que Ourinhos deve a construção dessa estação, uma das melhores deste ramal. (INAUGURAÇÃO DA NOVA ESTAÇÃO..., 1927, p. 2).

Próximas da estação ferroviária foram instaladas a Casa Matachana, a Casa Zanotto e a Casa Amaral, as primeiras lojas de secos e molhados, roupas, tecidos e calçados da cidade. Esses estabelecimentos tinham, no fundo da loja ou ao lado, a residência das famílias. Logo acima da linha do trem, estabeleceu-se um dos primeiros hotéis - o Hotel Comercial (na Rua Antônio Prado), que permanece em funcionamento desde então.

---

<sup>41</sup> Todas essas informações podem ser encontradas em Leis e Decretos, Livro nº 2. Esse material foi gentilmente cedido a nós por André R. da Silva, funcionário da Secretaria Municipal de Cultura de Ourinhos.

<sup>42</sup> “[Domingos Perino Neto] guarda entre suas recordações de menino a lembrança de uma Ourinhos pequenina [...] das queimaduras e sujeira que as fagulhas da Maria Fumaça faziam na molecada que ficava espiando as manobras do trem na passagem de nível” (ROMERO; MORAES, 2004, p. 82). Ele possui recordações muito semelhantes quanto a esse assunto, ver idem, p. 165.



**Figura 3:** Nova estação de trens de Ourinhos, na década de 1920. Fonte: Francisco de Almeida Lopes. In: <https://ourinhos.blogspot.com/2018/04/ourinhos-100-anos-de-historia-1-origem.html>

A nova estação de trens de Ourinhos foi construída na década de 1920, com a saída para a parte de cima da linha férrea, no sentido da Praça Mello Peixoto. A antiga estação tinha a saída virada para a Avenida Jacinto Sá.

Em 1927, inaugurou-se a ponte sobre o Rio Pardo, na barra do Rio Turvo, e também o coreto na Praça Mello Peixoto. Este teve sua autoria assinada pelo Dr. Ernesto Rosemberger e construção executada por Henrique Tocalino<sup>43</sup>.

Na Rua Paraná, uma das artérias da cidade, que se iniciava na Praça Mello Peixoto, estabelecimentos comerciais começaram a ser construídos, tornando-a a principal rua do comércio. No início dos anos 1930, nela foram instaladas uma grande casa de secos e molhados, a Casa Camargo, uma serraria e casa comercial da família Mori e o Armazém do Chico Vara, além do primeiro Grupo Escolar.

O cemitério de Ourinhos se localizava próximo à estação ferroviária, e em 1928 foi transferido para a Rua Gaspar Ricardo, a 1 km sentido norte da Vila Barra Funda. Juntamente com a construção da cadeia pública na mesma área da cidade, esses fatos contribuíram para a desvalorização imobiliária, tornando-se local habitado por pobres, com estabelecimentos comerciais e de serviços de baixo padrão, além de prostíbulos.

---

<sup>43</sup> DEL RIOS, 2015, p. 231.

José Galvão, prefeito municipal em 1929, publicou um edital no mesmo ano, para que os proprietários dos prédios situados à Rua São Paulo, no trecho entre a Avenida Altino Arantes e a Rua Piauí, que possuíam o meio-fio, executassem o calçamento. No mesmo edital, houve a abertura do registro de pedidos de ligação de água encanada<sup>44</sup>.

Paralelamente à pretensa reeducação popular que se desejava realizar, eram aventados projetos de melhoramentos básicos, imprescindíveis ao desenvolvimento, pivôs da urbanização e da passagem para a modernização tão idealizada. Teriam de ser tomadas providências rápidas, tais como a instalação de redes de esgoto e água encanada, a iluminação pública com energia elétrica, construções de pontes e pontilhões, abertura de avenidas, abertura e calçamento de ruas, ajardinamento urbano, entre outras obras. (PEREIRA, 2004, p. 27).

O ideal de progresso, tido aqui como tentativa de cópia dos padrões das nações que alcançaram a *modernidade*, pressupunha uma ordem evolutiva das sociedades, com leis normativas, cujo avanço não poderia ser interrompido. Inclusive, o uso da palavra “moderno”, gestava a síntese dos novos tempos. Nicolau Sevcenko pontua que:

[...] *moderno* se torna a palavra origem, o ovo absoluto, a palavra-fruto, a palavra-ação, a palavra-potência, a palavra-libertação, a palavra alumbramento, a palavra-reencantamento, a palavra-epifania. Ela introduz um novo sentido à história, alterando o vetor dinâmico do tempo que revela sua índole não a partir de algum ponto remoto no passado, mas de algum lugar no futuro (SEVCENKO, 1992, p. 228, grifos nossos).

Mesmo as menores transformações eram muito celebradas pelos colunistas. Eis uma sequência, em ordem cronológica, de tais fatos:

[...] A Prefeitura está estudando o meio mais prático para a numeração dos prédios do perímetro urbano. Consta-nos que será ainda esse mez, que se iniciará o cadastramento para esse devido fim. Tomara que não gore esse grande melhoramento a população, pois que se facilitará extraordinariamente a distribuição de correspondencias, reclames commerciaes, e tudo emfim que se trata de adiantamento. (NUMERAÇÃO DAS CASAS..., 1931, p. 3).

Soubemos que o atual prefeito, Snr. Dr. Theodureto F. Gomes, ordenara que se collocasse por definitivo um cadeado no portão do cemiterio velho, não consentindo que nessa necrópole seja sepultado nenhum cadáver. Apoiamos esse gesto do Snr. Prefeito, que já há muito deveria ter sido resolvido. Pois desde 1920 que os sepultamentos eram feitos acotoveladamente ou sobrepostos, em virtude da pequena área existente. Pelo que soubemos, S. S. só permittirá os sepultamentos, d’ora avante, no cemiterio novo. (ATÉ QUE EMFIM..., 1931, p. 3).

---

<sup>44</sup> idem, pp. 232 e 233.

Voltou ao corrente a dynamica do anno de 1930, ampliar e dilatar o nosso municipio. Apesar da crise que abala tantos os municipios limitrophes, Ourinhos se enriquece e se immortaliza com o erguimento de soberbos predios. Em todas as ruas da cidade, a febre constructora transpira os seus effeitos. Aparte a construcção dos predios da rua Paraná, São Paulo e Avenida da Saudade, vemos a Praça João Pessoa variar de aspecto com os imponentes predios já construidos e outros em planos de construcção. (FEBRE CONSTRUCTORA..., 1932, p.1).

É digno de registro os abnegados esforços do nosso prefeito, o Sr. Theodureto F. Gomes no sentido de embellezar a nossa cidade. Assim é que vemos surgir diariamente novas e modernas construcções que vem emprestar mais um cunho de grandeza a este pedaço de São Paulo. Estão completamente reformadas e abauladas as estradas que ligam esta cidade a de Salto Grande, Chavantes e ao porto Mello Peixoto. As nossas ruas estão sendo conservadas, limpas e reformadas. Brevemente pretende ainda o nosso Prefeito iniciar a construcção da Ponte Mello Peixoto. (MELHORAMENTOS..., 1932, p. 1).

Optima, é a impressão que, á primeira vista, apresentam as ruas da cidade ultimamente tratadas com os trabalhos de sargeteamento que a actual administração mandou executar. Evidente, é a vontade de acertar do nosso governador municipal que, diga-se em homenagem a verdade, tem procurado cumprir o seu dever. (SARGETEAMENTO, 1934, p.1).

Apesar das condições precárias que se verificavam na cidade de Ourinhos, o imaginário de alguns de seus habitantes estava norteado pelos devaneios oníricos de progresso<sup>45</sup>, riqueza e desenvolvimento<sup>46</sup>. Falas sentimentais eram vistas n’*A Voz do Povo*, que enalteciam o caráter dos habitantes:

[...] segue com afinco as últimas providencias para ser levado a effeito o Espectaculo Patriotico em beneficio do resgate da Dívida Nacional. Pretendem os promotores desse festival ainda esse mez, realizarem os seus desejos para Ourinhos mais que depressa entrar no ról das cidades que occupa lugar de destaque em nosso Estado. (ESPECTACULO PATRIOTICO..., 1930, p.2).

Ourinhos, o centro de maior expansão commercial desta rica zona, cidade fadada e ser muito breve a capital do sertão, está se desenvolvendo de maneira estupenda e rapida. Esta cidade está fazendo a sua “toillete”. Os velhos casarões de taboas estão sendo demolidos para darem lugar aos grandes e modernos armazens, aos bonitos bangalows e residências chics. O espírito do povo ourinhense é o mesmo do super-homem bandeirante, orgulho de São Paulo, realizador por excellencia, acostumado aos empreendimentos de vulto; em summa, é o homem do dynamismo cyclopico, que não se afasta até mesmo deante do impossivel. Assim é que, attendendo à ordem

<sup>45</sup> “[...] O que mais abundava era a poeira, mas o progresso estava estampado no rosto dos habitantes, dos sitiantes que vinham fazer suas compras com suas carroças, havia muita amizade.” (Relato de Francisco Romero Filho, contido em ROMERO; MORAES, 2004, p.184.

<sup>46</sup> “O nosso futuro – o futuro desta cidade – é innegavelmente invejável” (O NOSSO FUTURO..., 1927, p. 1).

emanada da Delegacia regional de Saude de Avaré, diversos commerciantes desta praça estão reconstruindo seus predios, obedecendo aos requisitos de hygiene. (A HYGIENE EM OURINHOS..., 1931, p.1).

Alguns números do jornal possuíam artigos com elogios apaixonados à cidade, e tentavam atrair novos moradores para Ourinhos<sup>47</sup>, através de descrições de seus bons atributos<sup>48</sup>. Uma fantasia de “terra prometida”<sup>49</sup> era assim construída, por meio do discurso do jornal, e propagada aos locais de alcance dele:

embora novato nesta promissora Ourinhos, onde aportei depois de muito errar por esse mundo de meu Deus, parece-me que já posso gozar do direito e orgulho de fallar sobre sua vida e suas cousas, pois ella, cidade cosmopolita, de costumes francos e camaradagem facilima, é minha segunda Patria. [...] Amigo do progresso, procuro amparar sempre, nos limites de minhas possibilidades, todas as realizações cujas finalidades são quase que sempre exclusivamente de interesse colectivo, não obstante grande parte dellas nascer do genio realizador do elemento estrangeiro, que, irmanado com os que lhe emprestam hospitalidade, nos auxiliam a desbravar os sertões ferocissimos, desvendando mysterios que nem as vistas de lynce do saudoso Euclydes da Cunha conseguiram divisar e só as bandeiras de Antonio Raposo seriam capazes de transpor. (NA SENDA DO PROGRESSO..., 1934, p.1).

Os artigos publicados também tentariam atrair novos migrantes, explicitando os bons predicados locais, e seduzindo-os. A cidade era colocada como terra boa e dadivosa que acolhia a todos os forasteiros, aquela “terra onde o sol é sempre mais vivo, sempre mais brilhante e sempre mais quente, Ourinhos!”<sup>50</sup>.

A praça de Ourinhos vende para quasi todo o norte do Paraná: tecidos, ferragens, materiaes para construcção, bebidas, artigos manufacturados, doces, macarrão, drogas, etc. [...] Ademais, com 3 estradas de ferro, ligando-a directamente a todo o paiz, só póde progredir. [...] Ourinhos tem: Correio, telegrapho, bancos, grupo escolar, um gymnasio particular, drogaria, jardim, musica, cinema, futebol, typographia

<sup>47</sup> No quinquênio compreendido entre 1932 e 1937, percebeu-se a multiplicação de anúncios de vendas e aluguéis de terrenos e casas em Ourinhos, além de constantes propostas de permuta de imóveis. Inclusive, um conflito pelo alto preço dos terrenos foi iniciado em algumas edições, que denunciavam a falta de moradia. “A picareta do progresso, traz, sem duvida, problemas de difficil solução. Um delles, o mais importante é, não ha de negar, o da habitação. Ourinhos atravessa, a olhos vistos, uma phase de franco desenvolvimento. Ha falta, rigorosa falta, de casas. [...] Mas, pergunta-se: si não houver uma grande quantidade de predios novos, para onde irão os que aqui vem a procura de casa?... O remedio é a gente não mudar. A menos que a casa cáia” (UM CASO SERIO!..., 1936, p. 2).

<sup>48</sup> FRANKLIN CORRÊA. Ourinhos, 1938, p. 1.

<sup>49</sup> “Canaan das venturas prometidas onde cada dia que passa é uma apothese de gloria e amor! Cidade-Sonho! Habitação divina das musas inspiradoras, verso de ouro no soneto de Natura, recanto pequenino onde a dôr é um mytho. Ourinhos! Terra moça que vibra e palpita, que sonha que canta! Cidade feita de estrellas, matizada com raios de lua, és o reinado festivo da felicidade! Ourinhos! Cidade-Sonho, Cidade-Amôr, Cidade-Coração!” (Idem, 1938, p. 2).

<sup>50</sup> Ibidem, 1938, p. 2.

jornal, optimos hoteis, photographos, fabricas de sabão, macarrão e bebidas, 4 usinas de algodão, egrejas, uma casa de saúde, collectorias estadual e federal, serrarias, medicos, dentistas, advogados, cadeia, engenheiros, grandes casas commerciaes e animadissimo commercio varejista. A cidade vae ser calçada e terá rede de êxgotto, em breve. Já tem água potavel. Ourinhos é uma cidade nova e barata. Ha fartura de generos alimenticios. O clima é saudavel. Não ha crise de trabalho. O povo é bom, educado, ordeiro, attencioso e acolhedor. Deixe que seus filhos cresçam nessa cidade que está crescendo. Principie vida nova em uma cidade nova. Aqui ha lugar para você e sua familia. Venha conhecer Ourinhos. E fique aqui, que será feliz. (VOCÊ SABIA?..., 1937, p. 5).

A crença no desenvolvimento era tão arraigada no discurso veiculado, que mesmo diante de inúmeras dificuldades na ordenação do espaço urbano e no investimento em infraestrutura, ela não se abalava e pelas afirmações ditas não havia dúvidas quanto ao futuro esplendoroso que viria, tal como nota-se no seguinte trecho:

Ourinhos é, sem dúvida, a cidade da Alta Sorocabana que, nestes últimos annos, apesar de todos os empecilhos, mais se tem desenvolvido. A iniciativa particular, acima de tudo, merece os nossos mais calorosos applausos. Diariamente novos prédios são construídos, destacando-se alguns, de fino gosto e elevado custo. Emquanto os poderes públicos estudam o problema: agua e exgottos, o povo mete mãos á obra; trabalha, e a cavalleiro de todas as perspectivas de crise, grandes sommas são mensalmente immobilizadas nesta terra onde a agua falta e o pó abunda i sem agua, poerenta, Ourinhos não se abate: progride! (JOSÉ LUIZ, Reparos I, 1941, p. 1)

Na altura de 1937, Ourinhos seria a “cidade movimentada, com seis trens diarios, ponto obrigatorio de passagem diaria de centenas de pessoas”<sup>51</sup>, “dezesseis (16) hoteis e pensões e, parece-nos, dez (10) chalets de loteria”<sup>52</sup>. Abaixo, um dos maiores ícones desse período, o Hotel Comercial, na Rua Antônio Prado, que era de propriedade do português Antônio Ferreira Dias.

---

<sup>51</sup> POLICIAMENTO..., 1937, p. 1.

<sup>52</sup> IMPOSTOS..., 1937, p. 2.



**Figura 4:** Hotel Comercial, no final da década de 1930. Fonte: Francisco Almeida Lopes. In: <https://ourinhos.blogspot.com/2015/11/o-hotel-comercial-em-tres-momentos.html>, acesso em 20/02/2021.

Naquele ano, o primeiro loteamento proveniente da divisão de uma propriedade rural foi criado, por meio da compra de 50 alqueires de terras do principal fazendeiro, denominado Vila Sá, cuja extensão recebeu o nome de Vila Margarida (Del Rios, 1992).

Com o loteamento e a rápida ocupação, a Vila Margarida se colocou como um loteamento populoso e periférico naquele momento, habitado principalmente pelos funcionários da E.F. Sorocabana, pois localizava-se ao lado da Vila dos Ferroviários.

O empresário Manoel Souza Soutello em 1939 iniciou a venda de lotes da sua propriedade na área central, próximo à ferrovia. Tratando-se de uma área valorizada, tida como cartão de entrada da cidade, houve muita expectativa em torno da possibilidade de construção de prédios residenciais, conforme noticiado por um artigo<sup>53</sup> do jornal no mesmo ano.

---

<sup>53</sup> “Esse gesto daquele estimado cavalheiro que, soube fazer parte do conjunto de benemeritos fundadores do rincão ourinhense, tem sido um propugnador dedicado e incansável do progresso local [...] logrou causar a mais lisonjeira repercussão entre nós, tendo-se em vista que virá ele propiciar a construção de novos prédios residenciais em um dos nossos sectores urbanos mais carecidos de melhor aspecto, justamente porque considerado a «sala de visitas» da nossa cidade. Está pois de parabéns o sr. Manoel de Souza Soutello, e com elle a nobre e laboriosa familia ourinhense”.

Segundo Saraiva; Moraes (2004) surgiram a partir da década de 1940, os loteamentos Jardim Matilde, Vila Perino, Vila Boa Esperança e Vila Moraes, com o desmembramento das propriedades rurais para atender a expansão urbana que a cidade passava. Horácio Soares, durante a gestão como prefeito (1938-1941), começou a lotear as terras da sua fazenda, criando a Vila Emília, posteriormente a Vila Santo Antônio e a Vila São José. Outro exemplo de fragmentação das fazendas e incorporação das mesmas à cidade são as terras de Álvaro Ferreira de Moraes, das quais foi criada a Vila Moraes. Ao final da década de 1940, o espaço urbano de Ourinhos era composto dos loteamentos Vila Margarida, Vila Sá, Barra Funda, Centro, Vila Emília, Vila Odilon, Jardim Matilde, Vila Perino, Vila Boa Esperança e Vila Moraes.

Até 1938, o Grupo Escolar de Ourinhos localizava-se na Rua Paraná. Era um prédio pequeno que não dava conta da demanda escolar do município. Desde o início da década de 1930 havia sido criado o Sistema Municipal de Ensino, que passou a atender principalmente a demanda existente na zona rural. Então, na gestão do prefeito Benedito Martins de Camargo, escolheu-se a área da esquina da Rua 9 de Julho com a Sergipe (atual Expedicionário) e se erigiu o novo prédio. Com tal ato foi possível criar novas vagas ao ensino primário. Abaixo, uma fotografia do prédio recém-inaugurado:

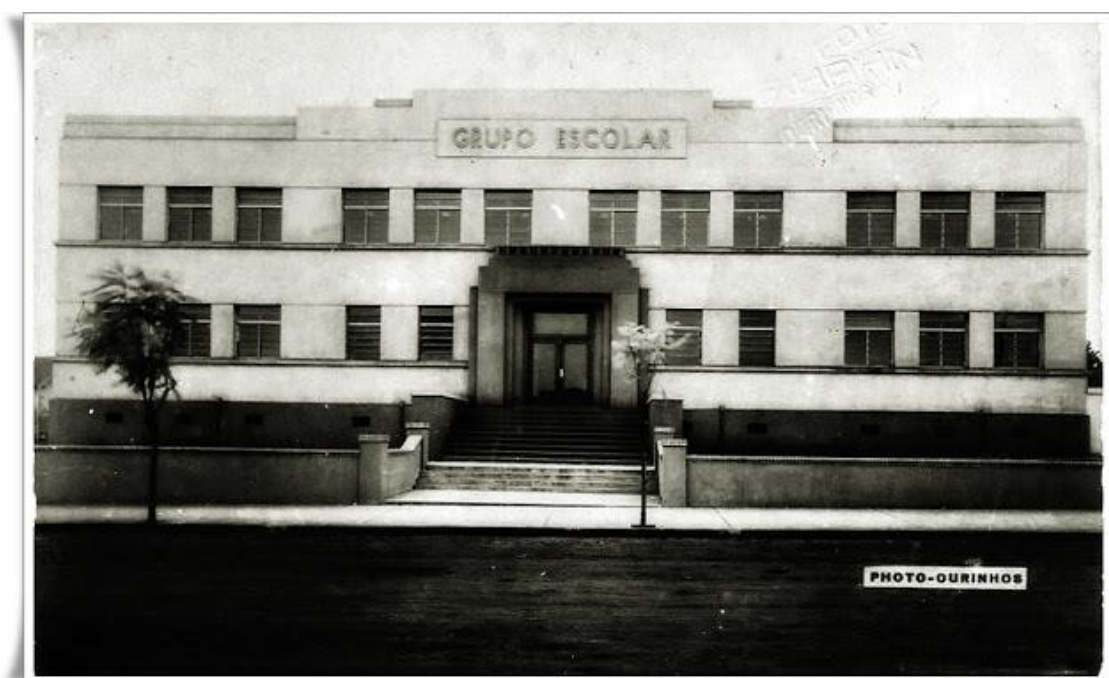


**Figura 5:** Grupo Escolar em 1938. Fonte: Frederico Hahn, In: <https://ourinhos.blogspot.com/2015/08/o-grupo-escolar-jacinto-ferreira-de-sa.html>.

Em fevereiro de 1940, por meio de um decreto<sup>54</sup> do interventor de São Paulo, Adhemar Pereira de Barros, o Grupo Escolar de Ourinhos teve seu nome alterado para Grupo Escolar “Jacintho Ferreira de Sá”.

Contudo, a criação dessa unidade escolar não foi suficiente para lidar com a demanda, conforme a análise de dados do censo de 1940 feita por um colunista do jornal, Lamartine Moraes Rosa, que denunciava o fato de que naquele ano, “agravou-se a situação escolar e, apesar, de superlotação das 17 classes existentes, cerca de 200 crianças, novamente, não puderam obter matrícula por falta de lugares”<sup>55</sup>, e pedia a intervenção da prefeitura no caso, com a abertura<sup>56</sup> de novas classes aos alunos do município.

Com a chegada de Hermelino de Leão à prefeitura algumas mudanças puderam ser observadas na paisagem, entre elas o zoneamento da cidade, que foi dividida em três zonas, com regras para as edificações a serem erigidas.

A primeira zona se localizava na Praça Mello Peixoto, inclusive esquinas adjacentes. Nela, poderiam ser construídos apenas “prédios de tijolos e que se compoñham, no mínimo, de 2 (dois) pavimentos”<sup>57</sup>.

A segunda zona se localizava entre a Rua Rio de Janeiro, a partir do seu início até a esquina da rua Paulo Sá; Rua Arlindo Luz; Rua Paraná; Avenida Altino Arantes, Rua Piauí (atual Expedicionários); Rua Euclides da Cunha; Rua Silva Jardim; Rua Pedro I; Ruas Benjamin Constant e Paulo Sá, a partir da Rua Arlindo Luz; Rua Souza Soutelo; Rua Monsenhor Antonio Cordova; Rua Cardoso Ribeiro; Rua Sergipe; Rua 9 de Julho; Rua Conselheiro Rodrigues Alves, até a esquina da Rua Rui Barbosa; Rua São Paulo; Avenida Jacinto Sá, a partir da esquina da Rua Nilo Peçanha, trecho da Rua Amazonas compreendido entre as ruas Maranhão e Pedro de Toledo; Rua Maranhão; ruas Duque de Caxias, Antonio Prado, Gaspar Ricardo, Goiás e Pedro de Toledo, até encontrarem a Rua

---

<sup>54</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE OURINHOS, DECRETO n. 10.940, de 14 de Fevereiro de 1940, In: **A Voz do Povo**, 17 fev. 1940, p. 4.

<sup>55</sup> ROSA, A situação escolar em Ourinhos, 1941, p. 4.

<sup>56</sup> “[...] fizemos uma cuidadosa verificação nos boletins do Recenseamento de 1940, correspondente á zona urbana e suburbana, desta cidade e encontramos o elevado numero de 1.092 crianças, em idade escolar de 7 a 14 anos, excluindo-se desse total os já diplomados por Grupo Escolar. Dividindo-se 1.092 por 40 (máximo de alunos por classe), verifica-se que seriam necessárias 27 unidades para atender á população escolar de Ourinhos; [...] o predio do estabelecimento possui 11 salas de aula, sendo que 9 convenientemente mobiliadas, podendo funcionar 22 classes, em 2 períodos, no regime aconselhável de 4 horas de aula; [...] com a criação de mais 5 classes passará o estabelecimento á 2ª categoria, o 1º desta Região, vindo atender á necessidade que temos de mais funcionários administrativos, pois, o predio é vasto e o serviço pesado para apenas 3 serventes, sem porteiro, num Grupo de matrícula excessiva como é este [...]”. *idem*, p. 4.

<sup>57</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE OURINHOS – AVISO..., 1942. p. 4.

Pará; Vila Emília e Vila Morais. Nela, poderiam ser construídos “prédios de tijolos de um só pavimento, sendo que nas casas de pequenas dimensões, contendo de 3 a 4 quartos, as paredes poderão ser feitas de 112 tijolos e o pé direito poderá medir 3 metros”<sup>58</sup>.

A terceira zona abrangia as ruas e praças que não estivessem incluídas nos limites da primeira e segunda zonas, ou seja, as áreas periféricas da cidade, longe dos olhos do poder público e das ambições de progresso tão pregadas. Nessa zona poderiam ser construídas “a título precário casas de madeira”<sup>59</sup>.

Meses depois, o jornal noticiava a mudança na paisagem urbana de Ourinhos, em tom celebrativo:

Ourinhos dia a dia desenvolve-se admiravelmente. Por toda a parte da cidade nota-se o progresso. Ali, naquela rua, erguem-se majestosos prédios de construção recente. Acolá, naquela avenida, levantam-se belas vivendas. Mais além, naquele subúrbio, constroem-se modernas residências — enfim — as edificações multiplicam-se semanalmente. Onde há meses passados havia terrenos baldios, hoje surgem formosas residências. Onde há um ano era cafezal imenso, hodiernamente aparecem numerosas casas. Tudo isto é sinal evidente que Ourinhos progride. (OURINHOS PROGRIDE..., 1942, p. 3).

Além disso, houve o nivelamento de algumas ruas<sup>60</sup>, o alargamento e prolongamento de vias principais, como a Jacinto Sá (conforme a imagem abaixo) e a Rua Piauí.

---

<sup>58</sup> Idem, 1942, p. 4.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 4.

<sup>60</sup> “As ruas da nossa “urbs” estão sendo niveladas e abauladas, o que poderá ser constatado por todos os que se interessam pelo soerguimento da cidade. Muitas ruas tiveram sua extensão duplicada com a abertura de novos trechos”. (MELHORAMENTOS PUBLICOS MUNICIPAIS..., 1942, p. 3).



**Figura 6:** Avenida Jacinto Sá nos anos 1940, após o nivelamento. Fonte: Francisco de Almeida Lopes. In: Blog Memórias Ourinhenses.

Em 1942, um artigo afirmaria que Ourinhos tinha outro aspecto após as reformas implementadas, algo que poderia ser atestado por todos. A Avenida Jacinto Sá fez junção com a Rua José Bonifácio, saída para Salto Grande, passando pelo cemitério velho, convergindo para a referida avenida todo o movimento daquela entrada da cidade. Antes, a citada avenida não tinha saída para nenhum lado, com sua possibilidade de extensão sacrificada, indo dar ao cemitério velho, “havendo a natural repugnância de atravessar o curso da rua sobre a antiga necrópole”<sup>61</sup> para ganhar a Rua José Bonifácio. Hermelino de Leão determinou que se fizesse por conta da Prefeitura a desobstrução do referido trecho de rua, removendo os ossos humanos para o Cemitério Municipal, ligando a avenida à Rua José Bonifácio e à outras ruas do bairro adjacente. Outra via pública bastante beneficiada, sem contar as travessas, “todas niveladas e abauladas, foi a Piauí, seguindo o seu prolongamento até à Vila Emilia, com abertura de novos trechos que dificultavam o próprio embelezamento da rua”<sup>62</sup>. Houve também a construção da Santa Casa, algo muito comemorado e acompanhado aos pormenores pelo jornal.

---

<sup>61</sup> Idem, 1942, p. 3.

<sup>62</sup> Ibidem, p. 3.



**Figura 7:** Lançamento da pedra fundamental da Santa Casa, em 1940. Fonte: Blog Memórias Ourinhenses.

Até então, os atendimentos médicos hospitalares eram feitos na Clínica Ovídio Portugal, do médico de mesmo nome, e na Casa de Saúde, do Dr. Hermelino de Leão. Abaixo, uma imagem desta última.

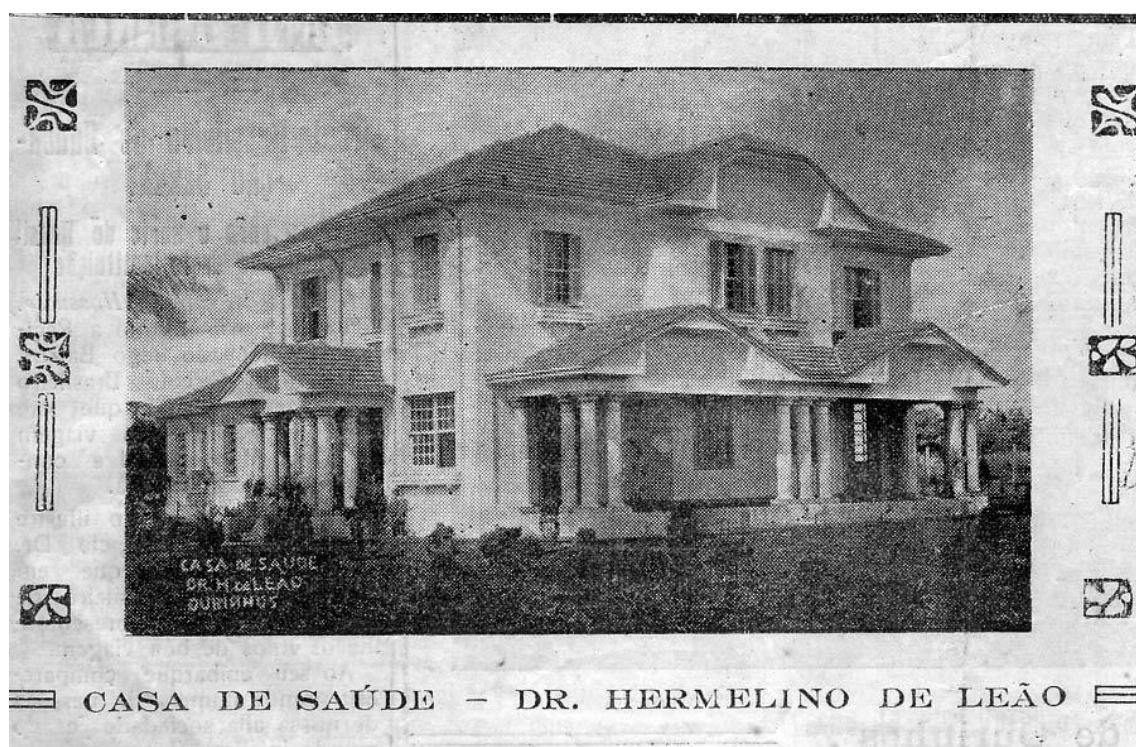


**Figura 8:** Casa de Saúde – Dr. Hermelino de Leão, em 1937. Fonte: *A Voz do Povo* (1937).

O Exército Brasileiro fez algumas fotografias aéreas de Ourinhos nos anos 1930 e 1940, que são disponibilizadas pelo blog *Memórias Ourinhenses*. Abaixo, uma delas, de 1940, que revela a configuração do espaço urbano, num momento em que fazendas se faziam presentes na paisagem, com seus cafezais nas bordas do centro da cidade. Podemos observar a Praça Melo Peixoto, com a remodelação feita em 1937, no canto direito inferior.

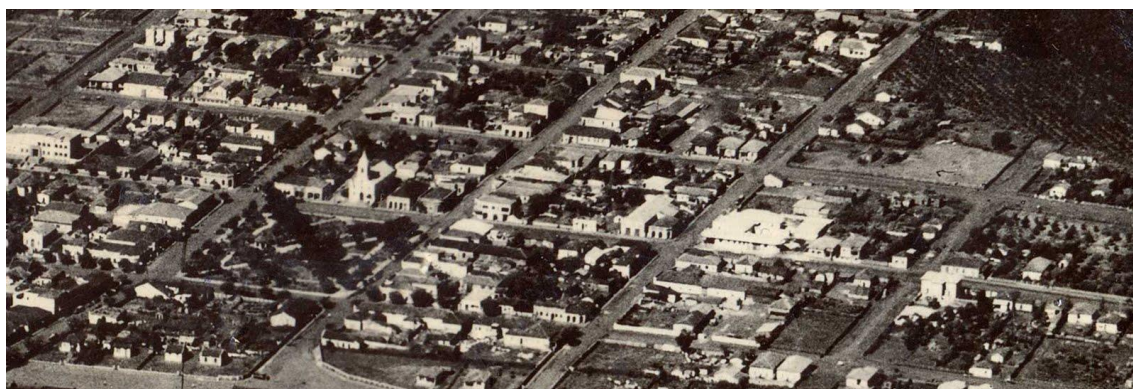


**Figura 9:** Vista aérea de parte do centro de Ourinhos, em 1940. Fonte: Exército Brasileiro. In: Blog Memórias Ourinhenses.

Na segunda imagem [abaixo], do fim da mesma década, podemos identificar a catedral nova em construção, assim como o Seminário recém-inaugurado. A igreja matriz [na Mello Peixoto] ainda estava em pé. Ao fundo, a linha do trem cortava o cenário.



**Figura 10:** Vista aérea de parte do centro de Ourinhos, no final dos anos 1940. Fonte: Exército Brasileiro. In: Blog Memórias Ourinhenses.

A cidade era marcada por contrates entre o urbano e rural. O cafezal das grandes fazendas delimitava a área urbana. Na imagem, do fim dos anos 1940, nota-se que as ruas

não possuíam pavimentação, sendo de terra batida. O tracejado das ruas centrais chama a atenção, atestando que houve um planejamento na época de fundação.

A relação da imprensa com os governantes locais era explicitada ao longo das edições, onde os favorecidos recebiam inúmeros floreios e louros, e a seus desafetos, ironias e deboches. As conquistas de Hermelino de Leão eram motivo de constantes elogios, que exaltavam seu caráter<sup>63</sup>, dinamismo e a grande vontade de trazer a Ourinhos o progresso:

o dr. Hermelino de Leão, desde que assumiu a direção do nosso município, tem se mostrado de um dinamismo impar e patriótico, acudindo todas as mais inadiáveis necessidades da cidade, procurando, com os minguados recursos de que póde dispor, minorar a vida cidadína, dando aos habitantes de Ourinhos uma prova cabal e patente de seu sincero desejo de bem servir a cidade. Não é um prefeito de gabinete. É um obreiro dinâmico, que não espera pelos outros, que tem visão das nossas necessidades, que procura, sem medir sacrifícios, melhorar a cidade sem acarretar maiores ônus á situação dos municípes, já sobrecarregados, promovendo, sempre animado da melhor boa vontade, todos os mais aconselháveis empreendimentos que possam redundar em benefício colétivo. E a sua administração tem sido fecunda. Muito tem ele feito, á frente do governo municipal, em pról da cidade, merecendo, por esses méritos, o acatamento e a veneração de todos os que vivem em nosso meio [...] (MELHORAMENTOS PUBLICOS MUNICIPAIS..., 1942, p. 3.)

O dr. Hermelino A. de Leão, prefeito municipal desta cidade, vem dispensando sérios cuidados ao serviço de ajardinamento da Praça Melo Peixoto, presenciando e dirigindo ele mesmo, sempre que lhe sobra tempo, o serviço de remodelação dos canteiros já existentes naquele logradouro publico e promovendo outros, com novas plantações de flores e arvoredos proprios de jardins. E com esse afeto e interesse paternal, o Dr. Hermelino vai enfrentando os problemas da administração publica municipal, fazendo uma gestão que muito promete, não restringindo a sua ação energica, de larga-visão administrativa, apenas aos grandes melhoramentos locais, mas a todos os setores das necessidades da cidade, que são atacados conforme as possibilidades do momento [...] Aqui, mercê de Deus, todos estão integrados e resolutamente, com as nossas autoridades dentre as quais, como uma das mais prestigiadas, está o nosso Prefeito Municipal, pela sua dedicação ao povo, pelo seu acurado amor ao progresso local. E o povo tem o gôverno que merece (JARDIM PUBLICO DE OURINHOS..., 1942, p. 2)

---

<sup>63</sup> “Moço capaz, dotado de grande dose de boa vontade, independente de um carater impoluto e do mais fino jaez, o Dr. Hermelino, tem a seu favor ainda uma sadia cultura e a benquerença do publico ourinhense, inteiramente ao seu lado, sem discordância de uma só pessoa, porque, felizmente, em Ourinhos, se ha elementos descontentes, espiritos de contradição, que os ha em todos os lugares, representam minoria e estão isolados, porque não são conhecidos”. JARDIM PUBLICO DE OURINHOS..., 1942, p. 2.

Um dos pontos de orgulho da cidade era o Cine Casino, que desde a década de 1920 trazia filmes [majoritariamente estrangeiros] à cidade. Localizava-se na Rua São Paulo, esquina com a Rua Piauí (atual Avenida dos Expedicionários). Havia sessões aos sábados e domingos, e às quartas e quintas-feiras, e sua programação era exposta no jornal em todo o período por nós analisado. Era de propriedade de um empresário de Botucatu, Emilio Pedutti, que veio administrá-lo em 1936, mas seu fundador foi Álvaro Rolim. Segundo Del Rios (2015), não foi o primeiro cinema, mas o mais famoso. Antes dele havia o Cine Municipal, na avenida Dr. Altino Arantes, na Rua Antônio Carlos Mori, e o Cine Central, fundado por Narciso Migliari e vendido posteriormente à família Lourenço, na praça Mello Peixoto. Seu auge foi entre as décadas de 1920 e 1940.



**Figura 11:** Cine Casino, na década de 1920. Fonte: Francisco de Almeida Lopes. In: <https://ourinhos.blogspot.com/2014/05/flash-gordon-no-cine-cassino-de-ourinhos.html>, acesso em 20/02/2021.

Na imagem acima, podemos observar o Cine Casino em sua forma inicial, com um galpão de madeira. A estrutura era singela, de madeira, sem grandes adornos externos além da placa com seu nome, parecia um “deposito de alfafa. Isto visto por fóra. Lá dentro então a cousa é mais desoladora”<sup>64</sup>.

Em 1939, uma reforma foi iniciada e noticiada<sup>65</sup>, após muita reclamação dos usuários, que assinalavam o desleixo da empresa com o cinema e a precariedade nas

<sup>64</sup> JOSÉ LUIZ. Reparos I, 1941, p. 1.

<sup>65</sup> “[...] cuja reabertura é aliás esperada com grande expectativa, pelo publico ourinhense, vae lucrar enormemente com a mesma, já sob o ponto de vista do seu melhor aspecto, já sob o conforto e commodidade maiores que offerecerá aos seus numerosos freqüentadores [...]”. (CINE CASINO..., 1939a, p. 5).

instalações do prédio. A reinauguração viria em 18 de março do mesmo ano<sup>66</sup>, com banheiros masculino e feminino, hall de espera, novos ventiladores e o ambiente ampliado, tendo capacidade para oitocentos espectadores. Meses depois, “um novo e moderno aparelho de marca BYINGTON para som e projeção, e com equipamento completo”<sup>67</sup>, foi colocado.



**Figura 12:** Cine Theatro Casino em 1940. Fonte: Frederico Hahn. In: <https://ourinhos.blogspot.com/2014/05/flash-gordon-no-cine-cassino-de-ourinhos.html>, acesso em 20/02/2021.

Ainda assim, dois anos depois ao longo de quatro edições do jornal (475, 476, 483 e 502) um colunista detalharia a questão do desconforto existente durante as exibições dos filmes com o calor<sup>68</sup>, superlotação<sup>69</sup> e falta de estrutura<sup>70</sup> de forma ácida e apontaria o descaso com o público ourinhense, conforme podemos verificar no trecho abaixo:

<sup>66</sup> CINE CASINO..., 1939b, p. 6.

<sup>67</sup> CINE CASINO..., 30 mar. 1940, p. 4.

<sup>68</sup> O colunista afirma que era “um salão retangular com tecto e piso em planos, horisontalmente, paralelos, desprovido de qualquer meio de ventilação, é o maior tormento dos espectadores nos dias quentes que atravessamos.”. JOSÉ LUIZ, 1941, p. 1.

<sup>69</sup> “Mobiliado da fôrma mais variada que jámais vi, com cadeiras rústicas de peroba em todas as suas variedades, cinco typos no mínimo, lá estão, dispostas em fila, muito próximas umas das outras, de forma que o espectador é obrigado a manter, durante o espectáculo, uma posição oblonga ou incommodar o visinho á sua frente”. Ibidem, p. 1.

<sup>70</sup> “A falta de intervallos entre as pessoas obriga a um constante movimento de cabeça, pra-lá, pra-cá para que se possa enxergar o que se projecta na tcla. Terminado o supplicio do espectáculo todos sahem com o pescoço semi-duro e as costas doloridas”. Ibidem, p. 1

a Empresa Pedutti, concessionária deste cinema não dá a menor importância á platéia desta cidade [...] devia se lembrar do Cine-Theatro Casino e compreender que o povo de Ourinhos tem sido paciente demais suportando a falta de conforto dessa casa, que ironia de diversões... Enquanto o empresário continuar a exigir de nós estes martírios, seria bom lembrar aos fabricantes de Untisal ou Frixal manterem á porta do Cine-Theatro Casino um «camelot» distribuindo amostras grátis desses medicamentos, assim aumentaria consideravelmente a venda dos productos e diminuiria os nossos enfados”. (JOSÉ LUIZ. Reparos I, 1941, p. 1).

Haveria uma reação não muito amigável por parte da empresa proprietária do cinema, e o colunista voltaria a fazer mais apontamentos e cobranças:

a Empresa Pedutti a estas horas estará reflectindo sobre as nossas observações de sabbado passado? Quem sabe?! É conveniente que leve a sério as nossas queixas, pois tudo quanto dissemos reflecte exactamente o que é o Cine Theatro Casino de Ourinhos. Não temos a intenção de ridicularisa-la e sabemos que em outras cidades desta zona tem ella servido com critério os seus espectadores, apresentando-lhes filmes de ultima linha em cinema confortável, como o que acaba de ser inaugurado em Baurú, aliás um dos melhores do interior paulista. Entretanto, nós, o povo de Ourinhos, não temos merecido a mesma deferencia e somos forçados a suportar a canícula da rua São Paulo, sentados incommodamente, sem ar e sem luz. (JOSÉ LUIZ. Reparos II, 1941, p. 1).

Evitando mais atritos com a população e visando ampliar seus lucros, a Empresa Pedutti adquiriria um ótimo terreno, “entre o Grupo Escolar e Tipografia ‘Cidade de Ourinhos’, medindo 21 metros de frente por 45 de fundos”<sup>71</sup>, e isso teria boa reverberação nas colunas do jornal, que anunciaria entusiasticamente a construção de um novo prédio, mais moderno e equipado:

salve Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade!! É com a maior satisfação que, voltando a escrever “Reparos”, comunico ao povo ourinhense, a excelente notícia, da construção de um magnífico prédio que se destina ao “Cine Casino”. [...] O povo de Ourinhos, que se sentia humilhado com a sua casa de diversões, da Rua São Paulo, já canta as primeiras glorias vendo que se aproxima rapidamente o fim de seu pesadelo. Por tudo e por todos, ao Snr. Pedutti e á “A Voz do Povo”, os meus mais sinceros agradecimentos (JOSÉ LUIZ. Reparos III, 1941, p. 2)

O processo de construção foi noticiado e acompanhado com grande expectativa pelo jornal, que afirmava que “Ourinhos, muito breve, vae possuir o seu teatro novo e confortável, compatível com o seu progresso e cultura e isso graças á boa vontade e ao

---

<sup>71</sup> JOSÉ LUIZ, Reparos III, 1941, p. 2.

espírito construtor do sr. Emilio Pedutti”<sup>72</sup>. O referido empresário visitaria a cidade para acertar com o engenheiro responsável pelas obras em junho de 1941<sup>73</sup>, mas os atrasos na construção seria motivos de mais ataques por parte de seus ansiosos expectadores, conforme podemos verificar no seguinte trecho:

[...] o sr. Peduti, aguçou a vontade da gente ourinhense que gosta de cinema, com a promessa de um prédio novo em folha para instalação do Cine Casino. Veio aqui o sr. Peduti, comprou o terreno, trouxe um engenheiro de sua Empresa, conseguiu a planta e... dormiu sobre o caso. Que espiga!... É preciso que o prédio novo do nosso cinema apareça, com sua fachada risonha, de casa de diversões. A sociedade reclama a solução dessa lacuna. Nós o pedimos! (CASMURRO, Reparos. 1941, p. 4).

A espera pelo fim da construção se manteria até o ano de 1944, quando o novo prédio, imponente e moderno<sup>74</sup>, com “confortável mobiliário, perfeita visibilidade, dotado dos melhores aparelhos de som e projeção. Melhor sistema de ar e luz indireta”<sup>75</sup>, seria instalado na Rua 9 de Julho, com o nome Cine Ourinhos. A Prefeitura, num gesto de colaboração, mandaria “calçar o trecho da Rua 9 de Julho e apedregulhar o trecho de rua em frente ao Bar Paulista”<sup>76</sup>, três meses antes da inauguração, que ocorreria em 05 de setembro<sup>77</sup>, com evento de gala aos convidados (políticos, membros da imprensa, empresários e membros da elite local) e a exibição do filme da Warner Bros, com Errol Flinn, “Fugitivos do Inferno”.

A cobertura da solenidade<sup>78</sup> pela imprensa seria pormenorizada, e um longo artigo relatando o encantamento dos presentes com as belezas do prédio seria escrito. Sentindo-se orgulhosa após anos de requisições por melhoria daquele espaço, *A Voz do Povo* agradeceria calorosamente o Sr. Emilio Peduti, pelo “majestoso e soberbo edifício

<sup>72</sup> CASMURRO. Reparos..., 1941, p. 4.

<sup>73</sup> “Esteve ante-ontem nesta cidade, o sr. Emilio Pedutti, proprietário da Empresa Teatro Pedutti, á qual pertence o Cine Teatro Casino desta cidade”. SRN. EMILIO PEDUTTI..., 1941, p. 4).

<sup>74</sup> “Pouco a pouco Ourinhos vem sendo dotada de melhoramentos que, desde há muito reclama. A empresa Peduti, compreendendo a insuficiência do Cine Casino, em boa hora fez construir um moderníssimo Cine Teatro á Rua 9 de Julho”, comemoraria o jornal. DEVAGAR SE VAI AO LONGE..., 1944, p. 4.

<sup>75</sup> CINE TEATRO CASINO..., 1944, p. 4.

<sup>76</sup> Idem, 1944, p. 4.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 4.

<sup>78</sup> “Á hora aprazada, os presentes, em companhia do Snr. Emilio Pedutti e demais funcionários da grande empresa, percorreram demoradamente o belo recinto do novo cinema. Após a visita feita no prédio, na sala de espera ricamente ornamentada para o grande ato, discursou o Snr. Emílio Pedutti, o qual, em concisa oração, fez a entrega do magnífico “Cine Ourinhos”, ao povo, por intermédio do Snr. Prefeito Municipal. Após o discurso do Snr. Peduti, falou, de improviso, o chefe do executivo local, Dr. Hermelino Agnez de Leão, que, com muita propriedade de conceitos, agradeceu á Empresa Pedutti, o ter construído em Ourinhos, o majestoso e soberbo prédio, onde funcionará o “Cine Ourinhos”. [...] Em seguida, aos presentes, foi servida uma taça de champagne”. INAUGURAÇÃO DO CINE OURINHOS..., 1944, p. 4.

que houve por bem edificar nesta Ourinhos, para abrigar a maior casa de diversão – o Cinema”<sup>79</sup>.



**Figura 13:** Cine Ourinhos, logo após sua inauguração, em 1944. Fonte: CEDOM/UNESP Ourinhos.

O Cine Theatro Casino, na Rua São Paulo, que marcou a cidade por mais de duas décadas seria desativado, e anos depois, demolido.

#### 4.1.2 Uma cidade pitoresca

Durante o período de 1927 a 1944, percebemos uma contradição entre a almejada terra dos sonhos, marcada pelo ideal do progresso, e a cidade que de fato existia. Apesar do discurso, o que podemos verificar, tanto nos relatos existentes nos mesmos jornais, quanto em relatos da população que ali habitava<sup>80</sup>, são as precariedades e dificuldades que marcavam o cotidiano.

A fim de destacar essas incongruências elencaremos algumas categorias para analisar a infraestrutura urbana, sendo elas: ruas e praças, energia elétrica, água, esgotos e coleta de lixo, visto que estes eram símbolos que atestariam o progresso e a evolução tão almejados pela cidade. “O advento do transporte ferroviário nestas terras é o símbolo e ao mesmo tempo o elemento concreto de sua incorporação à economia nacional e do

<sup>79</sup> Ibidem, p. 4.

<sup>80</sup> Os relatos foram extraídos dos livros de ROMERO; MORAES (2004) e de SILVA (2009).

rompimento com a antiga dinâmica natural” (BOSCARIOL, 2008, p. 56). É flagrante que Ourinhos desejava se tornar referência regional, a exemplo disso, temos a repetição constante do termos “capital do sertão”. Usamos um enfoque cronológico em cada uma delas para facilitar a leitura.

As ruas eram de terra, empoeiradas, tingindo o cenário com um tom característico<sup>81</sup>: “a cidade de Ourinhos era vermelha, telhado vermelho, estrada vermelha, as pessoas que andavam na rua também era vermelha, tudo, tudo era vermelho”<sup>82</sup>. O problema permaneceria nos anos seguintes, “até 1940, as nossas ruas eram insuportável com a poeira e pior ainda quando chovia”<sup>83</sup>. Não eram raros os casos de automóveis, carroças e pessoas que atolavam na lama<sup>84</sup>, chegando a cair de barriga no chão. Além disso, a conservação das ruas era precária, causando várias reclamações entre os colaboradores do jornal *A Voz do Povo*:

[...] algumas ruas desta cidade estão num estado tal de conservação que fazem os chauffeurs ter dor de barriga quando transitam por ellas. Essas ruas rivalisam perfeitamente com a sahida da Rua Paraná, onde, dias atrás, o transito era difficillimo, devido os buracos causados pelas ultimas chuvas. É necessário que a Camara conserve nossas ruas, pois é uma vergonha que Ourinhos apresente ruas tão mal conservadas. E as estradas? Só quando ELLE mandar consertar (REBUSCANDO..., 1927, p.2).

Tal condição persistiria durante os anos seguintes. Como podemos observar em outra passagem:

[...] quem passar por essa via publica, verá o quanto está desleixado o tratamento daquellas sargetas, offerecendo serios perigos aos moradores daquela zona. A referida sargeta é o despejo de águas servidas, lavagens de toda a espécie e assim não poderá continuar por mais tempo (NA RUA ALAGOAS..., 1930, p. 3).

As principais artérias da cidade, como a Rua 9 de Julho e Jacintho Sá, que possuíam grande fluxo de pessoas e automóveis, tornavam-se de difícil locomoção em dias de chuva. Abaixo, uma fotografia evidencia tal situação:

<sup>81</sup> Ourinhos é possuidora de um fértil solo vermelho, o chamado latossolo.

<sup>82</sup> Relato de Hisao Kobata, que chegou ao país em 1938, Romero; Moraes, 2004, p. 110.

<sup>83</sup> Relato de Mitsugue Canda, que chegou a Ourinhos em 1923, idem, p. 123.

<sup>84</sup> [...] “caminhão do lado de lá, caminhão, carroça, afundava aí, era duro para sair, precisava juntar bastante gente para tirar do barreiro, era essa a cidade de mais ou menos 1944, 1939, não, até 1944” [...] (Relato de Antonio Dias Ferraz. idem.p. 150); [...] “Até para a gente atravessar a rua era um pó; se chovia, era barro e, no atravessar da rua, a gente deixava o sapato no barro” [...] (Relato de Araceles Ruiz Romero, idem, p.154); [...] “Eu cansei de ver carros e caminhões encalhados onde hoje é a Rua Amazonas, onde é a Avenida Jacintho Sá, onde é a Rua Expedicionário, você tá entendendo? Quando chovia, a enxurrada descia a Rua do Expedicionário e formava uma valeta na beirada da rua” [...] (Relato de Domingos Perino Neto, idem, p. 165).



**Figura 14:** Avenida Jacinto Sá, na década de 1930. Fonte: autor desconhecido. In: CEDOM/UNESP OURINHOS.

A Rua 9 de Julho não possuía a grande quantidade de casas de comércio que vemos na atualidade. Era composta em sua maioria por casas, principalmente no trecho que seguia para a Vila Margarida e passava pela linha do trem. Abaixo, uma fotografia dela em 1933. Nota-se a Igreja Matriz ao fundo.



**Figura 15:** Rua 9 de julho em 1933. Fonte: Blog Memórias Ourinhenses.

Em 1935, o então prefeito, Benedicto Martins Camargo, receberia uma representação dos munícipes, com 74 assinaturas com queixas sobre a infraestrutura. O prefeito resolve então:

a) que a poeira suffocante das ruas desta cidade prejudica em demasia a hygiene e o conforto de seus habitantes [...]; b) que o calçamento imediato das ruas é obra impraticável pela ausencia de recursos financeiros e pela necessidade de antes disso cuidar-se da rêde de exgottos [...]. [Abre então] um credito especial [...] destinado á compra de um caminhão com um tanque e aparelhamento para irrigação (PREFEITURA MUNICIPAL..., 1935, p.1).

A mesma edição, ao final, elogia o novo prefeito, porém com tom hostil: “[...] Ourinhos em breve terá suas ruas com outro aspecto, pois a julgar pelas reparações que a municipalidade está fazendo na rua Paraná e outras, e de se prever que não mais tenhamos o dissabor de fazer lembrar ao snr. Prefeito o que carecemos” (MELHORAMENTOS LOCAES..., 1935, p.7). Dois anos depois, o jornal listaria as ruas que necessitavam de reparo e onde também havia “agua suja e fetida”<sup>85</sup> e ridicularizaria os habitantes mais humildes:

[...] ha individuos refractarios ao progresso. Vivem subjugados pela idéa fixa do passado. Não se enquadram na hora que passa. Vivem fóra de seu tempo. Aqui temos ‘algumas reliquias’ dessas. São exemplares historicos de uma fauna que, dia mais, dia menos, desaparecerão. Ora, a cidade de Ourinhos, graças ao zelo da administração publica e o arrojo da iniciativa particular, atravessa uma phase de total remodelação. É preciso, pois, que a Camara Municipal, composta na sua unanimidade por uma pleiade de homens praticos, honestos e progressistas, vote uma lei, com rigorosa urgencia, obrigando os proprietarios de tapéras no centro da cidade a demolil-as, ou construirem predios decentes. Não póde, de fórmula alguma continuar esse vergonhoso estado de coisas: casarões de taboa, sujos, em ruinas, enfeiando as praças e ruas centraes. Picareta nelles! Casa velha, deshabitada, não dá renda: quem não quer edificar, venda o ‘trambolho’, disponha da ‘arapuça’. Quem não tem competencia não se estabelece, diz o dictado. Quem não quer ir para a frente, sáia do caminho. Deixe livre o becco (Xisto, 1937, p. 5).

A situação precária não se restringia apenas às ruas da recém-inaugurada cidade, nem aos primeiros anos de Ourinhos. A Estação Sorocabana, ponto de movimentação principal da cidade, receberia várias críticas pelas situações de risco que ofertava à população, conforme podemos atestar no trecho abaixo:

---

<sup>85</sup> BURAQUEIRA..., 1937, p. 5.

[...] A já celebre escada do pátio da Estação Sorocabana desta cidade, esta se candidatando á este título. Feita de cimento liso, quasi perpendicular, quem precisar descer-a, nos dias chuvosos, terá de fazer verdadeiros prodígios de acrobacia, se não quizer partir as costellas ou enterrar-se no lamaçal que forma no supra-citado pátio. Já têm despencado do alto daquelle “monumento” diversas pessoas, uma das quaes foi tão infeliz que fracturou o braço. Se o Snr. Director da Sorocabana não sabia disso, fazemol-o sciente para que tome providencia nesse sentido (ESCADA DA MORTE..., 1934, p. 6).

A situação do prefeito Benedicto Camargo com a opinião pública se degradaria e ele não escaparia aos ataques desferidos pelo jornal em 1935, dada a morosidade apresentada na resolução dos problemas infraestruturais da cidade:

o sargeamento local, de que nos occupamos já em 1934, não tem sido cuidado pelo actual prefeito como esperavamos, pois si alguma cousa nesse sentido fosse iniciada, teve sua paralisação logo após as primeiras labaredas. Não tinhamos pretensão de guerrear, ou melhor, de criticar a actuação do nosso administrador municipal, mas, já que S. S. nos tem feito pouco caso, e ás nossas poucas queixas e reparos absoluto descaso, convém que sahiamos novamente á rua para gritar com a sua incuria a lidar com os negocios municipaes, o que quer dizer, com o nosso negocio [...]. (PROBLEMAS DE SUMMA IMPORTANCIA PARA OURINHOS, QUE O SNR. PREFEITO CUSTA A SOLUCIONAR..., 1935, p.2).

O tema continuaria figurando nos anos seguintes e em 1936 um artigo questionava: “Valerá a pena ‘gritar’ contra a sujeira das ruas? Na Av. Jacintho Sá há pontos em que a ‘cascaria’ tomou conta da sargeta. Como é isto, Sr. Fiscal da Limpeza Publica?”<sup>86</sup>. O desenvolvimento da cidade foi mais sentido do “ano de 1946 para cá, foi que começou; até, por exemplo, 1939 por aí, ainda era uma cidade de barro, sem calçamento, nem nada”<sup>87</sup>. Versos descrevendo a paisagem eram escritos, dando um carácter bucólico, como a exemplo de *Mormaço*:

Mormaço  
O sol castiga, causticante, a terra,  
O ar parado, o céu tão limpo,  
Parecem hypnotisados,  
Amortecidos, pelo sol vermelho.  
Nenhuma brisa pelo espaço passa...  
Tudo é tristesa  
Dentro da somnolenta natureza.  
De quando em quando  
Um passaro voando  
Dá vida ao ambiente ermo e tristonho.  
E nesta tão profunda lethargia  
A terra, adormecida, parecia

<sup>86</sup> QUE SUJEIRA..., 1936a, p.1.

<sup>87</sup> Relato de Antonio Dias Ferraz, contido em: Romero; Moraes, 2004, p. 150.

De nostalgia um gigantesco sonho. (PEREGRINO TRISTE, 1939, p.3).

Em 1937, a prefeitura mandaria aterrar as ruas centrais e a medida seria comemorada pelo jornal<sup>88</sup>, que no ano seguinte não pouparia críticas à inação da prefeitura quanto à falta de calçamento das ruas<sup>89</sup> e debocharia de um certo prefeito<sup>90</sup> que, “para não sujar suas botas em dias de chuva, mandou calçar os trechos por onde deveria passar, isto é: pavimentando de uma esquina a outra!”, não deixando de assinalar que não estava citando nomes e o período de gestão referido.

Dois anos depois, agradecimentos seriam tecidos [de forma áspera] à municipalidade pela instalação de porteirolas<sup>91</sup> na Avenida Altino Arantes, na passagem da linha da Sorocabana. Contudo, após alguns meses surgiriam críticas vorazes à velocidade dos carros<sup>92</sup> que trafegavam pela Rua Paraná, “em virtude do que a vida das creanças na mesma domiciliadas permanece em permanente perigo”<sup>93</sup>.



<sup>88</sup> CONCERTOS DE RUA..., 1937, p. 2. Seis meses depois, a rua que “principia no matadouro e segue rumo á praça fronteira ao campo do Ourinhense, está pedindo a visita do tractor e da plaina do Sereno”. RUAS..., 1937, p. 1.

<sup>89</sup> “Um assumpto palpitante e que vem sendo ventilado com persistência nos bares, cafés, baiucas e porque não dizer: á hora das refeições dos hotéis e pensões, é sem duvida o que concerne a greda detestável que fórma nas artérias de nossa cidade nos dias de chuva... Mas isso tudo não passa de conversa mole [...]. A nossa cidade precisa é ser calçada e o senhor prefeito nem sequer pensa em estudar o caso!” OBSERVANDO..., 1938, p. 1.

<sup>90</sup> Idem, p. 1.

<sup>91</sup> “Após tantos reclamos partidos do povo e após tantas criticas ventiladas por esta folha, no tocante á necessidade de collocação de porteirolas naquellas ruas de intenso transito cortadas pela Sorocabana, felizmente hoje já temos uma na Av. Altino Arantes. Falta, agora mais uma na rua Piahy. Acreditamos, porém, que brevemente esta rua terá á sua”. ATÉ QUE ENFIM..., 1939, p. 4.

<sup>92</sup> QUEIXAS DO PUBLICO..., 1940, p. 4.

<sup>93</sup> Idem, p. 4.

**Figura 16:** Rua 9 de Julho, em 1941. Acervo: CEDOM/UNESP Ourinhos.

Em 1942, outro artigo alardeava os incômodos causados pela poeira das ruas da cidade, além de apontar os riscos ofertados:

com o estio e o sol abrazador dos últimos dias, voltou a poeira a reinar, tiranicamente, na cidade. A nossa “urbs” viveu alguns dias “camouflada” por uma densa e vermelha nuvem de pó. As casas comerciais são as que mais sofrem a desastrosa penetração da terra vermelha, mormente os estabelecimentos do centro e das ruas de mais intenso movimento. A falta de irrigação das ruas, nos dias de sol, é sensível, comprometendo ainda mais a angustiosa e exasperante situação do nosso povo. Há ruas em que a terra solta se levanta ameaçadora ao transitar por elas qualquer veículo (A POEIRA..., 1942, p. 1).

No mesmo ano, a prefeitura suspendeu o serviço de irrigação das ruas, que acarretava grandes gastos, e direcionou os recursos para a melhoria da rede de distribuição de água da cidade. Para amenizar a sujeira, o jornal relatou uma boa prática e fez um apelo à população: que seguissem o exemplo dado pelos moradores da Rua Paraná, que de maneira “espontânea” aguavam as adjacências de suas residências e combatiam o flagelo da poeira, pois “[...] nada mais significativo e confortador do que os esforços conjugados de todos em dar combate ao pó vermelho, tomando a iniciativa de se irrigarem as ruas todos os dias, cêdo e á tarde [...]”<sup>94</sup>. A poeira, portanto, deveria ser combatida pela própria população, numa demonstração “de grande boa vontade, de verdadeiro interesse pelos magnos problemas locais”<sup>95</sup>, cuja solução se empenhava o prefeito.

---

<sup>94</sup> A POEIRA..., 1942, p. 1.

<sup>95</sup> *idem*, p. 1.



**Figura 17:** Rua Paraná, em 1940. Fonte: CEDOM/UNESP Ourinhos.

Acima, uma fotografia da Rua Paraná, no perímetro de intenso comércio e circulação da população. O casario predominante era térreo, com destaque para a Casa Chic, que possuía dois andares, sendo o inferior o comércio, e o superior a residência de seus donos. Nota-se o barro de cor escura na imagem, evidente pela falta de calçamento.

O problema seria resolvido apenas entre as gestões dos prefeitos Cândido Barbosa Filho (1948-1951) e Domingos Carmelino Caló (1952-1955), quando paralelepípedos, asfalto e rede de esgoto seriam instalados.

A moradia era outra pauta causadora de constantes tensões entre as classes sociais em Ourinhos. Em 1935, políticas de urbanização foram implementadas e a Inspectoria Sanitaria com a cooperação da prefeitura local empreendeu uma guerra e “morte às infectas e anti-esthéticas casas de madeira que então superabundavam em nossa terra”, por meio de um Código de Posturas Municipal, fato que gerou um forte movimento de reação<sup>96</sup> contra tais medidas.

As casas de madeira eram, em geral, de propriedade de pessoas pobres que não atendiam aos desejos estéticos e ambições higienistas da elite local, que buscava eliminar

<sup>96</sup> “[...] surgiu um condenável movimento de reação contra a salutar e benéfica iniciativa, por parte de pessoas que na sua adoção vislumbraram prejuízo para seus interesses”. (CASEBRES DE PAU..., 1938, p. 2).

qualquer rastro visível de pobreza da urbe, sem ofertar políticas de moradia popular em contrapartida. Não bastava somente a destruição física, havia a necessidade de se criar um estigma para evitar que a situação voltasse a ocorrer, tal como uma punição exemplar. Nesse sentido, o discurso de progresso veio a calhar, pois asseguraria a “culpa” dos problemas sociais à população pobre.

A despeito da resistência empregada às medidas de reformulação urbana impostas, “o milagre, foi-se realizando, e á proporção que os immundos e anti-hygienicos pardieiros desapareciam”<sup>97</sup>, e em seu lugar se levantavam vistosos e esplêndidos edifícios, que emprestariam à cidade “uma nova e mais agradável perspectiva, como si o sopro do progresso a tivesse percorrido de norte a sul”<sup>98</sup>.

Três anos depois, um longo artigo do jornal viria a lamentar que o período “que se póde chamar de constructivo e modernizador para Ourinhos”<sup>99</sup> teria passado tão rápido, visto que não possuindo as famílias recursos para se adaptarem a nova situação, a prefeitura concederia aos moradores da zona urbana conhecida por “Barra Funda” [área abaixo da linha do trem], e distante uns 400 metros da parte central da cidade o “privilegio de ali construírem prédios de madeira para seu domicilio”, e estenderiam esse direito às casas de comércio. Apontariam que se tratava de um grave erro das autoridades sanitárias, tendo-se em vista a impossibilidade de tais casas, em sua maioria construída sem o emprego de madeiras emparelhadas a macho e fêmea, e não pintadas a óleo, “obedecerem aos requisitos de hygiene exigidos pela sua natureza de estabelecimentos commerciaes”<sup>100</sup>.

Maior preocupação haveria com a “parte alta” da cidade, onde ficava a área nobre, e assinalariam que uma medida que se impunha à prefeitura de Ourinhos era suspender nela a construção de casebres de tábua, em virtude de que seria o único bairro que se poderia dispor, quer para embelezamento, quer para o prolongamento de ruas e avenidas, ou estaria em breve “convertido em um verdadeiro e infecto bairro chinez”<sup>101</sup>. Incisivamente trariam uma solução, como podemos comprovar no seguinte trecho:

oxalá, portanto, que os poderes municipaes ourinhenses se compenetrem do dever que lhes assiste de defender, por todos os meios ao seu alcance o patrimonio de progresso da nossa cidade, adoptando providencias no sentido de saneal-a, dos antiquados “casebres de pau” que continuam a ser edificados em vários pontos

---

<sup>97</sup> Idem.

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> Ibidem.

<sup>100</sup> Ibidem.

<sup>101</sup> Ibidem.

da nossa “urbs”. Caso contrário, continuaremos a marcar passo no terreno do progresso, conservando-nos na rabeira das demais cidades paulistas cujo adeantamento contrasta violentamente com o aspecto colonial de que ainda se ressentem Ourinhos (CASEBRES DE PAU...,1938, p. 2).

Duas edições mais tarde, a questão do urbanismo voltaria a ser longamente debatida por um colunista do jornal, Augusto Alonso, pois de acordo com a disposição predial da cidade e sua salubridade se apontaria que o Código de Posturas elaborado pela municipalidade não tinha critério ou sua aplicação teria sido quase nula. Deste modo, seria imprescindível a reforma dele ou a criação de outro novo, reforçado por leis complementares<sup>102</sup> que atenuassem de vez, o “mal predominante referente a configuração ethica e a salubridade da cidade”<sup>103</sup>.

A água de Ourinhos era “muito suja, as pessoas, as lavadeiras, que tinham de lavar roupa para fora, tinha de ir para o rio, porque a água não dava para lavar a roupa, era uma água de enxurrada”<sup>104</sup>, “parecia misturada com terra, era preciso passá-la em um pano para limpá-la”<sup>105</sup>. A população tinha de comprá-la aos garrafões e carroças aguadeiras<sup>106</sup>, ou ter um poço<sup>107</sup>.

Marcos Reginato mudou-se para a cidade por volta de 1937 e em seu depoimento para Romero; Moraes (2004) se lembra da água do período:

[...] a água da época, que nós estávamos começando em Ourinhos, era vinda do Rio Turvo e também uma parte da Água da Veada que o Dr. Hermelino, quando foi prefeito, ele encanou essa água para o bem estar da cidade e disse que era uma água potável e, no decorrer desse tempo, foi estudado pelo prefeito Antoninho Luis Ferreira<sup>108</sup>, que todos nós

<sup>102</sup> Para isso julgava-se urgente a necessidade da prefeitura e as autoridades sanitárias converterem por força de leis as seguintes determinações: “a) Criar em determinadas zonas – aproveitando o existente – bairros residenciais que obedeçam em sentido uniforme a uma ordem determinada; compreendendo-se, casas isoladas ou em grupos, ajardinadas e com gradis nos limites das calçadas; b) Estimular e auxiliar a criação de villas destinadas a operários, isentando-as de impostos, uma vez habitadas por seus donos, excepto quando para estabelecimentos commerciaes; c) Nos prédios terreos (ou mesmo á reformar se) destinados a casas commerciaes não consentir altura inferior a 4,50 de pé direito, excepto aos sobrados; d) Nos prédios terreos ou não, destinados a residências e localizados no alinhamento das ruas, deve ter um porão com altura minima de 1,20, sendo o peitoril da janella de 2,20 no minimo, evita-se com isto, o devastamento das habitações internas, e livre passagem dos transeunte, sem perigo de baterem nas veneziana; e) Proibir terminantemente a construcção de prédios residencia ou casas commerciaes com beiraes sobre os alinhamentos das ruas” (ALONSO, 1938, p. 1).

<sup>103</sup> Idem, p. 1.

<sup>104</sup> Relato de Araceles Ruiz Romero, Romero; Moraes, 2004, p. 154.

<sup>105</sup> Relato de Maria Aurora de Leão, idem, p. 201.

<sup>106</sup> “Naquela época, a água do Rio Turvo não era tratada e Ourinhos tinha bastante carroças e caminhões que vendia água em garrafões para nós bebermos e nós comprávamos garrafões de água [...]” (Relato de Marcos Reginato, idem, p. 199).

<sup>107</sup> Relato de Francisco Romero Filho, idem, p. 184.

<sup>108</sup> Antônio Luiz Ferreira, prefeito entre 1960-1963.

conhecemos; ele fez o tratamento da água no Rio Pardo e fez ficarmos hoje, utilizando até hoje, que era feito para 150 mil pessoas e deixou-se de usar a água do Rio Pardo. Naquela época, a água do rio Turvo não era tratada e Ourinhos tinha bastante carroça e caminhões que vendiam água em garrações para nós bebermos e nós comprávamos garrações de água. Era essa a vida que nós tínhamos em Ourinhos, porque a água do Rio Turvo era uma água sem tratamento; hoje uma água bem tratada e bem boa para a cidade. (ROMERO; MORAES, 2004, p. 199).

Ao longo do ano de 1939 o problema da água se tornaria crônico. As reclamações no jornal se tornariam profusas. Já em março, o jornal reproduziria a reclamação popular sobre “a insupportavel fedentina que se exhala, principalmente nas horas que o calor recrudesce [...] de duas ou trez privadas sitas nos quintaes de prédios [...] prestes a transbordarem do seu repugnante conteúdo”<sup>109</sup>, situados à Rua Antônio Prado, e pedia-se que as mesmas fossem atulhadas ou substituídas por fossas sanitárias. Poucos meses depois, um longo e enfático texto apontava que, dos muitos problemas que a cidade possuía, o da água e esgoto eram os mais urgentes. O autor dirige seu apelo para o prefeito, a quem tinha em alta estima: “Ourinhos, progredirá muito mais, terá um desenvolvimento extraordinário, dada a posição em que se encontra sita, quando possuir uma rêde de agua satisfactoria e os exgotos desejados”<sup>110</sup>.

No mês seguinte o apelo mudaria de tom. Uma nota indignada criticava duramente o problema:

a população de Ourinhos está predestinada a levantar-se às 8 horas... Até parece brincadeira, mas é verdade... É raro, rarissimo o dia em que se acha agua nas torneiras pela manhã. [...] A casa que infelizmente não tiver um reservatório de agua ou não possuir uma cisterna, está arriscada a não fazer nem sequer o cafezinho... E não é só. Aos domingos, a agua é fechada logo cedo, 6 horas, e só as 14 ou 15 horas, é que aparece. É notável isso. Será que a população é obrigada a ter depositos para agua? Infeliz da casa que não tenha reservatório!.. As sanitarias ficam imundas, cheias de mosquitos, os habitantes sem conseguirem lavar os rostos, sem um cafezito e dahi por diante. Será que é preciso ter-se calma tambem para esperar a agua pela manhã?! (AQUA..., 1939, p. 4.)

Na edição seguinte já é possível ver a repercussão da nota: um ofício lançado pela prefeitura municipal exigia explicações e retratação do jornal, uma vez que tratava-se de “noticia tendenciosa, eivada de falsidade, o que vem menosprezar a bôa fama da Administração Publica”<sup>111</sup>. O proprietário do jornal, Joaquim de Azevedo, defendia-se

<sup>109</sup> QUEIXAS E SUGESTÕES DO PUBLICO..., 1939, p. 3.

<sup>110</sup> SANTOS, 1939, p. 1.

<sup>111</sup> OURINHOS..., 1939, p. 1.

argumentando que: “toda Ourinhos, é testemunha eloqüente que, nas casas desprovidas de reservatórios para água, diariamente ou quasi diariamente, até a data que enserimos aquella preciosa notinha, as torneriras amanheciam enxutas e a água só apparecia depois das oito horas”<sup>112</sup>.

Na edição de novembro, no mesmo jornal em que a prefeitura trazia um boletim sobre a potabilidade da água, o *A Voz do Povo* debochava com uma notinha onde “Bastiãozinho”, uma criança, apresenta-se na segunda-feira, em sala de aula, com mãos, pés e rosto muito sujos. Quando a professora o interpela, ele alega “Dona Fifi, eu tive medo de lavar-me [...] a água da torneira de casa tá que nem enchurrada e nois não tem poço em casa”<sup>113</sup>.

No número seguinte, o jornal traria novo boletim de análise da água com “excesso de clorêtos”, mostrando que o poder público visava minimizar o problema, mostrando que era cuidadoso com a água até demais, mas o jornal não perdoaria e, numa pequena nota diria: “enquanto estiver faltando água na cidade, ou encontrando-se a mesma suja, como soe acontecer, a redacção desta folha, offerece ao distincto povo de Ourinhos, água do seu poço, que alem de ser água limpida, é inesgotável”<sup>114</sup>.

No ano de 1940, já no primeiro mês, um longo texto voltaria a discorrer sobre o problema da qualidade e da falta de água. Comparando-se com as cidades do entorno, que já haviam sido beneficiadas, a folha desejava que seu apelo chegassem “aos ouvidos do Interventor Ademar de Barros, unica autoridade em cuja benemerita ação confiamos”<sup>115</sup>.

A primeira edição de outubro voltaria ao tema candente: “A nossa água é péssima e a rêde deficiente [...] está na hora ‘h’ da nossa Prefeitura agir, candidatando o nosso município ao beneficio da medida oficial que o Estado vae oferecer”<sup>116</sup>. No ano seguinte, um apelo seria lançado na edição 476 ao prefeito, Horácio Soares, para resolver a questão do abastecimento de água, visto que há mais de uma semana a população vinha “se privando ou bebendo água suja. O precioso liquido, que por signal em Ourinhos é simplesmente detestável, há dias que jorra das torneiras lamacento. Um tormento enervante para as donas de casa, que se exasperam, praguejando”<sup>117</sup>. As críticas quanto

---

<sup>112</sup> Idem.

<sup>113</sup> TÁ QUE NEM ENCHURRADA..., 1939, p. 3.

<sup>114</sup> AO POVO DE OURINHOS..., 1939, p. 4.

<sup>115</sup> O PROBLEMA DA AGUA..., 1940, p. 6. Uma edição do mês seguinte mostrava que foi enviado ao Interventor também “um litro contendo amostra da água que abastece essa cidade”. O PROBLEMA DO ABASTECIMENTO D’AGUA..., 1940, p. 4..

<sup>116</sup> APOIO DO GOVERNO AOS MUNICIPIOS..., 1940, p. 1

<sup>117</sup> AGUA SUJA!..., 1941, p. 3.

à água suja ou falta dela, continuariam e também pedido de que o prefeito municipal aproveitasse sua viagem para a capital e solicitasse empréstimos junto ao governo estadual<sup>118</sup>.

Uma edição de março de 1942 comemorava a aprovação do projeto de abastecimento de água para a cidade: “dê á cidade de Ourinhos, uma rede de agua bôa, exgottos e calçamento para vêr o extraordinário incremento da mesma, proclamamos nossos visitantes a cada passo”<sup>119</sup>. Para o jornal, o extraordinário feito, faria da cidade “cobiçada para moradia [...] [que] progredirá de maneira assustadora, nivelando-se em cultura e em progresso, aos centros urbanos mais importantes do Estado de São Paulo”<sup>120</sup>. Contudo, a alegria duraria pouco. Dois meses depois, quase uma coluna inteira, reclamava da falta, da sujeira e do preço da água fornecida. À cidade restava “esperar, confiante na acção energica e decidida do nosso ilustre Interventor Federal e na bôa vontade e patriotismo dos nossos dirigentes municipais”<sup>121</sup> enquanto o jornal continuava oferecendo da “agua cristalina” de seu próprio poço para seus assinantes.

Meses depois o jornal pediria providências para que a prefeitura coibisse as hortas no fundo das casas, uma vez que “quasi todas as casas da beira da cidade possuem uma grande horta de verduras [...] a tolerância de uma horta é um crime contra o bem estar da população”<sup>122</sup>. É impossível não notar o tom pejorativo presente em “casas da beira da cidade”, ou seja, as hortas pareciam ser um recurso da população menos abastada para complementar a renda mensal.

Seriam os prefeitos Hermelino de Leão (1941-1945) e Antonio Luiz Ferreira (1960-1963), que encanariam a água, vinda do Rio Turvo<sup>123</sup> e da Água da Veada, e a tratariam, respectivamente.

O lixo, segundo denúncias d’*A Voz do Povo*, era mal recolhido e causava um fétido cheiro pela cidade. Em 1930, um artigo comemoraria a ação do novo fiscal, Nicolau Cardoso, nomeado pelo governador, que “deu solução imediata ao nosso pedido do número passado fazendo desaparecer do centro urbano o chiqueiro de porcos situado na

---

<sup>118</sup> Idem, p. 3. Eles concluem o artigo com tom esperançoso: “Ourinhos não merece figurar como humilhante exceção. Oxalá, traga o nosso Prefeito, no seu regresso, o bafejo official do Estado, para a solução desse importante problema”.

<sup>119</sup> BELISSIMO TRIUMPHO..., 1941, p. 4.

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> AGUA EXCASSA E SUJA..., 1941, p. 2.

<sup>122</sup> AS HORTAS DOS QUINTAIS CONSOMEM MUITA AGUA DAS TORNEIRAS..., 1941, p. 2.

<sup>123</sup> “Graças aos esforços do Dr. Hermelino, sido beneficiada e ampliada com a captação do precioso liquido em novo e mais sadio manancial, embora em caracter de emergencia, alem do rio Turvo”. A POEIRA..., 1942, p. 1.

Rua Minas Geraes, perto da S. Paulo-Paraná”<sup>124</sup>. Os bueiros existentes na área central não recebiam o devido cuidado, e rotineiramente causava mau odor e reclamações eram pontuadas no jornal:

aquelle boeiro que está na esquina da Casa Nortista (aquella casa que vende mesmo barato, onde tem aquelle moço alto, elegante, moreno, sympathico), ha muito está requerendo uma desinfecção! O fedor que aquelle infecto boeiro exhala, de nauseabundo, constitue uma ameaça permanente á saúde da população. Sejam os precavidos. Ahi fica o lembrete e... a quem de direitos (A QUEM DE DIREITOS..., 1934, p.6).

Em 1934, um bombástico artigo denunciaria, com riqueza em pormenores, um problema sanitário vinculado ao asseio dos açougues existentes em Ourinhos, que expunham à população ao risco:

aproxima-se a época em que a nossa população é presa de molestias mais ou menos epidemicas. [...] Em nosso ultimo numero pedimos a desinfecção de um boeiro que exhala um fetido pestilento. Que nos conste, até hoje, esse coletor continua a ameaçar a integridade sanitaria da população e as autoridades a quem compete o assumpto permanecem inativas. Hoje queremos chamar a atenção da Prefeitura para a imundicie que se verifica na maioria dos açougues da cidade. Tivemos a occasião de VER, num tendal da Rua São Paulo, dezenas e dezenas de ratos de todos os tamanhos, comendo e lambendo peças de carne, que no dia immediato foram vendidas aos freguezes. Todos sabemos que o rato é vehiculo da peste bubonica. Outro facto que depõe contra o zelo administrativo, de quem deve olhar pelo cumprimento das disposições do Codigo de Posturas Municipaes, é o facto da carne ser transportada, para os açougues, em carroças comuns, sem o mais leve panno que a separe do assoalho da viatura e sem absoluctamente nada que a proteja da poeira e dos mosquitos. E não foi só por uma vez que sofremos uma repugnancia de ver o conductor da carroça com os pés apoiados sobre a carne destinada ao consumo. Energicas providencias, é o que se espera! (A CARNE E OS AÇOUGUES..., 1934, p. 6).

Mas não seria o bastante, já que a sujeira se manteria nos anos subsequentes e sem muita eficiência agiria o serviço de limpeza pública, conforme podemos notar nesse artigo:

nos têm chegado ao conhecimento o descaso com que o encarregado da limpeza publica faz o seu serviço em determinadas pontos da cidade, ás vezes justamente em pontos centraes, onde, segundo nos consta, o lixo encontrado é tirado á prestações, de modos a, quando resolvida a sua total remoção, nem o próprio encarregado da limpeza lhes supporta o cheiro desagradavel e mesmo se repugna ante a massa formidavel de miasmas que delle se apegam. (LIXO..., 1935, p. 6).

---

<sup>124</sup> JUNTA REVOLUCIONÁRIA..., 1930, p. 3.

A população parecia também não colaborar muito com a limpeza da cidade, deixando tudo a cargo da prefeitura. “as ruas (principalmente as sarjetas) estão porquissimas: é lixo, casca de fructas, etc. Por onde andará a Limpeza Publica? Ou terá sido cortada, no orçamento, a verbazinha para esse serviço?”<sup>125</sup>. A reclamação precisou ser repetida com mais veemência no número seguinte<sup>126</sup> afinal, o que diriam os diversos visitantes que a cidade recebia? E os mosquitos? E as doenças? Um artigo de 1938 faria deboche com a atuação ineficiente da Prefeitura sobre o recolhimento do lixo:

- Escuta amigo, porque é que temos o carroção de lixo?  
 - Ora! que conversa. É para retirar o lixo das casas.  
 - Então como é que lá na Rua Sergipe não passa?  
 - Isso agora eu não respondo. Quem poderá responder é somente a Prefeitura.  
 E os dois amigos retiraram-se, cada qual imaginando qual será a resposta da Prefeitura. (COM A PREFEITURA. DIÁLOGO ENTRE DOIS AMIGOS..., 1938, p. 3).

Para frear os maus hábitos de alguns habitantes e coibir novas ocorrências, a Prefeitura lançaria um edital<sup>127</sup> em 1939, sobre o novo Código de Posturas Municipais, contendo regras para ordenamento urbano, com valores expressos em multas para todos os que descumprissem. Nele, se destacariam o artigo 487, que proibia lançar nas ruas, praças, valas, sarjetas ou encanamentos, corpos sólidos ou líquidos que causem incômodo aos transeuntes ou prejudiquem a salubridade pública, assim como queimar folhas cestos, barricas, lixo ou quaisquer outros corpos que possam corromper a atmosfera; lançar nas ruas e praças, mesmo a título de encher qualquer reentrância ou buraco no solo, terra ou areia tirada de quintal ou resultante de demolição de qualquer edifício ou obra.

O artigo 488, que postulava que os animais mortos e corpos em putrefação serão enterrados pelos donos, no lugar e sob as condições determinadas pelo Prefeito.

O artigo 514, que diria que a remoção do lixo seria feita diariamente das 6 às 9 horas da manhã e todo habitante seria obrigado a colocar na frente da porta da rua, no portão ou em lugar de fácil acesso, as vasilhas que o contiverem, afim de ser facilmente removido.

<sup>125</sup> A CIDADE..., 1936, p. 8. Uma nota, um ano à frente, apelava para que a população das ruas centrais apenas depositasse o lixo durante a manhã. (LIXO..., 1937, p. 5).

<sup>126</sup> QUE SUJEIRA!..., 1936, p. 1. Em 1937, uma notinha reclamava de um “exgotto visível” à rua Antonio Prado: AGUA SUJA!..., 1937, p. 5.

<sup>127</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE OURINHOS. Edital, 1939, p. 5.

Não seriam considerados lixo das habitações os resíduos de fábricas e oficinas, ou materiais fecais e os restos de forragens das cocheiras e estábulos, palhas e outros objetos de casas comerciais; bem como folhas e galhos de arbustos e árvores de terrenos, quintais ou jardins particulares; nem os materiais provenientes de demolições ou restaurações de prédios, os quais seriam removidos à custa dos donos dos estabelecimentos ou habitações.

Mesmo com a existência de regras sobre o descarte do lixo, três edições de novembro de 1941 alarmariam o poder público para os depósitos de materiais para construções deixados dias a fio entulhando os passeios ou as vias públicas, prejudicando o trânsito. Relatos de moradores ao jornal diriam que “na rua S. Paulo, uma das artérias mais movimentadas de Ourinhos e no centro da cidade, permanece lá um entulho de materiais para construções, que é um frisanse menosprezo ao bem estar publico”<sup>128</sup>. Além de entulhos, havia denúncias sobre “um costume anti-higienico, perigoso, que não se coaduna com os nossos fóros de gente educada”<sup>129</sup>, que vinha sendo praticado frequentemente e observado pelos transeuntes. Referia-se ao fato de “se atirarem ao meio da rua, galinhas, frangos e outros animais domésticos mortos. Os frangueiros e proprietários de quitandas, devem ser mais cuidadosos, não atirando tais imundices nas ruas”<sup>130</sup>. Mais uma vez o jornal pediria providências para prefeitura e sugeriria a multa como ação enérgica, nesse caso e a alertaria para a chaga causada à saúde pública por “fóssas velhas e rasas, transbordando e exalando uma fedentina nauseante, horrível, que precisam ser entupidas, bem como a existencia de latrinas abertas e imundas, exalando um fedor pestilento”<sup>131</sup>. O risco iminente na época das chuvas, que se aproximava, aumentaria e os focos de infecção seriam multiplicados.

Diferentemente de 1919, quando Ourinhos era menor e a fiscalização era exercida pelos fiscais da prefeitura, que superintendiam o serviço de fiscalização higiênica e sanitária, percorrendo os quintais quinzenalmente, verificando *in-loco* o estado de saneamento dos mesmos, mandando entupir os buracos das privadas e fóssas abandonadas, na década de 1940 estava afeita ao Serviço Sanitário, “que nem sempre dispõe de gente suficiente para exerce-la com rigor. Por isso, talvez, a existencia de muitas fóssas e latrinas velhas, que infestam a cidade, prejudicial à saude de toda a população”<sup>132</sup>,

<sup>128</sup> O POVO RECLAMA..., 1941, p. 2.

<sup>129</sup> ATENTADOS Á SAUDE PUBLICA..., 1941, p. 3.

<sup>130</sup> Idem, p. 3.

<sup>131</sup> RECLAMAÇÃO AO POVO - COM A HIGIENE..., 1941, p. 1.

<sup>132</sup> Idem, p. 1.

concluiria o jornal, pedindo auxílio ao dr. Hernani Fonseca, médico do Centro de Saúde local.

As queixas com relação à iluminação seriam também uma constante n’*A Voz do Povo*, alegavam que era “muito precária, tanto a iluminação pública como a iluminação das casas era muito precária, a força muito fraca, então Ourinhos era uma cidade que, quando escurecia, ela ficava muito escura [...]”<sup>133</sup> Em maio de 1931, um artigo de capa denunciava a péssima qualidade e as altas tarifas cobradas pelo serviço de eletricidade, e acusava a Companhia Santa Cruz de irregularidades e quebras contratuais “de facil comprovação”<sup>134</sup>, apontando os prejuízos econômicos causados aos produtores de café, que precisavam fazer o beneficiamento dos produtos sem um adequado fornecimento de energia. Nas três edições seguintes<sup>135</sup>, houve continuação da denúncia, inclusive, com provas das acusações, com base nos artigos do contrato descumpridos pela supracitada empresa, “contracto é farrapo de papel?”<sup>136</sup>, e enérgicos pedidos de ação por parte da prefeitura.

Na segunda edição, após o retorno, em 1933, o jornal comemoraria as “novas instalações que a abalisada Cia. está levantando nos terrenos por ella adquiridos, á Rua Piahuy”<sup>137</sup>. “Já não tem conta as vezes que temos clamado por Luz e energia electricas dessa empreza que tem por ‘Kahal’ esta vastíssima e rica região [...]”<sup>138</sup>. Os moradores também procurariam o jornal para reclamar que uma das mais importantes e mais movimentadas ruas da cidade “não tem illuminação efficiente. Á noite, a rua é iluminada quase pelas... lampadas das casas...”<sup>139</sup>. No ano seguinte, a iluminação ainda seria alvo de reclamações<sup>140</sup>.

Aproveitando-se das eleições de 1936, “os integralistas” elencavam uma lista de 12 itens, e nela figuravam:

[...] 1º - Rêde de Exgottos e calçamento; 2º - Revisão do contracto de fornecimento de luz e força; 3º - Completa remodelação dos serviços de abastecimento de agua; [...]. 7º - Perfeito serviço de conservação de estradas de rodagem e estudo e construcção de novas rodovias, afim de

<sup>133</sup> Relato de Domingos Perino Neto, Romero; Moraes, 2004, p.169.

<sup>134</sup> PAES, 1931a, p.1.

<sup>135</sup> PAES, 1931b, p.1; PAES, 1931c, p.1; PAES, 1931d, p.1.

<sup>136</sup> Idem.

<sup>137</sup> CIA. FORÇA E LUZ..., 1933, p. 6.

<sup>138</sup> FORÇA que não move, luz que não ilumina..., 1936, p. 6.

<sup>139</sup> LUZ!..., 1936, p. 7. Quase um ano depois, as queixas seriam que “a luz electrica continua muito fraquinha e, tambem, muito inconstante”: A LUZ TREMEU!..., 1937, p. 5. A edição nº 287 comemorava a inauguração de luz elétrica no bairro do matadouro: LUZ!..., p. 1.

<sup>140</sup> ESCURIDÃO..., 1937, p. 2; A LUZ..., 1937, p. 5; A LUZ ELECTRICA..., 1937, p. 1.

desenvolver a vida do município e da cidade; 8º - Matadouro Municipal; 9º - Jardim Publico. (SECÇÃO LIVRE..., 1936, p.10).

Quase um mês depois, a questão da luz seria considerada “quasi um mal chronico. Não é de hoje que o povo roga, pede, supplica á digna concessionaria um pouquinho de boa vontade para esse verdadeiro tormento” <sup>141</sup>. Dois meses à frente, seria hora de, utilizando mais ironia, reclamar novamente: “a luz de Ourinhos anda soffrendo dos ‘nervos’ e dos ‘olhos’ é só no ‘pisca-pisca’, no ‘apaga-apaga’... Um trovão, um relampago, um ventinho mais forte e é aquella agua...” <sup>142</sup>.

No ano seguinte, o jornal classificaria a luz de Ourinhos como “a peor luz da Sorocabana” e lamentaria que “uma cidade, que cresce dia para dia, esteja tão mal illuminada” e desafiava o presidente da companhia de luz a “lêr um jornal debaixo de uma lampada de 100 velas!” <sup>143</sup>.

A descrença no poder público era tamanha que na edição 296 o periódico apelava para que os próprios comerciantes colocassem iluminação “na frente do seu negocio, uma ou duas lampadas de 200 velas” <sup>144</sup>.

Com chegada de Horácio Soares ao comando da prefeitura se iniciaria uma negociação entre ele e a Companhia Força e Luz Santa Cruz para modificar a tabela de preços de consumo elétrico para residências e pequenos aparelhos domésticos, isso tanto para a área urbana como para a zona rural do município. A única exceção seria a taxa dos motores, objeto de entendimento especial. A edição 379 do jornal comemorava o que a Companhia Força e Luz faria “em breve a reforma de suas installações electricas, adoptando postes de cimento armado” <sup>145</sup>, e apontava que a cidade desde que se tornara sede de comarca estava “atravessando um verdadeiro rythmo de progresso” <sup>146</sup>.

Contudo, o tom otimista se manteria por pouco tempo. Quatro meses mais tarde, os moradores da Barra Funda e da Villa Nova escreveriam um artigo solicitando a quem de direito pudesse providenciar a solução na falta de luzes nos postes daqueles bairros, e

---

<sup>141</sup> O CASO DA LUZ..., 1936, p. 3.

<sup>142</sup> LUZ!..., 1936, p. 1. A edição nº 249 reclamava de “diversas lampadas apagadas [na cidade]” e exigia providências da prefeitura, uma vez que o fornecimento da luz é “cara e ruim”: MAS, QUE RELAXAMENTO..., p. 8. As próximas edições trariam reclamações também: ILLUMINAÇÃO..., 1936, p. 1; LUZ!..., 1937, p. 1.

<sup>143</sup> ILLUMINAÇÃO..., 1937, p. 1. “Quem chega a Ourinhos, á noite, duvida que a cidade tenha illuminação electrica [...] Essa que temos é pouca. Curta. Fraca. Mais luz!” A LUZ!..., 1937, p. 2.

<sup>144</sup> UMA BÓIA ILLUMINAÇÃO CHAMA O FREGUEZ!..., 1937, p. 1.

<sup>145</sup> EM DEFESA DA ECONOMIA POPULAR, O PROBLEMA DA LUZ ELECTRICA EM SOLUÇÃO, EM OURINHOS..., 1939, p. 6.

<sup>146</sup> idem, p. 6.

apontariam que mesmo no centro da cidade tal situação ocorria. Inclusive, em tempos chuvosos, “um pequeno trovão, um relampago, um ventinho mais forte, é aquella “garapa”<sup>147</sup>. Sugeririam ainda a necessidade de “dar um ‘geito’ nisso, porque a escuridão é medonha, e como lemos nos annúncios dos jornaes que na sciencia da visão ‘a bôa luz é a vida dos olhos’. Será mesmo?”<sup>148</sup>.

Em 1940, um artigo do jornal chamaria a atenção da gerência da Companhia Força e Luz Santa Cruz para o problema da eletricidade, reclamando que “á noite não podemos ler mais. A luz electrica é tão fraquinha que no escuro se vê melhor. Pagar tão caro a luz electrica e tê-la péssima é doido”<sup>149</sup>. Não haveria nenhuma nota de resposta publicada por parte da empresa.

Nos meses subsequentes, a prefeitura atenderia aos pedidos dos moradores para iluminar o prolongamento da Rua Pará, que até então “vivía, á noite, em completa escuridão, não obstante ser um bairro povoado e rua de muito transito”<sup>150</sup>, mas as queixas viriam pela confusão<sup>151</sup> no prazo para o pagamento da energia gastas pelos consumidores. O sistema seria apontado como péssimo e sem lógica, e traziam “desgostos, pois, quando julgam que estão dentro do prazo, este já venceu. A Cia. precisa uniformizar o prazo. Estabelecer, digamos, o prazo de déz ou quinze dias, a contar do 1º de cada mês para os consumidores pagarem a energia gasta, sem multa”<sup>152</sup>. Mais uma vez, interpelariam a companhia de eletricidade, “o que acha a digna gerencia da Cia. Força e Luz? Tem a palavra”<sup>153</sup>, mas novamente sem sucesso em obter um posicionamento.

No ano seguinte, um artigo criticaria duramente a Companhia Santa Cruz pela iluminação pública da cidade, afirmando que os postes, “de iluminação paga pelo erario municipal”<sup>154</sup>, estavam sem lâmpadas, permanecendo em completa escuridão dias a fio, atestando o “desleixo dos encarregados da Empresa e o pouco zelo dos fiscais municipais aos quais está aféta a fiscalização do serviço”<sup>155</sup>. Além disso, um colunista acusaria a Companhia Telefônica de estender uma “rêde de fios telefônicos, nos mesmos postes

---

<sup>147</sup> A LUZ..., 1939, p. 2.

<sup>148</sup> Idem.

<sup>149</sup> DESLEIXO..., 1940, p. 4.

<sup>150</sup> ILUMINAÇÃO PÚBLICA..., 1940, p. 5.

<sup>151</sup> “Havia um prazo variável para cada grupo de consumidores, apontado como sendo sem lógica, pois para um o prazo vencia no dia 5; para outro no dia 7 e para outro ainda no dia 10. Até aqui nada demais. Acontece, porém, que, para o grupo de consumidores que no mês findo o prazo se esgotava no dia 5, no mês seguinte não mais no dia 5, e sim no dia 7 ou 10; e assim por diante”. NÃO ESTÁ BEM..., 1940, p. 5.

<sup>152</sup> Idem.

<sup>153</sup> Ibidem.

<sup>154</sup> ILUMINAÇÃO PÚBLICA..., 1941, p. 4.

<sup>155</sup> Idem.

destinados á rêde da iluminação publica, colocando as cruzetas paralelas, no mesmo plano horizontal ao braço da lampada, interceptando 80% da já deficientíssima e palida iluminação”<sup>156</sup>, e faria um debochado convite para a observação das condições que se encontrava a urbe:

quem tiver o ensejo ou a necessidade de transitar pela Avenida Altino Arantes, no trecho compreendido entre a Prefeitura e a Vila Emilia, logo que escurece, ficará surpreendido em ver que o referido trecho, vive encoberto sobre uma negra e densa penumbra, capaz do infeliz transeunte ser assaltado, cair e quebrar as pernas n’algum buraco que por qualquer motivo esteja aberto na via publica. E por que? Porque o nosso serviço de iluminação publica, alem de ser horrível é deficientíssimo. (VERITAS, 1941, p.1).

Queixar-se-iam e clamariam por providências ao longo dos meses, e uma edição de novembro chamaria a atenção ao fato de que ainda perdurava na cidade a escuridão, e que muitas ruas de Ourinhos estavam “com a iluminação deficiente, pela quantidade de lampadas apagadas, que necessitam reparos”<sup>157</sup>.

Um Decreto-Lei de 1942 (nº 2848, em vigor desde 1 de Janeiro) viria a regulamentar as punições cabíveis ao crime de furto de energia elétrica e *A Voz do Povo* o publicaria na íntegra na primeira página, como um alerta aos meliantes que afanavam os cabos de energia em Ourinhos, apontando à pena de reclusão de um a quatro anos e multa de quinhentos mil réis a dez contos de réis a quem o cometesse. Frisariam que a pena aumentava um terço, se o crime fosse praticado durante o repouso noturno; e seria de dois a oito anos, com multa de dois contos a doze contos de réis, se o crime fosse cometido: “I - com destruição ou rompimento de obstáculo á subtração da coisa; II- com abuso de confiança, ou mediante fraude, escalada ou destreza; III - com emprego de chave falsa; IV - mediante concurso de duas ou mais pessoas”<sup>158</sup>.

No final do período analisado do jornal, as denúncias e reclamações sobre a eletricidade se mantiveram e segundo os relatos, rendiam muito atrito entre moradores e o poder público, inclusive pela taxaçoão<sup>159</sup>. Garantir o uso desse serviço valia o status de desenvolvimento, de civilidade e chancelava aspirações e sonhos de uma cidade que erigia para si mesma os símbolos de progresso.

---

<sup>156</sup> VERITAS, 1941, p. 1.

<sup>157</sup> COM A FORÇA E LUZ..., 1941, p. 3.

<sup>158</sup> FURTO DE ENERGIA ELÉTRICA..., 1942, p.1.

<sup>159</sup> CRITÉRIO ABSURDO..., 1944, p. 4.

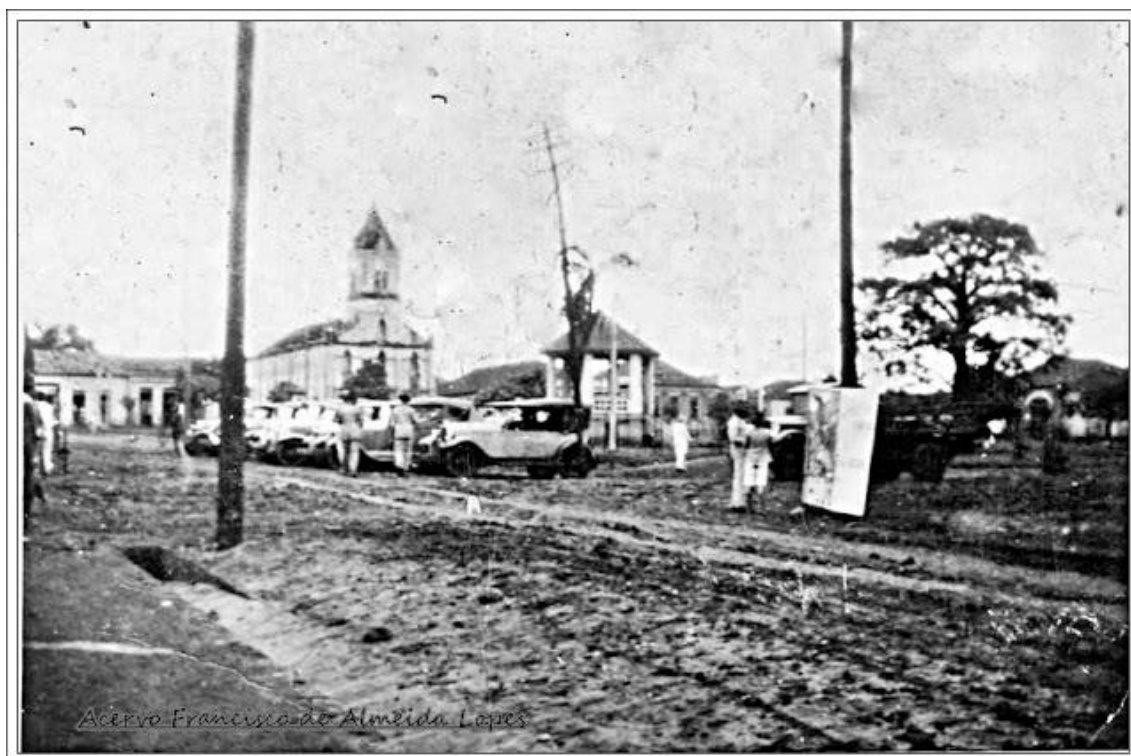
Outro símbolo se constituía na Praça Mello Peixoto, que foi remodelada diversas vezes ao longo do tempo. Emblema de orgulho da cidade por ser o único “Largo” ourinhense, ela era alvo constante de reclamação diante do desleixo da prefeitura:

[...] prossegue, a passo de boi velho, a capina da “invernada” do ex-jardim da Praça Mello Peixoto. [...] “Progresso”... Espectaculo desolador é o que offerece a Praça [...]. Não fôra o intenso trafego de pedestres e o movimentado “footing” domingueiro e nos atreveríamos a comparar o unico Largo da nossa cidade com um desses pomares abandonados lá para o lado da Central depois da Lei Aurea, tal o modo descuidado por que crescem aquellas infelizes arvores. (CAPINA..., 1936, p. 2).

Quase dois meses depois, o ego ourinhense ainda se ressentia de sua única e mal conservada praça<sup>160</sup>:

[...] nem sabemos si merece o nome de jardim esse grammado da Praça Mello Peixoto. Não tem esthetica nem limpeza. É uma imitação burlesca de jardim. [...] Jardim, no conceito unanime de Simões da Fonseca, Jayme de Seguiier, Candido de Figueiredo, Aulette, Moraes e outros mestres, é: terreno onde se cultivam flôres, plantas, etc. Cadê as flores de nosso jardim? O gato comeu... (O JARDIM..., 1936, p. 5).

Abaixo, a Praça Mello Peixoto em dois momentos na década de 1930:



<sup>160</sup> O JARDIM..., 1936, p. 5. A edição de 13/06/1936 dava como certa a reforma para a próxima semana, para na edição seguinte, 20/06/1936, desafiar: “É mais logico, mais razoavel que esses assumptos, de maxima importancia, sejam resolvidos pela proxima [estavel e constitucional] Camara Municipal de Ourinhos.” ASPECTO BONITO..., 1936, p. 3.

**Figura 18:** Praça Mello Peixoto no início década de 1930. Fonte: Acervo de Francisco de Almeida Lopes, In: <https://ourinhos.blogspot.com/2018/04/ourinhos-100-anos-de-historia-1-origem.html>.

Nesse momento, podemos observar que a praça detinha apenas o coreto e alguns bancos, mas os canteiros não estavam estruturados e nem havia sarjetas. Ao fundo, a Igreja Matriz.



**Figura 19:** Praça Mello Peixoto no final da década de 1930. Acervo de Francisco de Almeida Lopes, In: <https://ourinhos.blogspot.com/2018/04/ourinhos-100-anos-de-historia-1-origem.html>.

Acima, uma foto tirada por Francisco de Almeida Lopes, na década de 1930, antes do novo paisagismo dado à Praça Melo Peixoto na gestão do prefeito Benedito Martins de Camargo, em 1937. Nela verificamos que as árvores Andá-Açu já tinham sido plantadas.

As queixas se mantiveram<sup>161</sup> por alguns anos, dada a morosidade do poder público em resolver a questão, um morador chega a afirmar que “o jardim ali era uma floresta, não era, vamos dizer, não tinha um jardim”<sup>162</sup>.

Ainda em uma edição de 1936, caberia uma notinha elogiando a “remodelação do jardim [...] vamos ter, em breve, um jardim que será um mimo”<sup>163</sup>. Mais elogios seriam

<sup>161</sup> [...] “o lugar mais movimentado era a Avenida Jacintho Sá; para cima era tudo cafezal; ali onde tem jardim era um capoeirão, estava reservado o futuro jardim, mas era capoeirão, formigueiro. Ourinhos não era nada naquele tempo” [...] (Relato de Chosho Misato, ROMERO; MORAES, 2004, pp.106-107).

<sup>162</sup> Relato de Antonio Augusto Saraiva, idem, p. 148.

<sup>163</sup> UM BELLO JARDIM..., 1936, p. 8. Dois meses depois, os leitores veriam elogios. MAS, QUE BELLEZA!..., 1937, p. 5.

direcionados à remodelação do mesmo e o periódico mal disfarçava a ansiedade pela inauguração<sup>164</sup>. O grande dia chegaria em 11 de julho de 1937, quando estariam presentes as “pessoas mais representativas [daquela] sociedade”<sup>165</sup>.



**Figura 19:** Praça Mello Peixoto no final da década de 1930, sob dois ângulos. Acervo de Francisco de Almeida Lopes. In: Blog Memórias Ourinhenses.

Nos anos posteriores, como recordaria o Prof. Norival Vieira da Silva (2009), a praça “sempre foi esquecida por todas as administrações públicas, sem exceção. Inventaram algumas reformas no correr dos anos que só destruíam e nada acrescentavam de belo e significativo”<sup>166</sup>. Ele ainda teceria muitos elogios ao lugar, dada a sua

<sup>164</sup> QUASI TERMINADO..., 1937, p. 2; O JARDIM..., 1937a, p. 1; “O coreto, pintadinho de branco, põe água na boca dos ‘fans’ da boa música”: O JARDIM..., 1937b, p. 1.

<sup>165</sup> AMANHÃ!..., 1937, p. 2. Contudo, ainda haveria reclamações: BANCOS, CERCAS & LAMPADAS..., 1937, p. 1.

<sup>166</sup> SILVA, 2009, p. 172.

importância afetiva: “olho você e me lembro: a Praça do Jardim, nome que era seu. O jardim, as fontes, seu coreto se foram, mas você ficou”<sup>167</sup>. Contudo, mesmo tocado, não deixaria de lamentar: “sabe, você continua como o centro, o coração, mas não é a mais bonita. Você ficou triste, escura à noite”<sup>168</sup>.

#### 4.1.3 A moral e os bons costumes

Nem só de flagelos estruturais da cidade os ourinhenses viviam. No período analisado por nós (embora não seja uma particularidade desse recorte) é possível perceber um discurso cada vez mais moralista<sup>169</sup>. *A Voz do Povo*, que sempre se diz representante do povo<sup>170</sup>, como seu próprio nome procura frisar, era na verdade, a voz da burguesia crescente que se fazia na cidade. Qualquer sinal de pobreza ou “atraso” necessitava ser rapidamente varrido dos contornos da cidade e dos olhares pudicos desta população<sup>171</sup>, já que isso comprometia o tão sonhado progresso.

Havia uma necessidade em se corrigir os problemas morais e eliminá-los, pois traziam riscos ao corpo social. Regrar o sujeito em sua individualidade evitaria a “contaminação e decadência da pátria”. O indivíduo, portanto, era uma peça-chave para forjar o ideal de progresso do país. Não poderia, de modo algum, manifestar vontades ou desejos que colocassem em risco os pilares de sustentação desse discurso: a família e a religião. Ou seja, a idealização do casamento, a virgindade da mulher, a reprodução (somente entre casais, moças solteiras eram vistas como ameaças eminentes à instituição da família), o alcoolismo e outros vícios, que poderiam degenerar a coletividade.

Por vezes, é possível notar na insistência de um símbolo como um Largo ou Jardim, que o olhar do jornal, e dos seus redatores estava voltado apenas para si:

[...] a convivência diária com camelôs, moradores de rua, assaltos, trânsito difícil, poluição, ou seja, com uma longa série de problemas, faz do morador da grande cidade uma presa fácil da violência, das condições de vida degradada. Falar de violência urbana, considerando somente vitimada a parcela formalmente instalada da população, constitui sem dúvidas um ato violento. O drama urbano tem duas faces,

<sup>167</sup> Idem.

<sup>168</sup> Idem, p. 173.

<sup>169</sup> Afirmamos isso embasados também em outro periódico que circulou num período mais à frente e com o qual também tivemos a oportunidade de trabalhar. Vide: CUNHA (et. al), 2012.

<sup>170</sup> O primeiro número, por exemplo, faz apelos à população de que prestigiem o jornal por ser: “a tribuna de onde o povo lançará os seus vehementes brados de protesto, quando menosprezados em seus sacrosantos direitos” (A VOZ DO POVO..., 1927, p.1).

<sup>171</sup> “O poder público tentava criar uma geografia social definindo os lugares das pessoas” (PEREIRA, 2004, p. 46). “A picareta do progresso [...]”: UM CASO SERIO!..., 1936, p. 2; “Aqui, temos ‘algumas reliquias’ dessas”. AS TAPÉRAS..., 1937, p. 5.

e com certeza a mais bárbara constitui a da negação das contradições humanas mínimas para a população pobre, desempregada e mesmo para parte da formalmente inserida no mercado de trabalho (BRESCIANNI, 1998, p. 247).

Afirmamos isso, baseados nas constantes reações de repressão e exageros quando se tratava da parte mais pobre da população<sup>172</sup>:

[...] a rua Alagoas, todas as noites é theatro das *maiores* e mais *profanas* revelias. Ali, é só declinar a tarde e... já os *perturbadores da ordem* e do socego publico põe em pratica as suas *boas qualidades*; e a intranquilidade reina até alta madrugada. Não obstante estes, existe nessa rua uma casa de tolerancia, cujas mulheres, não medindo a *gravidade de suas faltas* perante o bom senso, bastante *inescrupulosas* promovem a mais *estupida e vergonhosa imoralidade* com *palavrões, obscenidades e trejeitos* que seria capaz de fazer *corar até as proprias pedras*. [...] Quando, á tardinha, algumas familias que habitam esta cidade de ha longos annos, e portanto de tradições louvaveis, transitavam por aquella via publica, eis que duas mulheres de *vida facil*, das mais *indecentes* que a ideia humana e de bom senso possa conceber, se atacam em plena rua provocando os maiores e mais *nojentos escândalos* (COISAS VERGONHOSAS..., 1937, p. 4, grifos nossos).

Era interessante para o periódico explicitar pares de opostos bem delineados: a família de tradições louváveis e os perturbadores da ordem e do sossego. A perseguição às “mulheres de vida fácil” pode ser vista, com certa frequência, estampada nas páginas do jornal:

[...] esteve em nossa redacção, dando-nos o prazer de sua amavel visita [...] mui correcto Delegado de Policia local. S. S., com a lhaneza de trato que o caracteriza, communicou-nos que como medida preventiva e acauteladora do socego publico, havia tomado a resolução de fazer habitar os recantos afastados da cidade; as meretrizes que até ha pouco viviam por ahi, entremeadas com familias. É esta uma medida á qual prestamos nosso inteiro apoio e que muito concorrerá para que Ourinhos, lá fóra, eleve ainda mais o bom conceito em que é tida. (CAMPANHA AO MERETRICIO..., 1934, p. 2).

O relato procura, além de mostrar o desprezo às meretrizes<sup>173</sup>, marcar a posição do “mui correto delegado de polícia”, ou seja, ao lado do jornal e da população ourinhense

<sup>172</sup> “Parece-nos que a camada popular estava incluída somente no que se refere à moralização de seus atos, ao controle de suas práticas e costumes, e à desapropriação de suas moradas” (PEREIRA, 2004, p. 38).

<sup>173</sup> “As prostitutas impediam que a população alcançasse o nível de civilização desejado” (idem, p. 26).

(de bem). Oculta-se nessa passagem, os clientes das tais “mulheres de boas qualidades”. Trata-se de um recurso muito conhecido do período: a dupla moral<sup>174</sup>, esta

[...] ficava expressa na forma como o poder público e científico preocupou-se em tomar providências quanto à vigilância das prostitutas, mas quanto aos homens que as procuravam, bem como àqueles que apresentavam sinais da doença [sífilis], pouco fizeram. O máximo que esses poderes faziam com relação a esses homens era recomendar repouso e afastamento temporário do trabalho, a fim de eles se curarem da moléstia. (PEREIRA, 2004, p. 87).

A figura da boa mulher, o “belo sexo, a rainha do lar” é constantemente reforçada em oposição à mulher da vida, “a melindrosa, a mulher moderna”. As questões sexuais eram abordadas de forma velada e sempre voltadas aos rapazes e competência da família, frente a crescente onda de sífilis, algo que pudemos notar pela abundância de propagandas de remédios para aquela doença, com promessas de “solução efetiva”.

[...] Discurso ideológico dualista e profundamente maniqueísta – baseado na tradição cristã ocidental de procurar distinguir sempre o bem do mal, o certo do errado, etc. – parece ser a característica fundamental da visão de mundo das classes dominantes brasileiras no período estudado (CHALHOUB, 2012, p. 78).

Os exemplares de 1927 procuram delinear quem seria a mulher de bem:

[...] os antigos festejavam o carnaval cobrindo-se com trajes esquisitos, e occultando o rosto com extravagantes mascaras. Hoje a mascara é o prato quotidiano. Não são accazo umas eternas mascaradas as nossas melindrosas, essas chamadas mulheres modernas, cujos rostos andam constantemente emplastados de tintas e pomadas? E os trajes ridiculos que usam essas mulheres ultimo typo', não parecem uma copia dos que usavam antigamente os fuliões carnavalescos? Quer nos parecer que sim. Escravisada pela moda – a maior inimiga de sua beleza – a mulher moderna usa saiotes, tão curtos, que por vezes deixam a nús os joelhos. As mangas foram suprimidas e os decotes exagerados nos deixam ver algo que a mulher deveria occultar cuidadosamente. Nem a bela cabelleira – o maior adorno da mulher – foi poupado a furia destruidora da moda. Lindas tranças cahem sob os golpes impiedosos da thezoura e ahi temos a cabeça, outrora tão bela, da mulher nivelada a cabeça pouco elegante do homem. E não havemos de chamar-lhes mascaradas? São mascaradas sim, eternas mascaradas. [...] E não poderemos chamar mascarados tambem a certos paes, que tendo filhas casadoiras, prohibem o enlace destas com aqueles a quem verdadeiramente amam, somente porque são pobres? (CARNAVAL..., 1927, pp. 1-2 )<sup>175</sup>.

<sup>174</sup> É o caso dessa edição, onde as “casas de tavolagem [...] contribue para a corrupção de menores que para ellas se dirigem havidos por uma distracção qualquer e dahi o se desviarem”: CASAS DE TAVOLAGEM..., 1935, p. 1.

<sup>175</sup> CARNAVAL..., 1927, pp. 1-2. A crítica não se restringe só a mulher, mas também aos homens “almofadinhas pernosticos” que se vestem sem muita elegância e desejam apenas “o dote das futuras

O soneto *Melindrosa*, assinado por J. M. Leal procura debochar da mulher que se pinta “tal qual um palhaço” e anda “requebrando”, com as “pernas amostra” comparando tal figura à “d’uma saracura”<sup>176</sup>. Na mesma edição é possível ler, na folha seguinte, o texto *Mãe*, onde o mesmo autor sente-se saudosos da “santa, a quem o supremo Pae acaba de chamar a sua Divina presença”. Para o autor, a figura materna é “ente sublime que deve ser respeitado e venerado. Mãe, symbolo sagrado do amor; syntese de tudo que é nobre, de tudo que é bello, de tudo que é elevado” (LEAL, 1927, p. 2).

Um texto intitulado *Collaboração feminina*, de início critica os modos femininos que desgastam o amor como “as meias solas de sapato”. As mulheres da época “poluem as unhas, enrubescem os labios, cortam as saias, despem as mangas e... depois arrepelem-se porque os homens as aborrecem facilmente!”<sup>177</sup>

O ano de 1928 não seria diferente, com relação à diferenciação da mulher correta, da sem moral. O único exemplar que temos disponível<sup>178</sup> traz fortes cores dramáticas nesse sentido. O texto *A Rainha do Lar e a Rainha do Mundo*, de Stella Maris:

[...] a mulher foi creada para ser a rainha da familia. Aquella que souber cumprir o seu dever na sociedade, dever de filha, irmã, esposa e mãe não terá nunca a falta de consolo não conhecerá as horas amargas do arrependimento tantas vezes tardio; será sempre uma fonte inexgotavel de felicidade vivificadora para todos que á rodearem. Os tempos actuaes proclamam a mulher independente conferindo-lhe quase todos os papeis até então desempenhados, só pelos homens. É muito bem que a mulher seja livre, que saiba manter-se por si mesma com honestidade e firmeza que tenha preparo intellectual e concorra, o quanto possível para o bem comum. Nenhuma porem, deve deixar-se dominar pelo exagero que representa um perigoso declive que a fará descer do seu pedestal, por mais alto e solido que elle seja. Como filha obediente e dedicada a seus paes, a mulher adquire desde creança a força da alma, a dignidade e firmeza de character, que deverá conservar por toda a vida. [...] Si a mulher for correcta, todo o mundo será correcto porque é ella a força motriz de todas as cousas. Si como esposa ella deve ser a alegria dissipadora das contrariedades do marido, o alento das horas de trabalho e o consolo dos momentos de afflicção, como mãe o seu papel é mil vezes mais importante e sublime porque ella deve ser a Rainha do Lar e o lar domestico é a mais importante escola do character. [...] Si é o homem quem governa, si é a mulher quem educa, ella deve ser considerada a Rainha do mundo. [...] Sendo destinada á uma missão tão

---

esposas”; critica-se também os chefes de família que passam as noites “em casas suspeitas, verdadeiros antros de perdição”; a crítica se estende aos governantes, jornalistas, industriais, comerciantes e falsos amigos.

<sup>176</sup> LEAL, 1927, p 1.

<sup>177</sup> COLLABORAÇÃO FEMININA..., 1927, pp. 1-2.

<sup>178</sup> No ano de 1928 não parece ter havido muitos exemplares. O último que temos acesso em 1927 (15/09) é o número 28 e o primeiro exemplar de 1930, disponível para nós, (31/6) é o número 31. Porém, esse único jornal de 1928 tem o número 25 (em algarismos romanos, o que era incomum), o que é um mistério para nós. Após essa singularidade, os exemplares seguem numerados de forma sequencial.

nobre e sublime, não pode encontrar no delírio do tango, no entusiasmo da moda ou na permanência á janela, a sua preparação para a vida real (STELLA MARIS, 1927, p.1).

O texto prossegue indicando que a mulher não deve viver reclusa, “isso seria tornar-se ridícula e incapaz de alcançar a victoria do seu dever”. Mas para tudo existe o “encantador meio-termo”.

Em 1931, o direito ao voto feminino começa a ser discutido. Deveria a mulher votar? Um texto intitulado *A mulher evolue*, assinado por Vicente Marques, contestava a alcunha de “sexo frágil” dada a mulher que estava “ao nível do homem”:

[...] ha no Brasil actualmente uma phalange de moças de valor que, desapregadas das saias maternas e das mil futilidades femininas se enveredam pelos vastos corredores das Escolas Superiores, patenteando dest’arte capacidade scientifica e intellectual. Demos pois á mulher capaz, o direito de votar e outras prerrogativas a que faz jús. (MARQUES, 1931, p. 1).

O texto seria comentado no número seguinte por Olyntho Costa Neves, em *O voto feminino*:

[...] não houvesse um pouco de excesso nas suas considerações e eu teria que concordar. Eu pertenço a corrente dos que pretendem que a mulher nasceu para o lar e só para o lar deve viver. As occupaões domesticas são mais complexas que qualquer outro ramo da vida social [...]. O instinto feminino foi moldado especialmente para as coisas do lar, sensíveis e delicadas. Seria desviar da sua finalidade, pretender conduzir a companheira do homem para o exercício de outros mistéres, que não os do lar exclusivamente. Convenho eu, que á tenacidade e constancia do genio feminino compete missão, trancedentalmente mais importante que a da sua intromissão nos destinos politicos de um povo. Deixemos a politica para os homens e o lar para a sua companheira. Dentro das suas próprias attribuições, em harmonia perfeita com o seu instinto, sem forçar as suas finalidades, póde a mulher ser útil á nação. (NEVES, 1931, p. 1).

No exemplar seguinte, o texto *A Mulher Eleitora*, de autoria de V. Marques, procuraria colocar os dois lados da peleja: “veem proclamando, já pela imprensa, já pela palavra falada que devemos conceder ao chamado sexo fragil o direito ao voto. Querem outros que a mulher se cinja tão somente á sua nobre acção no lar” (MARQUES, 1931, p. 1). As mulheres capazes: “as professoras, as pharmaceuticas, as medicas, as advogadas e outras, dado o gráu de sua instrucção, poderão muito melhor escolher uma phalange de pro-homens para dirigirem os destinos de um povo” (idem) estariam acima, no que tange às capacidades, dos homens “rudes e semi-analfabetos, verdadeiros autômatos quando

votam pelo ‘cabresto’”. Porém, apenas à mulher instruída intelectualmente, deveria ser dado esse direito. Contudo, “que não seja o voto feminino obrigatório!”<sup>179</sup>.

O lugar da mulher é reforçado em outro número de 1931. Um certo “Viuvo” recebia cartas de suas pretendentes. O tal pretendido aproveita para caçoar de uma moça que lhe enviara carta mais foto: “você quer ser uma notabilidade. Não sabe que Deus não fez a mulher para ser sábia nem cientista? Mulher inteligente é aquela que sabe que é mulher e cumpre os seus deveres estritamente no papel de mulher... Você já leu Berilo Neves? Ele diz que a mulher é como um jornal, antes de se lêr vale 300 réis, depois de lido não vale nada” (VIUVO, 1931, p. 4).

[...] Não é á frente de um “Bizeauté” que a mulher adquire beleza e graça, collorindo aqui a “baton”, ali a “rouge” e acolá a “crayon”. As filhas de Eva, fazem-se lindas, encantadoras, inspiram graça e elegancia, imitando habitos distintos e delicados, apreendendo conselhos ponderados e de bom senso [...]. Os predicados de beleza physica da mulher, só atraem aos homens de espirito leviano, mesquinho e perverso. (NEVES, 1931, p. 2).

A mulher moderna, não é mais a dama romana ou hellenica que tinha que occupar-se unicamente dos deveres domiciliares e da educação de seus filhos. A essa missão sublime, accrescentaram-se outros papeis preponderantes e beneficos á sociedade. Mercê aos seus esforços varonis, conseguiu galgar os degraus hierarchicos, nivelando-se aos mesmo direitos do homem. Bello exemplo, extraordinaria dedicação a da mulher moderna (MOLINA, 1932, p. 2).

Contendo em suas belíssimas paginas em rotogravura, um milhão de assumptos para a mulher e para o lar. Modas, Bordado, Tricots, Crochet, Decoração e arranjos de casa. Assumptos de Belleza, Receitas Culinárias, Penteados, Musica, Arte, Poesia, Contos, Litteratura, Dialogos, Novellas, Ilustrações, Sports, Cinema, Chiromancia, Adornos em geral, Conselhos ás mães e ás jovens e uma infindável quantidade de suggestivos assumptos que interessarão a todos os espíritos femininos. (UMA JOIA - ANNUARIO DAS SENHORAS..., 1934, p. 4).

Nas páginas d’ *A Voz do Povo*, havia uma excessiva campanha em prol da sexualidade com uma coluna médica, presente em quase todas as edições. O ensino da sexualidade era responsabilidade dos médicos, mas também da família: esta deveria ser tratada como ciência: um ramo da biologia<sup>180</sup>. Porém, os assuntos eram tratados de forma muito superficial e remédios para diversas doenças, inclusive para a sífilis, apareciam

<sup>179</sup> *A Voz do Povo*, 23 ago. 1931, p. 1.

<sup>180</sup> O assunto foi alvo de uma coluna fixa por dez semanas consecutivas, intitulada: Eduquemos nossa mocidade, que durou de 02/05/1936 a 11/07/1936. Esses são apenas outros exemplos: ALBUQUERQUE, 1934, p. 4; CONTROVERSAS SEXOLOGICAS..., 1934, p. 2; A EDUCAÇÃO SEXUAL PELA IMAGEM..., 1935, p. 1; EDUCAÇÃO SEXUAL E LIBIDINAGEM..., 1935, p. 1.

sempre no jornal<sup>181</sup>. A reprimenda da sexualidade não se limitava às mulheres, mas também aos rapazes que desfilavam pelo espaço público, visto como um reflexo da ordem e dos bons costumes:

[...] a nossa folha não poupará esforços para applaudir todos os actos que mereçam encomios, bem como dirá também toda a verdade que por ventura seja necessaria a bem da sociedade e do povo do qual somos o porta vóz. Uma das noites da semana passada, diversos moços, que talvez não prezem a moral, no nosso Jardim, praticavam actos que vinham attestar perfeitamente a falta de escrupulos perante o nosso logradouro publico. Assim que chegou aos ouvidos de alguns policiaes que por ali se achavam, deram um espanto nos taes moços, que foram intimados a irem a delegacia e nos consta que fora para a cadeia, uma mulher. Causa pasmo, rapazes que deveriam se collocar, menosprezarem a moral, fazendo do ponto principal da cidade, o logar para a pratica da sordidez, mas a nossa policia é boa e trabalhará, estamos certos, para acabar se por ventura continuar essas scenas depravantes. (MOÇOS DEVASSOS..., 1930, p. 4).

[...] Por falar em cinema, que coisa horrorosa temos presenciado no recinto do Cine, por ocassião dos espetáculos. A molecada e uns tantos mocinhos ridículos promovem lá uma algazarra intolerável. Muitos, á guisa dos teatros russos, fumam e cospem no salão, num tocante menosprezo ás famílias que vão se divertir umas horas durante as projeções. Tais moços, não são dignos da tolerância policial e muito menos de se hombraem com gente educada. Devem procurar outro ambiente —o ambiente dos suinos. Entre gente, de sua especie, eles estão em minoria absoluta. Por isso, deve a Empresa, a bem da moral e da nossa cultura, vedar a entrada aos elementos nocivos, dos inconvenientes. Não foram educados para um recinto cinematográfico. Foram manipulados para “fans” de circo de touros” (CASMURRO, 1941, p. 4).

Os contundentes termos utilizados para categorizar a pobreza, transformando-a quase num sinônimo de criminalidade<sup>182</sup>, nos faz lembrar as *classes perigosas*: “isto significa dizer que o fato de ser pobre torna o indivíduo automaticamente perigoso à sociedade. Os pobres apresentam maior tendência à ociosidade, são cheios de vícios, menos moralizados e podem facilmente ‘rolar até o abismo do crime’” (CHALHOUB, 2012, p. 76). Nesse sentido, a polícia era constantemente chamada a cumprir o seu dever

<sup>181</sup> Um exemplo é o “Elixir de Nogueira”. Há na edição de número 66 a referência à visita de um médico, o Dr. Mario R. Pimentel, autor de uma dissertação sobre a sífilis: VISITA..., 1931, p. 1.

<sup>182</sup> “Ideologicamente quase se equivalem os conceitos de pobreza, ociosidade e criminalidade” (CHALHOUB, 2012, p. 80).

quando se tratava de batedores de carteira e assaltantes<sup>183</sup>, menores problemáticos<sup>184</sup>, gatunos<sup>185</sup>, perturbadores da ordem pública<sup>186</sup> e forasteiros<sup>187</sup>. Os jovens pobres, ao menos no natal, quando é feita uma campanha de arrecadação de donativos, poderiam ter “a illusão, embora ephemera, de que a humanidade não esqueceu o ‘amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nós mesmos<sup>188</sup>’.

Polícia<sup>189</sup> e médicos seriam as duas figuras constantemente destacadas no jornal: a primeira para reprimir os discordantes do modelo de progresso e o segundo para justificar os preceitos de uma educação higiênica que ia desde a saúde do trabalhador, da casa e da cidade, contudo, “mascarados pelos seus propósitos declaradamente científicos, reforçavam formas de dominação e de manutenção e de reprodução da ordem social burguesa” (idem, p. 177).

Era necessário produzir um discurso que ignorasse as contradições na produção de uma cidade do progresso que pertencia a poucos, jogando o ônus do sistema capitalista

<sup>183</sup> “A policia está no dever de tomar severa attitude no combate aos batedores de carteira. Á hora de chegada dos trens quando é intenso o movimento de passageiros, os ‘punguistas’ agem audaciosamente [...]: BATEDORES DE CARTEIRA..., 1936a, p. 8.; BATEDORES DE CARTEIRA..., 1937b, p. 1.; BATEDORES DE CARTEIRA, 1937c, p. 1.; ASSALTO E ROUBO..., 1933, p. 6.; FOI ASSALTO!..., 1937, p. 6.

<sup>184</sup> “É dever do Poder Publico fiscalizar, severamente, a conducta das creanças que vivem perambulando pelas ruas. Temos em Ourinhos, um caso serissimo para ser resolvido pela Polícia, ou pela Prefeitura: os pequenos engraxates que, inconscientemente, expostos ao sol e a poeira, sujeitos a corrupção moral, infestam as ruas. [...] Si tem paes validos, a estes cabe trabalhar para sustentar e educar seus filhos”: COM A POLICIA..., 1936, p. 1; “Não podemos compreender a indiferença de nossos dirigentes, em face das creanças pobres que, em Ourinhos, enchem as ruas, promovendo algazarra, aprendendo vicios e penetrando, inconscientemente, no campo nefasto da malandragem.: OS ENGRAXATES..., 1936, p. 1.; “Esses guryrs, conhecidissimos pelas suas atitudes duvidosas, vivem ao Deus dará, prejudicando o socego publico”: MENORES VADIOS..., 1937a, p. 6.; “Esse guryrs, na sua maioria, não sabem o Padre Nosso, nem conhecem o A-B-C, mas imitam direitinho TOM MIX, BUCK JONES e torcem pela ‘mocinha’ e pelo ‘bandidão’”: TOM MIX..., 1937, p. 1.; MENORES VADIOS..., 1937b, p. 5.; MOLEQUES..., 1937, p. 5.; MENORES VADIOS..., 1937c, p. 1.

<sup>185</sup> “Infelizmente temos a registrar, que nesta cidade deve haver por força uma ‘trempe’ de gatunos tão escovados, que chegam ao ponto de roubar com tanta pericia desafiando a nossa ordeira policia [...]. Aqui já estamos em eminencia de descobrir os meliantes, visto um dos taes ja estar engaiolado e entregue a justiça para pagar caro o tributo do pouco amor ao trabalho e tão sagazmente cometer, delictos dos mais antepathicos que se possa narrar”: ROUBOS..., 1931, p. 1.; OS LADRÕES...!, 1936, p. 1

<sup>186</sup> “Moços mal educados e sem qualquer noção das boas normas de conducta, por ocasião dos footings em volta do jardim, [...] instigam a molecada á pratica de actos condemnaveis, [...]. Seria de bom alvitre pois, que a policia tomasse uma providencia para o caso, enlaçando essa molecada no cinturão”: A POLICIA PRECISA VER ISSO..., 1935, p. 1.

<sup>187</sup> “Ponto de convergencia de gente de todo o kilate, [...] gente de todas as nacionalidades e que, as vezes, á cata de ocupação, se infiltram por entre todas as camadas, constituindo grande perigo aos cidadãos pacatos. Andar armado é prohibido. [...] basta que o patrulhamento seja feito com rigor para que os forasteiros desocupados que por ahi perambulam procurem um meio ou de procurar trabalho ou darem o fóra”: OS FORASTEIROS..., 1935, p. 2.

<sup>188</sup> NATAL DOS POBRES..., 1937, p. 5.

<sup>189</sup> “A imposição do assalariamento ao trabalhador é corroborada pela vigilância constante do aparato policial, que rotula de ‘vadios’ – e arremessa eventualmente ao xilindró – todos aqueles indivíduos que se encontram em botequins e nas ruas e que não conseguem provar sua condição de trabalhadores – isto é, de indivíduos submetidos ou adaptados ao projeto de vida feito para eles”. (CHALHOUB, 2012, p. 255).

para o indivíduo, num discurso meritocrático. Por isso, o trabalhador era outro alvo constante da moralidade: seu local de moradia e responsabilidade com os compromissos econômicos eram ridicularizadas<sup>190</sup>, este, deveria saber o seu lugar, respeitar os seus padrões, cumprir suas obrigações, ficar afastado do comunismo<sup>191</sup>, do alcoolismo<sup>192</sup> e dos bares.

[...] A ociosidade deve ser combatida não só porque negando-se ao trabalho o indivíduo deixa de pagar sua dívida para com a sociedade, mas também porque o ocioso é um perverso, um viciado que representa uma ameaça à moral e aos bons costumes. Um indivíduo ocioso é um indivíduo sem educação moral, pois não tem noção de responsabilidade, não tem interesse em produzir o bem comum nem possui respeito pela propriedade. (CHALHOUB, 2012, p. 74).

Era necessário levantar bandeira contra o alcoolismo. Por isso em 1931, promove-se a semana antialcoólica. Realizada no Cine Casino, presidida pelo Dr. Pimentel e transcrita em duas edições do jornal<sup>193</sup>, “em todos os tempos e em todos os países de raça pura, definida, o vício da embriaguez foi sempre o maior e o mais terrível de todos os vícios” (PIMENTEL, 1931, p. 2). O tema viria a ser repetido meses depois<sup>194</sup>:

[...] e, se tudo isso é verdade com relação às raças definidas, que dizer de nós, do nosso país, que ainda não possui uma raça verdadeiramente apurada, porquanto somos um país ainda em formação? O homem ou a mulher que se entrega ao vício do álcool não é somente o ser mais inútil que existe por ser inútil até para si próprio, mas também o mais nocivo, prejudicial, porque o mal que produz para si próprio é nada comparado ao que produz para seus descendentes, seus filhos, seus netos, que só poderão ser igualmente bebados, loucos, assassinos, tuberculosos, enfim indivíduos de qualquer modo doentes, ou tarados, porquanto é infinito o número das moléstias, das degenerações físicas ou morais que constituem o cortejo fúnebre da bebedeira. (SEMANA ANTI-ALCOOLICA..., 1931, p. 1).

Os costumes populares e rurais também são condenados, numa cidade que se ia tornando cada vez mais urbanizada: o costume de criar porcos, cabritos e cachorros era constantemente fruto de reprimenda, ridicularização e protesto nas páginas do jornal. O

<sup>190</sup> “Ha grande falta de casas de aluguel na cidade, principalmente casas para operarios, e quando ha, custa quase que mensalmente o ordenado do pobre trabalhador. Porque os Lazards Brothers da cidade não empregam o seu capital na construção de residencias para o proletariado? Será que têm medo do calote?”. O PROBLEMA DE HABITAÇÕES..., 1936, p. 2.

<sup>191</sup> INFILTRAÇÕES COMMUNISTAS..., 1935, p. 2 e 6.

<sup>192</sup> “O combate ao alcoolismo esteve presente nas diferentes cidades da sociedade ocidental cristã, com o objetivo de disciplinar os trabalhadores. Os industriais foram os principais interessados em divulgar medidas contra o alcoolismo que causava tantas faltas ao trabalho” (PEREIRA, 2004, p. 83).

<sup>193</sup> Números 81 e 82 (de 01 e 08/11/1931).

<sup>194</sup> O tema repetiu-se em: O ALCOOL..., 1931a, p 1; O ALCOOL..., 1931b, p. 4 .

problema dos “cães vadios” foi uma constante ao longo de todo o período analisado, onde o jornal alertava a prefeitura e “a quem de direitos” que:

[...] a hygiene collectiva dessa cidade, tem preocupado a atenção do Governador Civil. Para este fim, foi nomeado o Snr. Nicolau Cardoso, o qual por onde do distincto Governador deu solução immediata ao nosso pedido do numero passado fazendo desaparecer do centro urbano o chiqueiro de porcos, situado na Rua Minas Geraes, perto do viaducto da S. Paulo-Paraná [...] (JUNTA REVOLUCIONARIA..., 1930, p.3).

Chegou um tempo em que a represalia contra os animaes que perambulavam nas ruas, foi enérgica e decidida. Esta medida parece estar actualmente esquecida. Naturalmente não fazemos allusão a alguma cabrita ou alguma timida gallinha d’Angola que foge apavorada de seus inimigos, mas sim contra os cães vadios que invadem nossas praças e ruas de um modo excessivo. [...] Varias tem sido as victimas de mordidas de cachorros e varios tem sido igualmente prejudicados em seus sóbrios ruminantes como a cabra e a ovelha (CÃES VADIOS..., 1931, p.2).

A policia, ou alguem por ella, precisa intervir em certas ruas, que certos individuos façam da via publica curral de amansar potros. É um perigo. Qualquer dia é bem possivel que um transeunte seja pisado por um cavalo bravo. Ourinhos será, por acaso, o Far-West? Então, viva o ‘Tom Mix’! (POTROS E POTRANCAS..., 1936, p.2)

Nos exemplares de 1930, vemos surgir uma perseguição ao jogo do bicho que seria persistente nas próximas edições do jornal. Uma pequena nota reforçava que a “Chefatura de Policia” estava de olho, já que o jogo era “expressamente prohibido [...] em todo o Estado de S. Paulo”. (PROHIBIÇÃO AO JOGO DO BICHO..., 1930, p. 3).

No ano seguinte, os avisos passam a ser mais abrangentes: “o jogo, as tabolagens e casas de jogo continuam funcionando desenfreadamente, empobrecendo as familias e aniquilando individuos que perdem o emprego, a dignidade, a honra e a moralidade” (O JOGO..., 1931, p. 2).

O próximo exemplar trará como capa a o tema *Campanha ao jogo*, assinado por Constantino A. Molina. O jogo é descrito como um dos vícios “mais degradantes e de maiores consequencias”, “um cancro”, que “aniquilla e empobrece centenares de individuos, para enriquecer uma meia duzia apenas de ociosos e parasitas da sociedade”. É na banca de jogo que o homem compromete “a dignidade, a honra e a moralidade, bens de maior valor do que o dinheiro”. Contudo, mais à frente, vemos apontar o que parece ser a real preocupação: “Esse mal que muitas vezes [...] rouba ao estudo tanto talentos, á industria tantas forças [...]” (CAMPANHA AO JOGO..., 1931, p. 1).

Nessa cidade, que se queria moderna, não havia espaço para práticas antigas e muito menos ‘ilegais’, por isso era imprescindível acabar com os jogos de azar, de vísporas e, principalmente, do bicho, este último, considerado o retrato de um povo atrasado. (PEREIRA, 2004, p. 47).

A política era centralizada nas mãos das pessoas mais ricas e influentes, como fazendeiros, comerciantes e donos de terras. Nesse contexto, a figura do coronel (geralmente um grande fazendeiro) se destacava, pois exercia o poder local e designava delegados de polícia, juízes de direito, juízes de paz, promotores e candidatos políticos. No período anterior a 1930, o voto era aberto e ocorria com orientação e pressão dos chefes políticos<sup>195</sup>. Somente homens alfabetizados tinham direito a voto. Havia o Partido Republicano (PR), ligado aos grandes proprietários de terras e classes conservadoras, e o Partido Democrático (PD), ligado aos profissionais liberais. Muitos momentos de tensão e conflitos se desenrolaram nas ruas da cidade, com assassinatos e tiroteios protagonizados pelos rivais políticos<sup>196</sup>. As pessoas tinham de se esconder em suas casas para não serem alvos das violências praticadas. Nesse contexto, a polícia era controlada pelo partido que estivesse no poder e reprimia o lado oposto. As pessoas andavam armadas, o clima era de insegurança e alarde<sup>197</sup>.

Os moradores da Vila Odilon, prospero e populoso bairro ourinhense em franco desenvolvimento, por intermedio da “A Voz do Povo”, mais uma vez apelam para as nossas autoridades municipal e policial no sentindo de lá ser feita, assidua e rigorosamente, fiscalização municipal e policiamento do bairro. O comercio, é uma verdadeira feira permanente, franco até aos domingos, fóra de hora, recreando-se nos botequins da vila péssimos elementos, paudaguas e vadios dignos de uma estação de repouso no estado maior das grades. Na Vila Odilon não ha policiamento e os elementos perniciosos encontram lá um paraíso, longe das vistas policiais e com facilidade na aquisição do “fogo” em cada botequim. Falta lá um inspetor de quartirão ou uma autoridade policial com a delegação oficial de exercer a sua função. É preciso que o fato mereça a atenção dos nossos dirigentes. Lembramos aqui uma medida que sortiria bons efeitos para moralização e segurança do bairro, e que poria cobro á situação de desamparo policial em que se acha: a cotização mensal de sua população para a manutenção de dois guardas noturnos, afetos á guarda noturna local. (UM APELO DOS MORADORES DA VILA ODILON ÀS NOSSAS AUTORIDADES..., 1942, p. 5).

<sup>195</sup> “[...] então ficava ali aquelas autoridades e a pessoa chegava e votava no livro aberto; colocava ali o nome dela e o voto. Claro que então, essas autoridades todas ali, intimidavam as pessoas, intimidavam os eleitores e aí acabavam ganhando as eleições [...]”, Relato de Domingos Perino Neto contido em: ROMERO; MOARES, 2004, p. 177.

<sup>196</sup> “[...] Chefes políticos, com quadrilhas, cada um com seu bando, né, e a luta política muitas vezes era decidida no bang-bang mesmo, no tiroteio mesmo [...]”. Relato de Domingos Perino Neto, idem.

<sup>197</sup> “[...] Então, havia a violência, era maior [...]”. Relato de Domingos Perino Neto, idem, p. 178.

Alguns rapazes, envergando a farda do Tiro de Guerra 198, á noite de 15 deste mês, por cerca das 21 horas, depois dos exercícios noturnos daquela corporação militar que tanto fala dos nossos fóros de educação e que tem sido uma tradição de disciplina, entraram a praticar daninhezas pelas ruas da cidade, numa algazarra nada condizente com a moral de soldados. Na praça Melo Peixoto, viraram bancos do jardim e cometeram outros desatinos. Naturalmente que esses fatos não são do conhecimento do Sargento Instrutor, militar de exemplar com postura e de impecável corretismo de homem de sociedade que reprovará, estamos certos, semelhantes faltas e abusos inqualificáveis praticados á sombra do uniforme da sua corporação. Aqui deixamos lavrado o nosso protesto, com vista ao Sargento do Tiro local. (BRINCADEIRAS DE MAU GOSTO..., 1942, p. 4).

Estrangeiros eram, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) vistos de forma pejorativa<sup>198</sup>. O jornal relatou uma série de medidas implementadas pela prefeitura, respaldadas nas ações do governo federal, para coibir práticas consideradas subversivas, como a troca de letreiros das casas comerciais com nomes estrangeiros, proibição das conversas em alemão e japonês no espaço público, além de cerceamento da circulação (os estrangeiros tinham de portar documentos e autorização para circular no espaço urbano, correndo risco de serem presos caso descumissem). Ao fim do período por nós os ataques ainda persistiam, visto que a guerra ainda não havia terminado. A xenofobia era veiculada de forma recorrente e a desconfiança dos estrangeiros semeada entre os munícipes, criando um clima de hostilidade e ódio.

Os dezessete anos analisados d *'A Voz do Povo* para a construção de nosso trabalho foram férteis, dada a variedade dos temas apresentados, e as riquezas dos pormenores das história ali expostas possibilitaram a nós atestar a transformação da urbe e dos hábitos da população, além da criação de um discurso de progresso nas narrativas sobre a cidade, reiterado inúmeras vezes nos artigos do jornal.

---

<sup>198</sup> Na edição 500, de julho de 1941, um colunista recorrente, Casmurro, ridicularizava os japoneses: “Bum!!... — Que foi isto ?!... Explosão?!... Tiro de canhão?!... Guerra?!... — Nada disto. É o chinês que está arrebrandando pipocas, no canto do jardim. Uma imundice. É sujo o ‘canhão’, o carrinho, o ‘chinês’, as pipocas e os consumidores! Caramba! Cada disparo, são pipocas que voam como estilhaços, por entre latas sujas, que se espalham pela rua, onde a molécada, como roda de aleluia em leilão de festa, estaciona, alerta, para apanha-las do chão, sujas, e come-las inconscientemente, cheias do pó da rua. Policia! Policia! — Que policia, homem?... — A policia sanitária, para tomar o canhão do chinês. Não ha porcaria maior. Mas o chinês é imperturbável, impassível, com aquela cara de quem chupou limão e com os olhos quasi fechados, vai ‘pregando fogo’ na fortaleza da saúde da macacada meúda e... graúda, que tem mais olho do que barriga, que gosta das pipocas do chinês por que são grandes, feitas com milho de cavalo. Cá, mestre Casmurro, é que tem olhos de lince e não vai na fumaça do canhão chinês, dando minhas preferencias aos produtos do Abrão: - Babóca !... Bé de-maléca!... Bassóca !... Basteis !... Manduim!.. Antes assim do que ficar nas esquinas, como profetas das mil e uma noites, dando palpites errados de mudanças de prefeitos, de regresso de d. João VI, com a vinda do Ante-Cristo, como aquela gente dos ‘muros das lamentações’. Comigo, é ali, no duro, conservador, velho de guerra! Futriqueiros!” (CASMURRO, 1941, p. 1).

### 3.1.4 As pranchas do Atlas Municipal de Ourinhos

A terceira e última etapa do nosso trabalho foi a elaboração dos mapas temáticos do Eixo 2 do Atlas Municipal de Ourinhos, com base nas informações levantadas por meio nas Fases I e II, já descritas anteriormente. A linguagem e comunicação cartográfica dos mapas foram baseadas no paradigma estruturalista da Semiologia Gráfica, a qual tem como objetivo maior apresentar uma relação entre a imagem percebida no mapa com seus dados. Para isto considerou-se a proposta de Zacharias (2006; 2012), que sugere diferentes possibilidades de leitura para o estudo e representação espacial no Atlas Municipal Escolar de Ourinhos, onde a **Concepção Gráfica e Layout** (figura 1), as quais:

- a) o tamanho das páginas tiveram a dimensão A4, em formato analógico e colorido;
- b) os temas foram apresentados em páginas duplas, onde os mapas ficam na página direita e os textos e demais informações na página esquerda. Esta diagramação favorece a leitura do aluno, conduzindo seu olhar no sentido esquerdo-direito;

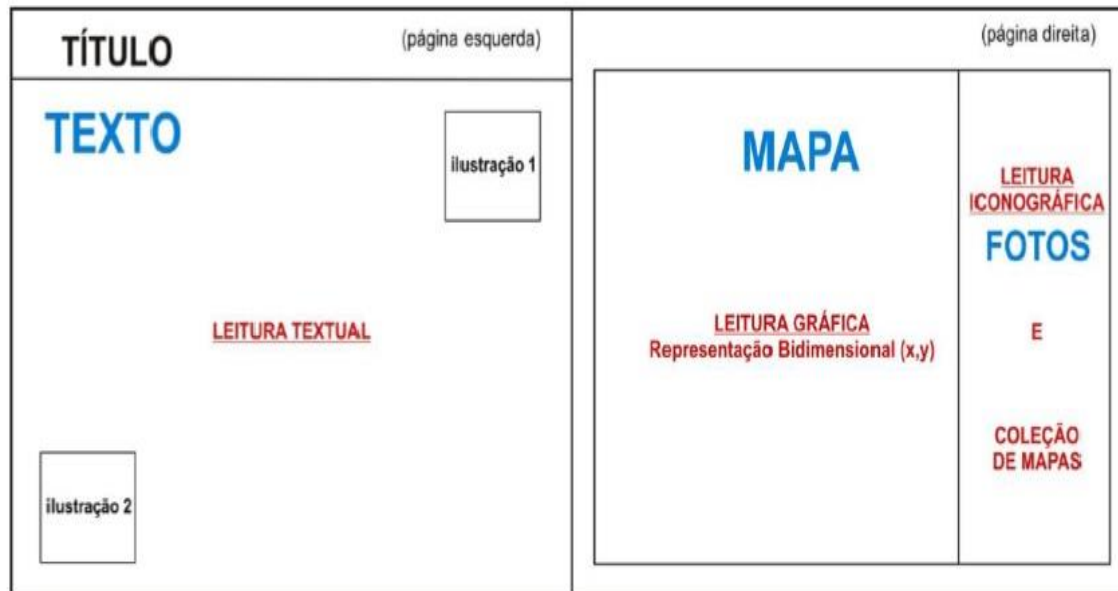


**Figura 1:** Protótipo do Layout das Páginas do Atlas Municipal Escolar. Fonte: ZACHARIAS, 2012.

Foram desenvolvidos por nós 3 mapas, que possuem os seguintes títulos:

- 1) Área de Ocupação Kaingang até o século XIX;
- 2) A ferrovia (a partir de 1908) – Ourinhos/SP;

### 3) Ourinhos: a malha urbana (entre as décadas de 1930 e 1940);

A proposta apresentada nas páginas construídas vai de encontro à HOFING (2003, p. 182), por crer que “[...] assim, a preservação da memória, a reconstrução do passado, leva as pessoas a terem um novo olhar diante do velho, do antigo, das marcas do passado, o novo e o velho juntos”. Deste modo, por intermédio de um levantamento fotográfico histórico da cidade, revelam-se as materialidades do espaço urbano, suas formas, usos e funções em dado período e contexto.

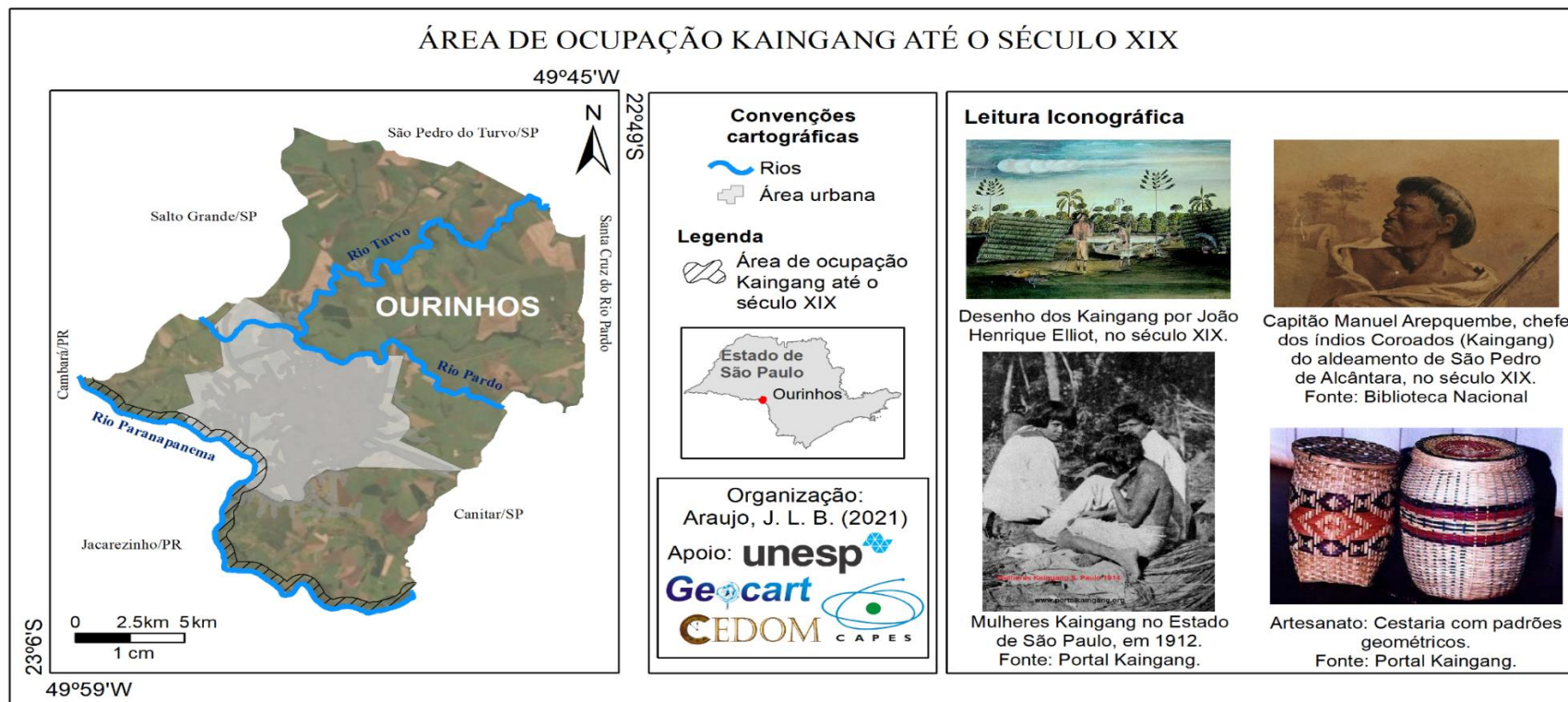
Com o Atlas Municipal de Ourinhos, o “estudo da História”, busca permitir “[...] reviver o clima de uma época e a saudade de um tempo [...]” (idem, p. 181). Assim, o interesse do aluno pelo lugar pode ser despertado pela interdisciplinaridade, visando a construção do sentido de pertencimento e identidade. Logo, “esta página trata exclusivamente de dados históricos representados pelas fotografias horizontais e aéreas, colaborando com o ensino interdisciplinar de História” (ZACHARIAS, 2012, p. 140).

De acordo com os relatos que coletamos, os aldeamentos Kaingang situavam-se às margens do Rio Paranapanema, entre as áreas dos atuais municípios de Ourinhos/SP, Salto Grande/SP e Jacarezinho/PR.

No **Mapa 1: Área de Ocupação Kaingang até o século XIX**, optamos por deixar a área urbana atual numa transparência, para que o estudante possa identificá-la facilmente, além de poder compreender de forma escalar a distância entre ela e as áreas dos aldeamentos, que destacamos por meio de hachuras em preto. Os rios que cortam a cidade também foram colocados numa cor de destaque. Utilizamos uma imagem de satélite para compor o fundo do mapa, mostrando o uso e ocupação do solo atuais por meio da diferença de cores.

Para a leitura iconográfica, elencamos algumas imagens extraídas do Portal Kaingang e da Biblioteca Nacional, sendo elas: um desenho dos Kaingang, feito no século XIX; um desenho de um chefe indígena no século XIX; uma fotografia de mulheres Kaingang em uma das aldeias do Estado de São Paulo, em 1912; e uma amostra de artesanato por meio de cestaria, com padrões geométricos.

A influência dos indígenas é presente nos aspectos culturais de Ourinhos, desde os cultivos ao artesanato, contudo é pouco valorizada nos materiais didáticos que retratam o município. Nesse sentido, mostrando a história dos indígenas, o Atlas busca democratizar o conhecimento acerca dessa parcela da população enquanto importantes agentes na formação e consolidação do município.



**Mapa 1:** Área de ocupação Kaingang até o século XIX. Elaborado pelo autor.

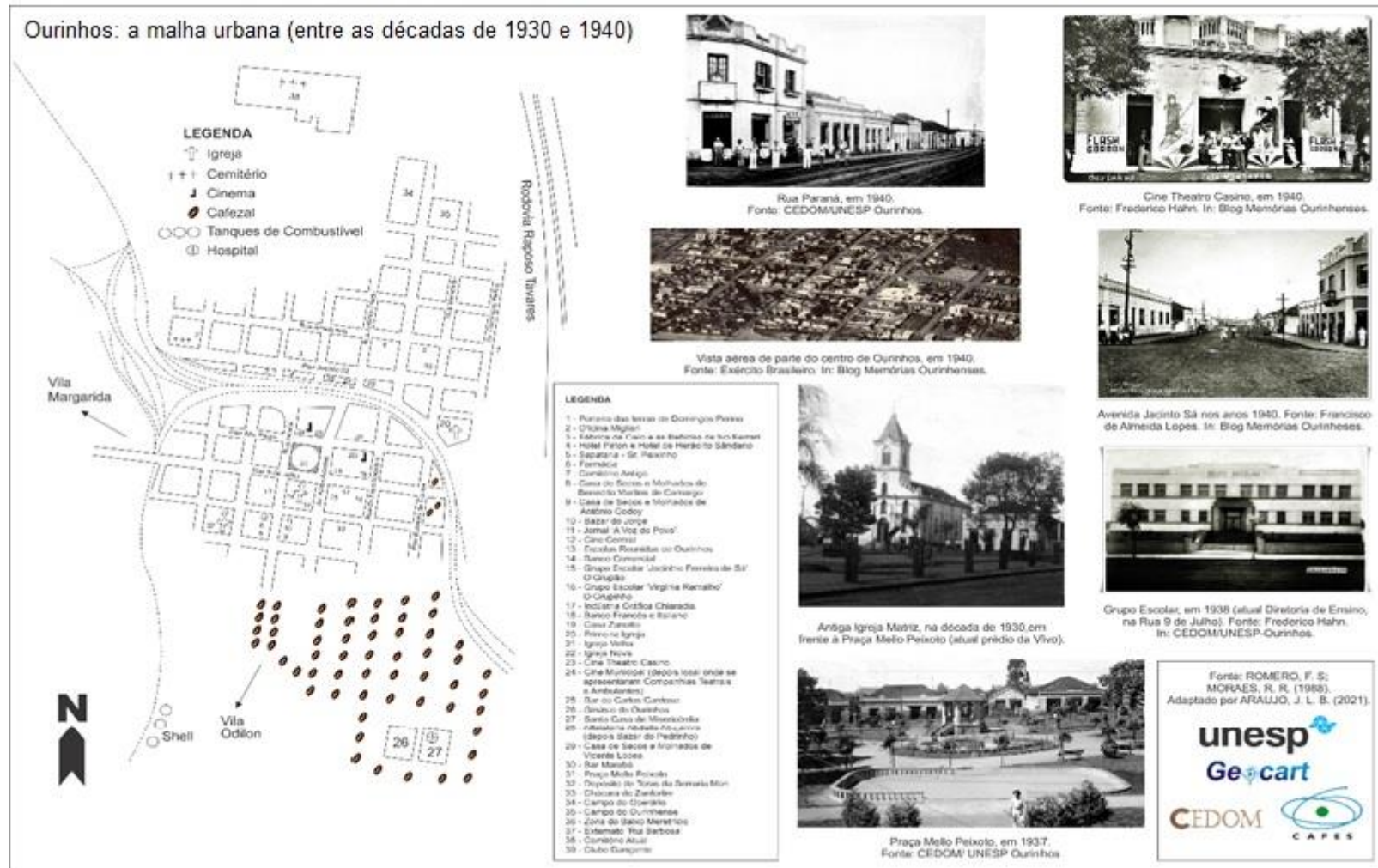
Para construção do **Mapa 2 – A ferrovia (a partir de 1908) – Ourinhos/SP**, utilizamos a imagem de satélite da cidade e recobrimos a área urbana com uma transparência. A linha férrea foi representada por meio de linha pontilhada, com um sombreamento em amarelo para facilitar sua identificação, e ser entendida como informação principal.

A escolha desse tema se justifica pelo processo de formação territorial do município de Ourinhos/SP estar atrelada à construção da ferrovia (Companhia Estrada de Ferro Sorocabana) e da subsequente expansão cafeeira pelo oeste paulista.

Para a leitura iconográfica inserimos cinco fotografias de diferentes tempos sobre a ferrovia. Como ela se faz presente na paisagem urbana e no cotidiano ourinhense há mais de cem anos, evidenciar as mudanças fortalece a compreensão de que o espaço geográfico é dinâmico. Elegemos uma fotografia sobre a chegada do trem em Ourinhos, em 1908; a linha férrea cruzando a Rua Antônio Prado, na década de 1930; o leito ferroviário no entroncamento da Rua 9 de Julho com a Avenida Rodrigues Alves, na década de 1950; o pátio de manobras da ferrovia em 2016 e a antiga Estação Ferroviária de Ourinhos, atual Museu Histórico e Pedagógico, em 2021.



Mapa 2: A ferrovia (a partir de 1908) – Ourinhos/SP. Elaborado pelo autor.



**Mapa 3:** Ourinhos: a malha urbana (entre as décadas de 1930 e 1940). Fonte: ROMERO, F; MORAES, R. R. (1988). Adaptado por ARAUJO, J. L. B. (2021).

**O Mapa 3 - Ourinhos: a malha urbana (entre as décadas de 1930 e 1940)**, foi criado com uma adaptação do croqui elaborado por ROMERO; MORAES (1988), contendo a localização das principais casas comerciais, prédios públicos e fotografias do período, com base no acervo do CEDOM. Inserimos o símbolo de um grão de café para demarcar os cafezais existentes no perímetro urbano naquele momento, pois cremos que essa variável visual facilitaria a identificação por parte dos estudantes. Elegemos sete fotografias dentre as obtidas para compor a prancha, buscando expor os principais pontos da cidade, sendo elas: a Rua Paraná, a Avenida Jacinto Sá, o Cine Theatro Casino, o Grupo Escolar, a Praça Mello Peixoto, a antiga Igreja Matriz e uma vista aérea parcial da cidade, no ano de 1940. Todas são em preto e branco, conforme a tecnologia disponível na época, o que pode gerar discussões em sala de aula assuntos variados.

Para a legenda, enumeramos 39 pontos na cidade, com base nas informações existentes no jornal *A Voz do Povo*, principalmente em anúncios veiculados nele. Com isso validamos as informações triadas por Fernanda Romero e Regina Moraes nas entrevistas realizadas por elas, que originaram o croqui. O entrecruzamento de informações foi cuidadoso e esmerado, unindo também informações contidas em fotografias da época.

Foi de extrema valia nesse processo o Blog *Memórias Ourinhenses*, que possui postagens explicando a origem de alguns registros, além de dar nomes aos rostos por nós desconhecidos. José Carlos Neves Lopes realizou um trabalho esmerado na descrição de muitas fotografias da cidade, ao longo de muitas décadas. Seu pai foi um dos mais importantes fotógrafos de Ourinhos, o que possibilitou o acesso a um rico acervo, que ele divulgou no blog. Friso que alguns documentos existentes no acervo iconográfico do CEDOM/MHPO provêm de coleções particulares doadas ao Museu de Ourinhos (incluindo os usados no *Memórias Ourinhenses*) mas que não possuem descrições detalhadas no banco de dados existente na UNESP Ourinhos, o que prejudicou sua utilização. Este trabalho foi iniciado por alguns bolsistas, mas não concluído, o que nos levou à procura por vestígios dessas histórias.

Buscamos observar nas fotografias detalhes da área urbana, como a existência ou não de calçamentos, a existência do coreto e seu formato na Praça Mello Peixoto (*A Voz do Povo* relata as reformas da praça, ano de execução e os elementos alterados, o que muito facilitou para a identificação), as casas de comércio presentes, a indumentária dos transeuntes (os cortes e modelos das roupas, além do estilo de penteado atestam a variação

da moda e seus traços atestam as características de uma época), e assim, podemos eleger quais seriam mais úteis para compor a prancha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na relação da memória, o lugar é base para compreensão de mundo e, de certa forma, se coloca como referência para o entendimento de outros espaços. Assim, ao vivenciarmos outros lugares, buscamos referência no que está representado e estabilizado em nossa mente. A percepção dos lugares varia de acordo com múltiplos fatores e suas representações também.

O lugar é formado por fenômenos que são relacionais. Dessa forma, a melhor maneira de compreender os fenômenos é na sua relação com outros fenômenos da mesma natureza e/ou outros lugares (pensando na dialética entre as escalas local e global), o que amplia a noção de coexistência e de solidariedade.

Nesse sentido, a partir da relação do singular com o universal, Callai (2020) enxerga a contribuição didática do lugar para:

a realidade, quer dizer, o lugar onde se vive, deve ser conhecido e reconhecido pelos que ali vivem, pois, conhecer o espaço, para saber nele se movimentar, para nele trabalhar e produzir, significa conseguir reproduzir-se também a si próprio, como sujeito. Esta realidade (o lugar) pode ser a cidade (ou o município) que é por excelência o território compartilhado, o lugar da vida, onde se dá a reprodução, em determinado tempo e espaço, do mundo que é o global, do universal. Compreender a lógica da organização deste espaço permite que se perceba que as formas de organização são decorrentes de uma lógica que perpassa o individual, seja do ponto de vista da cidade como tal, seja das pessoas que ali vivem. (CALLAI, 2020, pp. 62-63).

Construir uma narrativa histórica que privilegiasse um mapeamento por meio de memórias foi o desafio que tivemos. Tentamos, com muito afinho, trazer à tona vozes de personagens que há muito se foram e explicitar as contradições existentes nos discursos veiculados sobre a história do município de Ourinhos, que maquia e omite a precariedade e a exclusão. O advento da pandemia de COVID-19 nos impossibilitou de testar as pranchas desenvolvidas na escola parceira, uma vez que o ensino se tornou remoto no ano de 2020 e a aplicação dos mapas não foi possível, nem a validação dos mesmos. Contudo, em data oportuna buscaremos fazer isso e cremos que os frutos desse trabalho não cessaram. Ainda há muita coisa a ser explorada, tanto por nós quanto por quaisquer pesquisadores do tema. Pretendemos publicar posteriormente um material com as

narrativas sobre a história de Ourinhos focado nos estudantes de 6º ao 9º ano e uma cartilha aos professores.

A metodologia por nós desenvolvida, principalmente na construção de mapeamentos por meio de narrativas histórias criadas com base em múltiplas fontes (jornais, fotografias e entrevistas) pode servir como auxílio a futuras pesquisas.

Para concluir, tais informações serão alocadas no servidor do banco de dados existente no Centro de Documentação e Memória do Campus de Ourinhos (CEDOM). Nossa intenção é apontar ações de organização de documentos e proceder à informatização das fontes históricas através da estruturação de um sistema integrado de acesso, controle e pesquisa de informações sobre os temas ligados ao acervo do Museu Histórico e Pedagógico de Ourinhos.

## Referências Bibliográficas

- ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. In: **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I série**, Vol. XIV, Porto, 1998, pp. 77-97.
- AGUIAR, L. M. B. O ensino de ciências nos atlas escolares: entre temas, professores e pesquisas. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 60, pp. 198-209, agosto 2003. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>, acesso em 07 de set. 2018.
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALMEIDA, R. D. Atlas municipais elaborados por professores: a experiência conjunta de Limeira, Rio Claro e Ipeúna. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 60, 2003, pp. 149-168. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> . Acesso em: 12 de set. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Cartografia Escolar** /Rosângela Doin de Almeida (org). 2ª. Ed. – 1ª Reim. São Paulo: Contexto, 2010.
- ALONSO, A. F. Urbanismo. In: **A Voz do Povo**, 08 out. 1938, p. 1.
- ARAUJO, D. F; CUNHA, F. L. A ocupação da terra na formação do município de Ourinhos-SP. In: **Revista Geografia e Pesquisa**, v. 5, pp. 39-58, 2011.
- ARAUJO, J. L. B; AZORLI, D. F. R. O discurso de progresso no jornal “A Voz do Povo” entre 1927 e 1937. **Anais do II Simpósio Internacional Patrimônios: Cultura, identidades e turismo**. Ourinhos/SP, 2019 pp. 358-378.
- ARAUJO, J. L. B; CUNHA, F. L. Cotidiano e moral ourinhense: análise do jornal *A Voz do Povo* entre 1927 e 1932. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 11, n. 1, pp. 32-39, 2017.
- ALBUQUERQUE, J. A EDUCAÇÃO SEXUAL NA PUBERDADE. In: **A Voz do Povo**. 16 set. 1934, p. 4.
- \_\_\_\_\_. EDUCAÇÃO SEXUAL E LIBIDINAGEM. In: **A Voz do Povo**. 08 jun. 1935, p.1.
- \_\_\_\_\_. A EDUCAÇÃO SEXUAL PELA IMAGEM. In: **A Voz do Povo**. 01 jun. 1935, p.1.
- \_\_\_\_\_. CONTROVERSAS SEXOLÓGICAS. In: **A Voz do Povo**. 11 nov. 1934, p. 2.
- A VOZ DO POVO**. Jornal
- \_\_\_\_\_. A CARNE E OS AÇOUGUES..., 28 out.1934, p. 6.
- \_\_\_\_\_. A CIDADE PROGRIDE..., 13 jun. 1936, p. 3.
- \_\_\_\_\_. A CIDADE..., 06 jun. 1936, p. 8.
- \_\_\_\_\_. A HIGIENE EM OURINHOS..., 06 dez. 1931, p.1.

- \_\_\_\_. A LUZ ELECTRICA..., 03 jul. 1937, p. 1.
- \_\_\_\_. A LUZ TREMEU!..., 23 jan. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_. A LUZ!..., 10 jul. 1937, p. 2.
- \_\_\_\_. A LUZ..., 26 jun. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_. A LUZ..., 29 jul. 1939, p. 2.
- \_\_\_\_. A POEIRA..., 17 jan. 1942, p. 1
- \_\_\_\_. A POLICIA PRECISA VER ISSO..., 15 jun. 1935, p. 1.
- \_\_\_\_. A QUEM DE DIREITOS..., 21 out. 1934, p. 6.
- \_\_\_\_. A VOZ DO POVO..., 09 jan. 1927, p.1.
- \_\_\_\_. AGUA EXCASSA E SUJA..., 03 mai. 1941, p. 2.
- \_\_\_\_. AGUA SUJA!..., 13 fev. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_. AGUA SUJA!..., 01 fev. 1941, p. 3
- \_\_\_\_. ÁGUA..., 21 mar. 1936, p. 8.
- \_\_\_\_. AQUA..., 05 ago. 1939, p. 4.
- \_\_\_\_. AMANHÃ!..., 10 jul. 1937, p. 2.
- \_\_\_\_. AO POVO DE OURINHOS, 25 nov. 1939, p. 4.
- \_\_\_\_. APOIO DO GOVERNO AOS MUNICIPIOS..., 05 out. 1940, p. 1
- \_\_\_\_.AS HORTAS DOS QUINTAIS CONSOMEM MUITA AGUA DAS TORNEIRAS..., 05 jul. 1941, p. 2.
- \_\_\_\_. AS TAPÉRAS..., 23 jan. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_. ASPECTO ANIMADOR..., 27 jul. 1936, p. 1.
- \_\_\_\_. ASPECTO BONITO..., 20 jun. 1936, p. 3.
- \_\_\_\_. ASSALTO E ROUBO..., 20 ago. 1933, p. 6.
- \_\_\_\_. ATÉ QUE EMFIM..., 26 abr. 1931, p. 3.
- \_\_\_\_. ATÉ QUE ENFIM..., 08 jul. 1939, p. 4.
- \_\_\_\_. ATENTADOS Á SAUDE PUBLICA, 08 nov. 1941, p. 3.
- \_\_\_\_. BANCOS, CERCAS & LAMPADAS..., 17 jul. 1937, p. 1.
- \_\_\_\_. BATEDORES DE CARTEIRA..., 01 ago. 1936, p. 8.
- \_\_\_\_. BATEDORES DE CARTEIRA..., 07 ago. 1937a, p. 1.
- \_\_\_\_. BATEDORES DE CARTEIRA..., 21 ago. 1937b, p. 1.
- \_\_\_\_. BELISSIMO TRIUMPHO..., 22 mar. 1941, p. 4.
- \_\_\_\_. BRINCADEIRAS DE MAU GOSTO..., 18 abr. 1942, p. 4.
- \_\_\_\_. BURQUEIRA..., 10 jul. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_. CAMPANHA AO MERETRICIO..., 04 mar. 1934, p. 2.

- \_\_\_\_. CAPINA..., 15 fev. 1936, p. 6.
- \_\_\_\_. CÃES VADIOS..., 14 jun. 1931, p. 2.
- \_\_\_\_. CAMPANHA AO JOGO..., 21 jun. 1931, p. 1.
- \_\_\_\_. CARNAVAL..., 27 fev. 1927, pp. 1-2.
- \_\_\_\_. CASAS DE TAVOLAGEM..., 29 jun. 1935, p. 1.
- \_\_\_\_. CASEBRES DE PAU..., 24 set. 1938, p. 2.
- \_\_\_\_. CIA. FORÇA E LUZ..., 16 jul. 1933, p. 6.
- \_\_\_\_. CINE CASINO..., 04 mar. 1939, p. 5.
- \_\_\_\_. CINE CASINO..., 25 mar. 1939b, p. 6.
- \_\_\_\_. CINE CASINO..., 30 mar. 1940, p. 4.
- \_\_\_\_. CINE TEATRO CASINO..., 02 set. 1944, p. 4.
- \_\_\_\_. COISAS VERGONHOSAS..., 01 mar. 1931, p. 4.
- \_\_\_\_. COLLABORAÇÃO FEMININA..., 26 mai. 1927, pp. 1-2.
- \_\_\_\_. COM A FORÇA E LUZ..., 08 nov. 1941, p. 3.
- \_\_\_\_. COM A POLICIA..., 14 nov. 1936, p. 1.
- \_\_\_\_. COM A PREFEITURA. DIÁLOGO ENTRE DOIS AMIGOS..., 02 abr. 1938, p. 3.
- \_\_\_\_. CRITÉRIO ABSURDO..., 06 mai. 1944, p. 4.
- \_\_\_\_. CONCERTOS DE RUA..., 31 jan. 1937, p. 2.
- \_\_\_\_. DESLEIXO..., 1940, p. 4. 02 fev. 1940.
- \_\_\_\_. DEVAGAR SE VAI AO LONGE..., 03 jun. 1944, p. 4.
- \_\_\_\_. EM DEFESA DA ECONOMIA POPULAR, O PROBLEMA DA LUZ ELECTRICA EM SOLUÇÃO, EM OURINHOS..., 04 mar. 1939, p. 6.
- \_\_\_\_. ESCADA DA MORTE..., 01 jul. 1934, p. 6.
- \_\_\_\_. ESCURIDÃO..., 19 jun. 1937, p. 2.
- \_\_\_\_. ESPECTACULO PATRIOTICO..., 07 dez. 1930, p. 2.
- \_\_\_\_. FEBRE CONSTRUCTORA..., 10 jan. 1932, p. 1.
- \_\_\_\_. FOI ASSALTO..., 09 out. 1937, p. 6.
- \_\_\_\_. FORÇA QUE NÃO MOVE, LUZ QUE NÃO ILUMINA..., 18 jan. 1936, p. 6.
- \_\_\_\_. FURTO DE ENERGIA ELÉTRICA..., 25 abr. 1942, p.1.
- \_\_\_\_. ILLUMINAÇÃO..., 19 jun. 1937, p. 1.
- \_\_\_\_. ILLUMINAÇÃO..., 28 nov. 1936, p. 1.
- \_\_\_\_. ILUMINAÇÃO PÚBLICA..., 14 set. 1940, p. 5.
- \_\_\_\_. ILUMINAÇÃO PUBLICA..., 23 ago. 1941, p. 4.

- \_\_\_\_. IMPOSTOS..., 18 set. 1937, p. 2.
- \_\_\_\_. INAUGURAÇÃO DA NOVA ESTAÇÃO..., 20 mar. 1927, p. 2.
- \_\_\_\_. INAUGURA-SE DIA 5 O MAGESTOSO CINE OURINHOS..., 02 set. 1944, p. 4.
- \_\_\_\_. INAUGURAÇÃO DO CINE OURINHOS, 09 set. 1944, p. 4.
- \_\_\_\_. INFILTRAÇÕES COMMUNISTAS..., 21 dez. 1935, pp. 2 e 6.
- \_\_\_\_. JARDIM PUBLICO DE OURINHOS..., 31 jan. 1942, p. 2.
- \_\_\_\_. JUNTA REVOLUCIONÁRIA..., 07 dez. 1930, p. 3.
- \_\_\_\_. LIXO..., 15 jun. 1935, p. 6.
- \_\_\_\_. LIXO..., 17 jul. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_. LUZ!..., 29 mai. 1937b, p. 1.
- \_\_\_\_. LUZ!..., 09 mai. 1936a, p. 1.
- \_\_\_\_. LUZ!..., 18 mai. 1937a, p. 1.
- \_\_\_\_. LUZ!..., 29 fev. 1936b, p. 7.
- \_\_\_\_. MAS, QUE BELLEZA!..., 23 jan. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_. MAS, QUE RELAXAMENTO..., 15 ago. 1936, p. 8.
- \_\_\_\_. MELHORAMENTOS LOCAES..., 20 jul. 1935, p. 7.
- \_\_\_\_. MELHORAMENTOS PUBLICOS MUNICIPAIS..., 28 mar. 1942, p. 3.
- \_\_\_\_. MELHORAMENTOS..., 01 mai. 1932, p.1.
- \_\_\_\_. MENORES VADIOS..., 06 nov. 1937c, p. 1.
- \_\_\_\_. MENORES VADIOS..., 10 jul. 1937b, p. 5.
- \_\_\_\_. MENORES VADIOS..., 26 jun. 1937a, p. 6.
- \_\_\_\_. MOÇOS DEVASSOS..., 28 dez. 1930, p. 4.
- \_\_\_\_. MOLEQUES..., 09 out. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_. NA RUA ALAGOAS..., 07 dez. 1930, p. 3.
- \_\_\_\_. NA SENDA DO PROGRESSO..., 04 mar. 1934, p. 1.
- \_\_\_\_. NÃO ESTÁ BEM..., 09 nov. 1940, p. 5.
- \_\_\_\_. NATAL DOS POBRES..., 06 nov. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_. NOMENCLATURA DE RUAS..., 17 dez. 1949, p. 2.
- \_\_\_\_. NUMERAÇÃO DAS CASAS..., 01 mar. 1931, p. 3.
- \_\_\_\_. O ALCOOL..., 25 out. 1931a, p. 1.
- \_\_\_\_. O ALCOOL..., 27 dez. 1931b, p. 4.
- \_\_\_\_. O CASO DA LUZ..., 28 mar. 1936, p. 3.
- \_\_\_\_. O JARDIM..., 04 abr. 1936, p. 5.

- \_\_\_\_. O JARDIM..., 19 jun. 1937, p. 1.
- \_\_\_\_. O JOGO..., 14 jun. 1931, p. 2.
- \_\_\_\_. O NOSSO FUTURO..., 16 jan. 1927, p. 1.
- \_\_\_\_. O POVO RECLAMA..., 08 nov. 1941, p. 2.
- \_\_\_\_. O PROBLEMA DA AGUA..., 20 jan. 1940, p. 6.
- \_\_\_\_. O PROBLEMA DO ABASTECIMENTO D'AGUA..., 10 fev. 1940, p. 4.
- \_\_\_\_. O PROBLEMA DE HABITAÇÕES..., 08 jun. 1935, p. 2.
- \_\_\_\_. OS ENGRAXATES..., 21 nov. 1936, p. 1.
- \_\_\_\_. OS FORASTEIROS..., 22 jun. 1935, p. 2.
- \_\_\_\_. OS LADRÕES..., 12 set. 1936, p. 1.
- \_\_\_\_. OBSERVANDO..., 20 ago. 1938, p. 1.
- \_\_\_\_. POLICIAMENTO..., 21 ago. 1937, p. 1.
- \_\_\_\_. POTROS E POTRANCAS..., 08 ago. 1936, p. 2.
- \_\_\_\_. PREDIOS NOVOS..., 16 mai. 1936, p. 1.
- \_\_\_\_. PREFEITURA MUNICIPAL..., 20 jul. 1935, p. 1.
- \_\_\_\_. PREFEITURA MUNICIPAL DE OURINHOS – AVISO..., 07 fev. 1942, p. 4.
- \_\_\_\_. PROBLEMAS DE SUMMA IMPORTANCIA PARA OURINHOS, QUE O SNR. PREFEITO CUSTA A SOLUCIONAR..., 06 jul. 1935, p. 2.
- \_\_\_\_. PROIBIÇÃO AO JOGO DO BICHO..., 06 nov. 1930, p. 3.
- \_\_\_\_. QUASI TERMINADO..., 10 abr. 1937, p. 2.
- \_\_\_\_. QUE SUJEIRA!..., 13 jun. 1936a, p. 1.
- \_\_\_\_. QUE SUJEIRA..., 08 ago. 1936b, p. 1.
- \_\_\_\_. QUEIXAS DO PUBLICO..., 05 out. 1940, p. 4.
- \_\_\_\_. QUEIXAS E SUGGESTÕES DO PUBLICO..., 25 mar. 1939, p. 3.
- \_\_\_\_. QUEM NÃO AJUDA NÃO ESTORVA..., 20 dez. 1941, p. 6.
- \_\_\_\_. RECLAMAÇÃO AO POVO – COM A HIGIENE..., 22 nov. 1941, p. 1.
- \_\_\_\_. REBUSCANDO..., 30 jan. 1927, p. 2.
- \_\_\_\_. REPAROS. CASMURRO..., 26 abr. 1941, p. 4.
- \_\_\_\_. ROUBOS..., 26 abr. 1931, p. 1.
- \_\_\_\_. RUAS..., 24 jul. 1937, p. 1.
- \_\_\_\_. SARGETEAMENTO..., 15 fev. 1936, p. 6.
- \_\_\_\_. SARGETEAMENTO..., 17 jun. 1934, p. 1.
- \_\_\_\_. SECÇÃO LIVRE..., 29 fev. 1936, p. 10.
- \_\_\_\_. SEMANA ANTI-ALCOOLICA..., 01 nov. 1931, p. 1.

- \_\_\_\_\_. SRN. EMILIO PEDUTTI..., 07 jun. 1941, p. 4.
- \_\_\_\_\_. TÁ QUE NEM ENCHURRADA..., 18 nov. 1939, p. 3.
- \_\_\_\_\_. TOM MIX..., 19 jun. 1937, p. 1.
- \_\_\_\_\_. UM APELO DOS MORADORES DA VILA ODILON ÁS NOSSAS AUTORIDADES..., 12 abr. 1942, p. 5.
- \_\_\_\_\_. UM BELLO JARDIM..., 14 nov. 1936, p. 8.
- \_\_\_\_\_. UM CASO SERIO!..., 13 jun. 1936, p. 2.
- \_\_\_\_\_. UMA BÔA ILLUMINAÇÃO CHAMA O FREGUEZ!..., 10 jul. 1937, p. 1.
- \_\_\_\_\_. UMA BOA NOVA..., 09 jan. 1937, p. 5.
- \_\_\_\_\_. UMA JOIA – ANNUARIO DAS SENHORAS..., 11 mar. 1934, p. 4.
- \_\_\_\_\_. VISITA..., 19 jul. 1931, p. 1.
- \_\_\_\_\_. VOCÊ SABIA?... 16 out. 1937, p. 1.
- BARBOSA, A. Salários docentes, financiamento e qualidade da educação no Brasil. **Revista Educação Real**, vol.39, n.2. Porto Alegre: 2014. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362014000200009](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000200009)> Acesso em 20 de abr. 2021.
- BASTOS, J. A. Q. R. O mal estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG. (**Dissertação de mestrado**). PUC/MG. Belo Horizonte, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas Vol 1. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. Obras Escolhidas Vol. 2, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BORGES, V. P. **Getúlio Vargas e a Oligarquia Paulista**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: História, Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BOSCARIOL, R. A. Formação socioespacial e expansão urbana do município de Ourinhos/SP. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharel em Geografia). UNESP/Campus Experimental de Ourinhos/SP. 2008.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 12ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 1ª ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

BRESCIANNI, M. S. M. História e Historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, M. C. (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998. Pp. 237-258.

CALANDRO, Thiago Luiz. Memória e identidade em Jaguariaíva, Paraná: contribuição à cartografia escolar. 2015. 194 f. (**Dissertação de mestrado**) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/139391>> Acesso 20 de fev. 2021.

\_\_\_\_\_. Memória e tempo: espaço-tempo no ensino de Geografia. (**Tese de doutorado**) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/194102>>. Acesso 20 de fev. 2021.

CAPELATO, M. H. R. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os Arautos do Liberalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_; PRADO, M. L. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de São Paulo”**. São Paulo: Ed. Alfa-Omega. 1980.

CASTELLAR, S. M. V. **A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar**. In: ALMEIDA, R. D. (org.) Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. In: **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 26 de jun. 2018.

CASMURRO. Reparos. In: **A Voz do Povo**, 02/08/1941, p. 4.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CHALHOUB, S. **Trabalho, lar e botequim: cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque**. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2012.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2ª ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2005.

COBRA, A. N. **Em um Recanto do Sertão Paulista**. São Paulo, Hennes, 1923.

CONTIER, A. Imprensa e ideologia em São Paulo. (**Tese de doutorado**). São Paulo: USP, 1973.

- CORREA, R. L. **Região e Organização Espacial**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2003.
- \_\_\_\_; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural brasileira: uma avaliação preliminar. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia Cultural: Uma Antologia (1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, pp. 87-105.
- COSTA, A. M; SCHWARCZ, L. M. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DEL RIOS, J. **Ourinhos: memórias de uma cidade paulista**. 2ª ed. rev. aum. Cornélio Procopio, PR: UENP, 2015.
- DIÁRIO DO NORDESTE (jornal). Na pandemia MEC registra o menor gasto para a educação básica da década. 2021. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/pais/na-pandemia-mec-registra-o-menor-gasto-para-educacao-basica-da-decada-1.3050417>>, Acesso em 20 de abr. 2021.
- DIAS, F. M. F. A gênese de Ourinhos/SP: a cidade “acima da linha” e “abaixo da linha”. In: **Geoingá**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Maringá, v. 6, n. 1, 2014, pp. 46-61.
- ENGELS, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- FOLHA DE SÃO PAULO** (jornal).
- \_\_\_\_. Quatro em cada dez professores fazem jornada extra para compor renda. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1649541-quatro-em-dez-professores-fazem-jornada-extra-para-compor-renda.shtml>>, Acesso em 20 de abr. 2021.
- \_\_\_\_. SP tem quase 2 professores agredidos ao dia. Ataque vai de soco a cadeirada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/09/1919146-sp-tem-quase-2-professores-agredidos-ao-dia-ataque-vai-de-soco-a-cadeirada.shtml>>, Acesso em 20 de abr. 2021.
- \_\_\_\_. Ausência de professor da rede pública chega a 30 dias no ano no Estado de SP. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/07/1903769-ausencia-de-professor-da-rede-publica-chega-a-30-dias-no-ano-no-estado-de-sp.shtml>>, Acesso em 20 de abr. 2021.
- FRANKLIN CORRÊA. Ourinhos. In: **A Voz do Povo**. 12 nov. 1938, p. 1.
- G1: Portal de Notícias da Globo** (site).

\_\_\_\_\_. Aumenta o número de professores que abandonam a sala de aula. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/02/aumenta-o-numero-de-professores-que-abandonam-salas-de-aula.html>>, Acesso em 20 de abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Orçamento do MEC prevê corte de R\$ 42 bilhões para 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/08/10/orcamento-do-mec-preve-corte-de-r-42-bilhoes-para-2021.ghtml>>, Acesso em 20 de abr. 2021.

GIMÉNEZ, G. **Materiales para una teoría de las identidades sociales**. México: Instituto de Investigaciones Sociales de la UNAM, 1997.

GLEIZER, M. **Identidad, subjetividad y sentido en las sociedades complejas**. México: Flacso, 1997.

GUERREIRO, A. L. de A. **Alfabetização e letramento cartográfico na geografia escolar**. São Paulo: Edições SM, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**; Tradução de Beatriz Sidou. – São Paulo: Ed. Centauro, 2ª edição – 2006. 7ª Reim – 2013.

\_\_\_\_\_. **Les cadres sociaux de la mémoire**, Paris, Felix Alcan, 1925.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola. 2009.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista, In: **Revista Território**. LAGET, UFRJ, ano IV, nº 7, jul/dez. Rio de Janeiro, 1999.

HORTA, Maria de Lurdes Parreiras. Os lugares da memória. In: **Revista Memória, Identidade e Patrimônio**. Salto para o Futuro/MEC/SEED/MEC. Brasília: 2008, pp. 111-118.

JOSÉ LUIZ. Reparos I. In: **A Voz do Povo**. 25 jan. 1941a, p.1.

\_\_\_\_\_. Reparos II. In: **A Voz do Povo**, 08 fev.1941, p. 2.

\_\_\_\_\_. Reparos III. In: **A Voz do Povo**, 22 mar. 1941, p. 2.

\_\_\_\_\_. Reparos. In: **A Voz do Povo**, 02 ago. 1941b, p. 4.

LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

LEAL, J. M. Melindrosa. In: **A Voz do Povo**, 20 mar. 1927, p. 1.

\_\_\_\_\_. Mãe. In: **A Voz do Povo**, 20 mar. 1927, p. 2.

LESTEGÁS, Francisco Rodríguez. Concebir la geografía desde una nueva perspectiva: una disciplina al servicio de la cultura escolar. **Boletín de la A.G.E.**, n. 33, pp. 173-186, 2002.

\_\_\_\_\_. Los documentos cartográficos como ejercicios – tipo para el control del conocimiento geográfico escolar. **Boletín de IA A.G.E.**, n. 35, pp. 263-271, 2003.

\_\_\_\_\_. La construcción de identidades, tarea atribuida a la escuela y al profesorado. **REIFOP**, v. 11, n. 1, p. 11-18, 2008.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 5ª ed. Campinas: UNICAMP. 2003.

LUCA, T. R. de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 149- 175.

\_\_\_\_\_. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: 2005.

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1989.

MARQUES, V. A mulher evolue, In: **A Voz do Povo**, 09 ago. 1931, p. 1

\_\_\_\_\_. A mulher eleitora. In: **A Voz do Povo**, 23 ago. 1931, p. 1.

MARTINELLI, M. **Os mapas da geografia e cartografia temática**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTINS, T. J. Visualização Cartográfica: proposta da arquitetura da informação do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos/SP, na versão digital e interativa. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharel em Geografia). UNESP/Campus Experimental de Ourinhos/SP. 2014.

\_\_\_\_\_; ZACHARIAS, A. A. Versão digital do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos: mapas interativos e Cartografia Multimídia. In: Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia - ENPEG, 2011, Goiânia - GO. **Anais. A produção do conhecimento e a pesquisa sobre o ensino de Geografia**. Goiânia - GO:Universidade Federal de Goiás - UFG, 2011.

MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pelo espaço: uma nova política de espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. A mente geográfica. **GEOgraphia**. v. 19, n. 40. Niterói: Universidade Federal Fluminense, mai./ago. 2017.

MENDOZA, J. El transcurrir de la memoria colectiva: La identidad. **Casa del Tiempo**, v. 2, n. 17, 2009. Disponível em: <[http://www.uam.mx/difusion/casadeltiempo/17\\_iv\\_mar\\_2009/portada.html](http://www.uam.mx/difusion/casadeltiempo/17_iv_mar_2009/portada.html)> . Acesso em 05 de mar. 2021.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

- MILENA, A. P. M. O uso das tecnologias da informação e comunicação no ensino de geografia: aplicação da página protótipo Desenvolvimento Urbano do atlas municipal escolar de Ourinhos. 2015. 128 f. **Dissertação de mestrado** – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/138549>>. Acesso em 15 de ago. 2018.
- MIOTTO, G. B. A construção da notícia. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado (org.). **Jornalismo além da notícia**. Santa Maria: FACOS - UFSM, 2003. pp. 45-61.
- MOLINA, C. A. A mulher no mundo actual. In: **A Voz do Povo**, 24/01/1932, p. 1.
- MORAES, N. F; GOMES, M. A. **Um olhar sobre a presença japonesa na cidade de Ourinhos**. Neusa Fleury Moraes (org). Bauru: Joarte Gráfica e Editora, 2008.
- NEVES, O. C. O voto feminino, In: **A Voz do Povo**, 16 ago. 1931, p. 1.
- \_\_\_\_\_. A mulher deve ser bella. In: **A Voz do Povo**, 06 dez. 1931, p. 2.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Les lieux de Mémoire**, Paris, Gallimard, Coll. Bibliothèque illustrée des histoires, 3 tomes, 1984 – 1992.
- \_\_\_\_\_. Entre memória e história: a problemática dos lugares; tradução de Yara Aun Khoury. In: **PROJETO HISTÓRIA**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP nº 10. São Paulo: Educ, 1993.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, L. L. **Cultura é Patrimônio: um guia**. – Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.
- OLIVEIRA, L. **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. (Org) por Eduardo Marandola Jr; Tiago Vieira Cavalcante. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.
- \_\_\_\_\_. Sentidos de lugar e topofilia. **Revista Geograficidade**. Rio de Janeiro: v. 3, n. 2, Inverno 2013, pp. 91-93.
- PAES, R. LUZ E FORÇA, PESSIMA E CARA, ISSO É QUE SIM! In: **A Voz do Povo**, 10 mai. 1931a, p.1.
- \_\_\_\_\_. LUZ E FORÇA, PESSIMA E CARA, ISSO É QUE SIM! In: **A Voz do Povo**, 17 mai. 1931b, p.1.
- \_\_\_\_\_. LUZ E FORÇA, PESSIMA E CARA, ISSO É QUE SIM! In: **A Voz do Povo**, 31 mai. 1931c, p.1.

\_\_\_\_\_. LUZ E FORÇA, PESSIMA E CARA, ISSO É QUE SIM! In: **A Voz do Povo**, 14 jun. 1931d, p.1.

PCN - **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs**. Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

PEREGRINO TRISTE. Mormaço, In: **A Voz do Povo**, 29 jul. 1939, p. 3.

PEREIRA, I. “**As decaídas**”: **prostituição em Florianópolis (1900-1940)**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.

PESAVENTO, S. J. (org.) **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. **História & História Cultural**. – 2ª. Ed. 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PINHEIRO, N. S. Os Nômades: Etnohistória Kaingang e seu contexto: São Paulo, 1850-1912. **Dissertação de Mestrado**. Assis: UNESP, 1992.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n.10, 1992.

PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender Geografia/** Nídia Nacib Pontuschka, Tomoko Iyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

POULET, G. **O espaço proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

POULOT, D. **Uma história do patrimônio no Ocidente**; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. – São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PRADO, C; PRADO, J. P. Santa Cruz do Rio Pardo, memórias, documentos e referências. Resgate histórico-documental em edição reescrita, corrigida e ampliada das publicações do livro **Santa Cruz do Rio Pardo – Historiografia para o século XIX** – ISBN 978-85-913452-0-5 e do dvd-texto **Historiografia para Santa Cruz do Rio Pardo** – ISBN 978-85-913452-1-2. Santa Cruz do Rio Pardo: 2014.b

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURINHOS, Edital. In: **A Voz do Povo**, 18 mar. 1939, p. 5.

\_\_\_\_\_. DECRETO n. 10.940, de 14 de Fevereiro de 1940, In: **A Voz do Povo**, 17 fev. 1940, p.4.

ROSA, L. M. A situação escolar em Ourinhos. In: **A Voz do Povo**, 15 nov. 1941, p. 4.

**REVISTA MEDIUM**. Violência contra professores, reflexo da desvalorização da profissão. Disponível em: <<https://medium.com/@mmoregula/viol%C3%Aancia->

[contra-professores-%C3%A9-reflexo-da-desvaloriza%C3%A7%C3%A3o-da-profiss%C3%A3o-49ea7a2f04f4>](#) , Acesso em 20 de abr. 2021.

RICŒUR, Paul. El tiempo relatado. In: **UNESCO. El correo de la UNESCO, año XLIV**, Paris: Organización de las Naciones Unidas para Educación, la Ciencia y la Cultura, 1991.

\_\_\_\_\_. **Tempo e Narrativa (tomo I)**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. Arquitetura y Narratividad. In: *Arquitetonic 4: Arquitectura y Hermenéutica*. Barcelona: Edicions UPC, 2002. Disponível em: [http://socfront.flacso.edu.mx/?page\\_id=606](http://socfront.flacso.edu.mx/?page_id=606) . Acesso em 10 de jan. 2021.

ROMERO, F. S; MORAES, R. R. **Um espaço para lembranças de Ourinhos**. Ourinhos/SP, Prefeitura Municipal, 2004.

SABINO, F. **Encontro Marcado**. São Paulo: Editora Record, 1967.

SÃO PAULO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Geografia** / Coord. Maria Inês Fini. Ensino Fundamental. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo: SEE, 2008.

SEEMANN, J. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral/Ceará, v. 4/5, pp. 43-53, 2003.

\_\_\_\_\_. A aventura cartográfica. **Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006a, pp. 111-129.

\_\_\_\_\_. Cartografia e cultura: abordagens para a geografia cultural. In: **Temas e caminhos da geografia cultural**/Organização, Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. pp. 115-156.

\_\_\_\_\_. Estratégias pós-fenomenológicas para cartografar uma região: narrativas, mapeamentos e performances. **Revista Geograficidade**. Rio de Janeiro: v. 3, n. 2, Inverno 2013, pp. 66-78.

\_\_\_\_\_. Subvertendo a cartografia escolar no Brasil. **Revista Geografares**, nº 12, pp.138-174, Julho, 2012.

\_\_\_\_\_. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. **Revista Ra'e Ga**. Curitiba, v. 30, pp. 85-105, abril/2014.

SELANI, R. L. A Evolução da cana-de-açúcar no Escritório de Desenvolvimento Rural (EDR) de Ourinhos e o papel das esferas públicas e das agroindústrias do açúcar e do

álcool no processo de organização do espaço. **Dissertação de Mestrado**. Rio Claro: UNESP, 2005.

SILVA, K, C. R. A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar. In: **Revista Geograficidade**, v. 5, nº 2. 2015.

SILVA, N. V. **Ourinhos em Crônicas**. Ourinhos: Edições Cristãs Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Johnny Araujo e Juliana Zanchetta, em sua residência, em setembro de 2009.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999, pp. 92-108.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, J. G. de. & KATUTA, A. M. **Geografia e conhecimentos cartográficos. A Cartografia no movimento de renovação da Geografia brasileira e a importância do uso de mapas**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SOUZA, S. J. Memória coletiva e tempos de vida: sobre a intenção política da escrita da história em Walter Benjamin e Maurice Halbwachs. In: **Revista Mnemosine**, Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014, Vol.10, nº 2, p. 179-194.

STELLA MARIS, Rainha do Lar e a Rainha do Mundo. In: **A Voz do Povo**, 28 ago. 1927, p. 1.

UOL NOTÍCIAS (*site*).

\_\_\_\_\_. Bolsonaro veta projeto que daria internet grátis a alunos e professores. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/03/19/bolsonaro-veta-projeto-que-daria-internet-gratis-a-alunos-e-professores.htm>>, Acesso em 20 de abr. 2021.

VERITAS. Aquem de direito. In: **A Voz do Povo**, 17 mai. 1941, p. 1.

VIDAL, L. Acervos pessoais e memória coletiva: Alguns momentos de reflexão. In: **UNESP – FCLAs – CEDAP**, v. 3, n. 1, 2007.

VIUVO. Mais outra que quer casar. In: **A Voz do Povo**. 08 nov. 1931, p. 4.

TUAN, Y.F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL (Difusões Culturais S/A), 1980.

\_\_\_\_\_. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Yi-Fu Tuan: tradução de Livia de Oliveira – São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. Space and place 2013. **Revista Geograficidade**. Rio de Janeiro: v. 4, n. 1, Verão 2014, pp. 4-13.

\_\_\_\_\_. Place: as experiential perspective. **Revista Geograficidade**. Rio de Janeiro: v.8, Número 1, Verão 2018. Traduzido por Márcia Manir Miguel Feitosa e Renata França Pereira com a colaboração de Millena Portela, Tércila Duarte e Ubiratam Barros do original em inglês “Place: an Experiential Perspective”, publicado no v. 65, n. 2 da **The Geographical Review**, Abril 1975.

XISTO. As tapéras, In: **A Voz do Povo**, 23 jan. 1937, p. 5.

ZACHARIAS, A. A. A Elaboração do Atlas Municipal Escolar e a Formação de Professores Tutores: propostas para o estudo da localidade. Ourinhos. **Projeto de Pesquisa apresentado ao edital Universal 43/2009 CNPq (2ª versão)**. UNESP/Ourinhos, 2009

\_\_\_\_\_. A representação gráfica das unidades de paisagem no zoneamento ambiental: um estudo de caso no município de Ourinhos SP. 2006. 2 v. **Tese de doutorado** - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104436>>. Acesso em 15 de set. 2017.

\_\_\_\_\_. As Linguagens Analógica, Digital e Interativa, Audiovisual e Tátil na Elaboração do Atlas Municipal Escolar de Ourinhos: Relatos de uma experiência no estudo do lugar. In: PINHO, S. Z. de; OLIVEIRA, J. B. B. de (orgs). **Núcleos de Ensino Artigos 2011**. PROGRAD/UNESP. Cultura Acadêmica Editora. Vol. 3. 129- 172p. 2012. Disponível em< <http://www.unesp.br/portal#!/prograd/e-livrosprograd/>>, \_\_\_\_\_. Acesso em 15 de set. 2017.

\_\_\_\_\_. Municipal School Atlas of Ourinhos/SP: a way from abstract to concrete from uncertainty to reality I. In: 26th Internacional Cartographic Conference – 26 th ICC. 2013. Dresden/Alemanha. **Anais (CD-ROM)**. Disponível em <[http://www.icc2013.org/\\_contxt/\\_medien/\\_upload/\\_proceeding/306\\_proceeding.pdf](http://www.icc2013.org/_contxt/_medien/_upload/_proceeding/306_proceeding.pdf)> , Acesso em 15 de set. 2017.

ZOCCHI, P. **Paranapanema: da nascente à foz**. São Paulo: Audichromo, 2002. 132 p.

<https://ourinhos.blogspot.com/2006/08/ourinhos-no-limiar-dos-anos-1940.html>, acesso em 20 fev. 2021.

<https://ourinhos.blogspot.com/2009/09/praca-melo-peixoto-anos-1930.html>, acesso em 20 fev. 2021.

<https://ourinhos.blogspot.com/2014/05/flash-gordon-no-cine-cassino-de-ourinhos.html>, acesso em 20/02/2021.

<https://ourinhos.blogspot.com/2015/11/o-hotel-comercial-em-tres-momentos.html>,

acesso em 20 fev. 2021.

<https://ourinhos.blogspot.com/2018/01/uma-face-da-praca-melo-peixoto-em-tres.html>,

acesso em 20 fev. 2021.

<https://ourinhos.blogspot.com/2018/04/ourinhos-100-anos-de-historia-1-origem.html>,

acesso em 20 fev. 2021.

## ANEXOS

Tabela de números do jornal *A Voz do Povo*:

| 1927      |                                                                  |
|-----------|------------------------------------------------------------------|
| NÚMERO    | DIA                                                              |
| Janeiro   |                                                                  |
| 1         | 9                                                                |
| 2         | 16                                                               |
| 4         | 30                                                               |
| Fevereiro |                                                                  |
| 5         | 6                                                                |
| 7         | 20                                                               |
| 8         | 27                                                               |
| Março     |                                                                  |
| 9         | 6                                                                |
| 11        | 20                                                               |
| Abril     |                                                                  |
| 13        | 5                                                                |
|           |                                                                  |
| Maio      |                                                                  |
| 17        | 5                                                                |
| 19        | 19                                                               |
| 20        | 26                                                               |
| Junho     |                                                                  |
| 24        | 23                                                               |
| Agosto    |                                                                  |
| 25        | 28                                                               |
| Setembro  |                                                                  |
| 28        | 15                                                               |
| 29        | 22                                                               |
| Total 16  | Faltam: (13) – 3, 6, 10, 12, 14, 15, 16, 18, 21, 22, 23, 26 e 27 |
| 1928      |                                                                  |
| Agosto    |                                                                  |
| 25        | 28                                                               |
| 1930      |                                                                  |
| Novembro  |                                                                  |
| 31        | 6                                                                |
| 33        | 23                                                               |
| 34        | 30                                                               |
| Dezembro  |                                                                  |
| 35        | 7                                                                |
| 37        | 21                                                               |
| 38        | 28                                                               |

|             |                              |
|-------------|------------------------------|
| Total 6     | Faltam: (4) – 29, 30, 32, 36 |
| <b>1931</b> |                              |
| Janeiro     |                              |
| 39          | 4                            |
| 40          | 11                           |
| 41          | 18                           |
| 42          | 25                           |
| Fevereiro   |                              |
| 43          | 1                            |
| 44          | 8                            |
| 45          | 15                           |
| 46          | 22                           |
| Março       |                              |
| 47          | 1                            |
| 48          | 8                            |
| 49          | 15                           |
| 50          | 22                           |
| 51          | 29                           |
| Abril       |                              |
| 52          | 5                            |
| 53          | 12                           |
| 54          | 19                           |
| 55          | 26                           |
| Maio        |                              |
| 56          | 3                            |
| 57          | 10                           |
| 58          | 17                           |
| 59          | 24                           |
| 60          | 31                           |
| Junho       |                              |
| 61          | 14                           |
| 62          | 21                           |
| 63          | 28                           |
| Julho       |                              |
| 64          | 5                            |
| 65          | 12                           |
| 66          | 19                           |
| 67          | 26                           |
| Agosto      |                              |
| 69          | 9                            |
| 70          | 16                           |
| 71          | 23                           |
| 72          | 30                           |
| Setembro    |                              |
| 73          | 6                            |
| 74          | 13                           |
| 75          | 20                           |

|             |                           |
|-------------|---------------------------|
| 76          | 27                        |
| Outubro     |                           |
| 78          | 11                        |
| 79          | 18                        |
| 80          | 25                        |
| Novembro    |                           |
| 81          | 1                         |
| 82          | 8                         |
| 83          | 15                        |
| 85          | 29                        |
| Dezembro    |                           |
| 86          | 6                         |
| 87          | 13                        |
| 88          | 27                        |
| Total 47    | Faltam (3): 68, 77,<br>84 |
| <b>1932</b> |                           |
| Janeiro     |                           |
| 89          | 3                         |
| 90          | 10                        |
| 91          | 17                        |
| 92          | 24                        |
| 93          | 31                        |
| Fevereiro   |                           |
| 94          | 7                         |
| 95          | 14                        |
| 96          | 21                        |
| Março       |                           |
| 97          | 6                         |
| 98          | 13                        |
| 99          | 20                        |
| 100         | 27                        |
| Abril       |                           |
| 101         | 3                         |
| 102         | 10                        |
| 103         | 17                        |
| 104         | 24                        |
| Maio        |                           |
| 105         | 1                         |
| 106         | 15                        |
| 107         | 22                        |
| 108         | 29                        |
| Junho       |                           |
| 109         | 5                         |
| 110         | 12                        |
| 111         | 26                        |
| Julho       |                           |
| 113         | 10                        |

|             |                                       |
|-------------|---------------------------------------|
| 114         | 17                                    |
| Total 25    |                                       |
| <b>1933</b> |                                       |
| Julho       |                                       |
| 115         | 5                                     |
| 117         | 16                                    |
| 118         | 23                                    |
| 119         | 30                                    |
| Agosto      |                                       |
| 120         | 6                                     |
| 121         | 13                                    |
| 122         | 20                                    |
| 123         | 27                                    |
| Setembro    |                                       |
| 125         | 10                                    |
| 126         | 17                                    |
| 127         | 24                                    |
| Outubro     |                                       |
| 129         | 15                                    |
| 130         | 22                                    |
| 130         | 29                                    |
| Novembro    |                                       |
| 132         | 5                                     |
| 133         | 12                                    |
| 135         | 26                                    |
| Dezembro    |                                       |
| 136         | 10                                    |
| 137         | 17                                    |
| 138         | 24                                    |
| 139         | 31                                    |
| Total 23    | Faltam (5) 116, 124,<br>128, 131, 134 |
| <b>1934</b> |                                       |
| Janeiro     |                                       |
| 140         | 9                                     |
| 141         | 21                                    |
| 142         | 28                                    |
| Fevereiro   |                                       |
| 143         | 4                                     |
| 144         | 11                                    |
| 145         | 18                                    |
| 146         | 25                                    |
| Março       |                                       |
| 147         | 4                                     |
| 148         | 11                                    |
| 149         | 18                                    |
| 150         | 25                                    |
| Abril       |                                       |

|             |                  |
|-------------|------------------|
| 151         | 3                |
| 152         | 15               |
| 153         | 22               |
| 154         | 29               |
| Maio        |                  |
| 155         | 6                |
| 156         | 13               |
| 157         | 20               |
| 158         | 27               |
| Junho       |                  |
| 159         | 3                |
| 160         | 10               |
| 161         | 17               |
| 162         | 24               |
| Julho       |                  |
| 163         | 1                |
| 164         | 8                |
| 165         | 15               |
| 166         | 22               |
| 167         | 29               |
| Agosto      |                  |
| 168         | 5                |
| 169         | 12               |
| 170         | 26               |
| Setembro    |                  |
| 171         | 2                |
| 172         | 9                |
| 173         | 16               |
| 174         | 23               |
| 175         | 30               |
| Outubro     |                  |
| 176         | 11               |
| 177         | 21               |
| 178         | 28               |
| Novembro    |                  |
| 179         | 4                |
| 180         | 11               |
| 181         | 25               |
| Dezembro    |                  |
| 182         | 2                |
| 183         | 9                |
| 184         | 16               |
| 185         | 23               |
| 186         | 30               |
| Total 48    | Não falta nenhum |
| <b>1935</b> |                  |
| Maio        |                  |
| 187         | 18               |

|             |                  |
|-------------|------------------|
| 188         | 25               |
| Junho       |                  |
| 189         | 1                |
| 190         | 8                |
| 191         | 15               |
| 192         | 22               |
| 193         | 29               |
| Julho       |                  |
| 194         | 6                |
| 195         | 13               |
| 196         | 20               |
| 197         | 27               |
| Agosto      |                  |
| 198         | 3                |
| 199         | 10               |
| 200         | 17               |
| 201         | 24               |
| 202         | 31               |
| Setembro    |                  |
| 203         | 7                |
| 204         | 14               |
| 205         | 29               |
| Outubro     |                  |
| 206         | 5                |
| 207         | 12               |
| 208         | 19               |
| 209         | 31               |
| Novembro    |                  |
| 210         | 9                |
| 211         | 16               |
| 212         | 23               |
| 213         | 30               |
| Dezembro    |                  |
| 214         | 7                |
| 215         | 14               |
| 216         | 21               |
| 217         | 28               |
| Total 29    | Não falta nenhum |
| <b>1936</b> |                  |
| Janeiro     |                  |
| 218         | 7                |
| 219         | 11               |
| 220         | 18               |
| 221         | 25               |
| Fevereiro   |                  |
| 222         | 1                |
| 223         | 8                |
| 224         | 15               |

|          |    |
|----------|----|
| 225      | 22 |
| 226      | 29 |
| Março    |    |
| 227      | 7  |
| 228      | 14 |
| 229      | 21 |
| 230      | 28 |
| Abril    |    |
| 231      | 4  |
| 232      | 18 |
| 233      | 25 |
| Maio     |    |
| 234      | 2  |
| 235      | 9  |
| 236      | 16 |
| 237      | 23 |
| 238      | 30 |
| Junho    |    |
| 239      | 6  |
| 240      | 13 |
| 241      | 20 |
| 242      | 27 |
| Julho    |    |
| 243      | 4  |
| 244      | 11 |
| 245      | 18 |
| 246      | 25 |
| Agosto   |    |
| 247      | 1  |
| 248      | 8  |
| 249      | 15 |
| 250      | 22 |
| 251      | 29 |
| Setembro |    |
| 252      | 4  |
| 253      | 12 |
| Outubro  |    |
| 256      | 3  |
| 257      | 10 |
| 259      | 24 |
| 260      | 31 |
| Novembro |    |
| 262      | 14 |
| 263      | 21 |
| 264      | 28 |
| Dezembro |    |
| 265      | 5  |
| 266      | 12 |

|             |                                    |
|-------------|------------------------------------|
| 268         | 26                                 |
| 267         | 19                                 |
| Total 47    | Faltam (4) – 254,<br>255, 258, 261 |
| <b>1937</b> |                                    |
| Janeiro     |                                    |
| 269         | 2                                  |
| 270         | 9                                  |
| 271         | 16                                 |
| 272         | 23                                 |
| 273         | 31                                 |
| Fevereiro   |                                    |
| 275         | 13                                 |
| 276         | 20                                 |
| 277         | 27                                 |
| Março       |                                    |
| 278         | 6                                  |
| 279         | 13                                 |
| 280         | 20                                 |
| 281         | 27                                 |
| Abril       |                                    |
| 282         | 3                                  |
| 283         | 10                                 |
| 284         | 24                                 |
| Maio        |                                    |
| 286         | 1                                  |
| 287         | 8                                  |
| 288         | 15                                 |
| 290         | 29                                 |
| Junho       |                                    |
| 291         | 5                                  |
| 292         | 12                                 |
| 294         | 26                                 |
| Julho       |                                    |
| 295         | 3                                  |
| 296         | 10                                 |
| 297         | 17                                 |
| 298         | 24                                 |
| Agosto      |                                    |
| 299         | 7                                  |
| 300         | 14                                 |
| 301         | 21                                 |
| 302         | 28                                 |
| Setembro    |                                    |
| 303         | 4                                  |
| 304         | 11                                 |
| 305         | 18                                 |
| Outubro     |                                    |

|             |                                         |
|-------------|-----------------------------------------|
| 307         | 2                                       |
| 308         | 9                                       |
| 309         | 16                                      |
| 310         | 23                                      |
| 311         | 30                                      |
| Novembro    |                                         |
| 312         | 6                                       |
| 313         | 13                                      |
| 314         | 20                                      |
| 315         | 27                                      |
| Dezembro    |                                         |
| 316         | 4                                       |
| 317         | 11                                      |
| 318         | 18                                      |
| Total 45    | Faltam (5) – 274,<br>285, 289, 293, 306 |
| <b>1938</b> |                                         |
| Janeiro     |                                         |
| 1 (319)     | 9                                       |
| 2 (320)     | 15                                      |
| 3 (321)     | 22                                      |
| 4 (322)     | 29                                      |
| Fevereiro   |                                         |
| 5 (323)     | 5                                       |
| 6 (324)     | 12                                      |
| 8 (326)     | 26                                      |
| Março       |                                         |
| 9 (327)     | 5                                       |
| 10 (328)    | 19                                      |
| 11 (329)    | 26                                      |
| Abril       |                                         |
| 12 (340)    | 2                                       |
| 13 (341)    | 9                                       |
| 14 (342)    | 17                                      |
| 15 (343)    | 23                                      |
| 16 (344)    | 30                                      |
| Maio        |                                         |
| 17 (345)    | 07                                      |
| 18 (346)    | 14                                      |
| 19 (347)    | 21                                      |
| 20 (348)    | 28                                      |
| Junho       |                                         |
| 21 (349)    | 04                                      |
| 22 (350)    | 11                                      |
| 24 (352)    | 25                                      |
| Julho       |                                         |
| 25 (354)    | 02                                      |
| 26 (355)    | 09                                      |

|             |                                             |
|-------------|---------------------------------------------|
| 27 (356)    | 16                                          |
| 28 (357)    | 23                                          |
| 29 (358)    | 30                                          |
| Agosto      |                                             |
| 30 (359)    | 06                                          |
| 31 (360)    | 13                                          |
| 32 (361)    | 20                                          |
| 33 (362)    | 27                                          |
| Setembro    |                                             |
| 34 (363)    | 03                                          |
| 35 (364)    | 10                                          |
| 36 (365)    | 17                                          |
| 37 (366)    | 24                                          |
| Outubro     |                                             |
| 38 (367)    | 1                                           |
| 39 (368)    | 08                                          |
| 40 (369)    | 15                                          |
| 41 (370)    | 22                                          |
| Novembro    |                                             |
| 43 (372)    | 05                                          |
| 44 (373)    | 12                                          |
| 45 (374)    | 19                                          |
| 46 (375)    | 26                                          |
| Dezembro    |                                             |
| 47 (376)    | 03                                          |
| 48 (377)    | 10                                          |
| 49 (378)    | 17                                          |
| 50 (379)    | 21                                          |
| 51 (380)    | 31                                          |
| Total: 48   | Faltam(3) – 7 (325),<br>22 (351), 42 (371). |
| <b>1939</b> |                                             |
| Janeiro     |                                             |
| 372         | 14                                          |
| 373         | 21                                          |
| 374         | 28                                          |
| Fevereiro   |                                             |
| 376         | 11                                          |
| 377         | 18                                          |
| 378         | 25                                          |
| Março       |                                             |
| 379         | 04                                          |
| 380         | 11                                          |
| 381         | 18                                          |
| 382         | 25                                          |
| Abril       |                                             |
| 383         | 01                                          |
| 385         | 22                                          |

|           |                                                                              |
|-----------|------------------------------------------------------------------------------|
| 386       | 29                                                                           |
| Maio      |                                                                              |
| 388       | 13                                                                           |
| Junho     |                                                                              |
| 393       | 24                                                                           |
| Julho     |                                                                              |
| 395       | 08                                                                           |
| 398       | 29                                                                           |
| Agosto    |                                                                              |
| 399       | 05                                                                           |
| 400       | 12                                                                           |
| 401       | 19                                                                           |
| 402       | 26                                                                           |
| Setembro  |                                                                              |
| 404       | 09                                                                           |
| 405       | 16                                                                           |
| 406       | 23                                                                           |
| 407       | 30                                                                           |
| Outubro   |                                                                              |
| 408       | 07                                                                           |
| 409       | 14                                                                           |
| 410       | 21                                                                           |
| 411       | 28                                                                           |
| Novembro  |                                                                              |
| 412       | 04                                                                           |
| 413       | 11                                                                           |
| 414       | 18                                                                           |
| 415       | 25                                                                           |
| Dezembro  |                                                                              |
| 416       | 02                                                                           |
| 417       | 09                                                                           |
| 418       | 16                                                                           |
| 419       | 23                                                                           |
| 420       | 30                                                                           |
| Total: 38 | Faltam (11): 375,<br>384, 387, 389, 390,<br>391, 392, 394, 396,<br>397, 403, |
| 1940      |                                                                              |
| Janeiro   |                                                                              |
| 421       | 9                                                                            |
| 422       | 13                                                                           |
| 423       | 20                                                                           |
| 424       | 27                                                                           |
| Fevereiro |                                                                              |
| 425       | 3                                                                            |
| 426       | 10                                                                           |
| 427       | 17                                                                           |
| 428       | 24                                                                           |

|          |    |
|----------|----|
| Março    |    |
| 429      | 2  |
| 430      | 9  |
| 431      | 16 |
| 432      | 30 |
| Abril    |    |
| 433      | 6  |
| 434      | 13 |
| 435      | 20 |
| 436      | 27 |
| Maio     |    |
| 437      | 4  |
| 438      | 11 |
| 439      | 18 |
| 440      | 25 |
| Junho    |    |
| 441      | 1  |
| 442      | 8  |
| 443      | 15 |
| 444      | 22 |
| 445      | 29 |
| Julho    |    |
| 446      | 6  |
| 447      | 13 |
| 448      | 20 |
| 449      | 27 |
| Agosto   |    |
| 450      | 3  |
| 451      | 10 |
| 452      | 17 |
| 453      | 24 |
| 454      | 31 |
| Setembro |    |
| 455      | 7  |
| 456      | 14 |
| 457      | 21 |
| 458      | 28 |
| Outubro  |    |
| 459      | 5  |
| 460      | 12 |
| 461      | 19 |
| 462      | 26 |
| Novembro |    |
| 463      | 2  |
| 464      | 9  |
| 465      | 18 |
| 466      | 23 |
| Dezembro |    |

|           |                     |
|-----------|---------------------|
| 468       | 7                   |
| 469       | 14                  |
| 470       | 21                  |
| Total: 49 | Falta (2): 467, 471 |
| 1941      |                     |
| Janeiro   |                     |
| 472       | 4                   |
| 473       | 11                  |
| 474       | 18                  |
| 475       | 25                  |
| Fevereiro |                     |
| 476       | 1                   |
| 477       | 8                   |
| 478       | 15                  |
| 479       | 22                  |
| Março     |                     |
| 480       | 1                   |
| 481       | 8                   |
| 482       | 15                  |
| 483       | 22                  |
| 484       | 29                  |
| Abril     |                     |
| 485       | 5                   |
| 486       | 14                  |
| 488       | 26                  |
| Maio      |                     |
| 489       | 3                   |
| 490       | 10                  |
| 491       | 17                  |
| 492       | 24                  |
| 493       | 31                  |
| Junho     |                     |
| 494       | 7                   |
| 495       | 14                  |
| 496       | 21                  |
| 497       | 28                  |
| Julho     |                     |
| 498       | 5                   |
| 499       | 12                  |
| 500       | 19                  |
| 501       | 26                  |
| Agosto    |                     |
| 502       | 2                   |
| 503       | 9                   |
| 504       | 16                  |
| 505       | 23                  |
| 506       | 30                  |
| Setembro  |                     |

|           |                 |
|-----------|-----------------|
| 507       | 6               |
| 508       | 13              |
| 509       | 20              |
| 510       | 27              |
| Outubro   |                 |
| 511       | 4               |
| 512       | 11              |
| 513       | 18              |
| 514       | 25              |
| Novembro  |                 |
| 515       | 1               |
| 516       | 8               |
| 517       | 15              |
| 518       | 22              |
| 519       | 29              |
| Dezembro  |                 |
| 520       | 6               |
| 521       | 13              |
| 522       | 20              |
| 523       | 27              |
| Total: 51 | Faltam (1): 487 |
| 1942      |                 |
| Janeiro   |                 |
| 524       | 3               |
| 525       | 10              |
| 526       | 17              |
| 527       | 24              |
| 528       | 31              |
| Fevereiro |                 |
| 529       | 7               |
| 530       | 14              |
| 531       | 21              |
| 532       | 28              |
| Março     |                 |
| 533       | 7               |
| 534       | 14              |
| 535       | 21              |
| 536       | 28              |
| Abril     |                 |
| 537       | 4               |
| 538       | 11              |
| 539       | 18              |
| 540       | 25              |
| Maio      |                 |
| 541       | 2               |
| 542       | 9               |
| 543       | 16              |
| 544       | 23              |

|             |               |
|-------------|---------------|
| 545         | 30            |
| Junho       |               |
| 546         | 6             |
| 547         | 13            |
| 548         | 20            |
| 549         | 27            |
| Julho       |               |
| 550         | 4             |
| 551         | 11            |
| 552         | 18            |
| 553         | 25            |
| Agosto      |               |
| 554         | 1             |
| 555         | 8             |
| 556         | 15            |
| 557         | 22            |
| 558         | 29            |
| Setembro    |               |
| 559         | 5             |
| 560         | 12            |
| 561         | 19            |
| 562         | 26            |
| Outubro     |               |
| 563         | 3             |
| 564         | 10            |
| 565         | 17            |
| 566         | 24            |
| 567         | 31            |
| Novembro    |               |
| 568         | 7             |
| 569         | 14            |
| 570         | 21            |
| 571         | 28            |
| Dezembro    |               |
| 572         | 5             |
| 573         | 12            |
| 574         | 19            |
| 575         | 20            |
| Total: 52   | Não há faltas |
| <b>1943</b> |               |
| Janeiro     |               |
|             | 3             |
|             | 9             |
|             | 16            |
|             | 23            |
|             | 30            |
| Fevereiro   |               |
|             | 6             |

|          |    |
|----------|----|
|          | 13 |
|          | 20 |
|          | 27 |
| Março    |    |
|          | 6  |
|          | 13 |
|          | 20 |
|          | 27 |
| Abril    |    |
|          | 10 |
|          | 17 |
|          | 24 |
| Maio     |    |
|          | 8  |
|          | 15 |
|          | 22 |
|          | 29 |
| Junho    |    |
|          | 5  |
|          | 12 |
|          | 19 |
|          | 26 |
| Julho    |    |
|          | 3  |
|          | 10 |
|          | 17 |
|          | 24 |
|          | 31 |
| Agosto   |    |
|          | 7  |
|          | 14 |
|          | 21 |
|          | 28 |
| Setembro |    |
|          | 4  |
|          | 11 |
|          | 18 |
|          | 25 |
| Outubro  |    |
|          | 2  |
|          | 9  |
|          | 16 |
|          | 23 |
|          | 30 |
| Novembro |    |
|          | 6  |
|          | 13 |
|          | 20 |

|           |    |
|-----------|----|
|           | 27 |
| Dezembro  |    |
|           | 4  |
|           | 11 |
|           | 18 |
|           | 25 |
|           | 31 |
| 1944      |    |
| Janeiro   |    |
|           | 8  |
|           | 22 |
|           | 29 |
| Fevereiro |    |
|           | 5  |
|           | 12 |
|           | 19 |
|           | 26 |
| Março     |    |
|           | 4  |
|           | 11 |
|           | 18 |
|           | 25 |
| Abril     |    |
|           | 1  |
|           | 15 |
|           | 22 |
|           | 29 |
| Maio      |    |
|           | 6  |
|           | 13 |
|           | 20 |
|           | 27 |
| Junho     |    |
|           | 3  |
|           | 10 |
|           | 17 |
|           | 24 |
| Julho     |    |
|           | 1  |
|           | 8  |
|           | 15 |
|           | 22 |
|           | 29 |
| Agosto    |    |
|           | 5  |
|           | 12 |
|           | 19 |
|           | 26 |

|          |    |
|----------|----|
| Setembro |    |
|          | 2  |
|          | 9  |
|          | 16 |
|          | 23 |
| Outubro  |    |
|          | 7  |
|          | 14 |
|          | 21 |
| Novembro |    |
|          | 4  |
|          | 11 |
|          | 15 |
|          | 25 |
| Dezembro |    |
|          | 2  |
|          | 9  |
|          | 16 |
|          | 23 |
|          | 30 |